

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Elizabeth Yuko Haga

Nikkei: estrangeiro em seu país natal?

Um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2018**

Elizabeth Yuko Haga

***Nikkei*: estrangeiro em seu país natal?**

Um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, sob a orientação da Prof^a Dr^a Denise Gimenez Ramos.

**SÃO PAULO
2018
PUC/SP**

ERRATA

HAGA, Elizabeth Yuko. ***Nikkei: um estrangeiro em seu país natal? Um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses.*** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018, 154p.

FOLHA	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
Sumário	22	Definição Complementares	Outras Definições
31	12	[...] que acabam sendo	[...] que acabaram sendo
31	13	[...] soldados e colonos que são enviados	[...] soldados e colonos que foram enviados
54	1	Definições Complementares	Outras Definições
95	14		INCLUA-SE: DEZEM, R. Matizes do “amarelo”. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

FICHA CATALOGRÁFICA

HAGA, Elizabeth Yuko. *Nikkei: estrangeiro em seu país natal? Um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses.*

São Paulo: 2018, 214 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Área de concentração: Pós-Graduação em Psicologia Clínica.

Orientadora: Professora Doutora Denise Gimenez Ramos

Palavras-chave: Imigração japonesa. Identidade. Discriminação. Preconceito. Estigma. Nipo-descendentes. Nipo-brasileiros.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução parcial ou total desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que citada a fonte.

São Paulo, de 2018.

Banca Examinadora

*Dedico este trabalho ao futuro que já
se faz presente através das minhas
lindas e queridas:*

*Raquel, Eloísa e Beatriz
meio-nipo-descendentes*

*Gabriela e Ana Luísa
não-nipo-descendentes*

Agradeço ao apoio fornecido pela CAPES através da bolsa de estudos, sem o qual este trabalho não teria sido possível.
Processo nº 8888.7.147.640/2017-00

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, minha gratidão à Vida. Que embora por sendas eventualmente tortuosas, vem me conduzindo a experiências inusitadas, sem precedentes, por vezes angustiantes, outras agradáveis, algumas vezes esclarecedoras também... e sempre avante!

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof^a Dr^a Denise Gimenez Ramos, por acompanhar firmemente minha caminhada, algumas vezes incerta. Acolhendo dúvidas, medos e preocupações, apontando e instigando possibilidades, incentivando minha curiosidade e o espírito científico necessários à realização de uma boa pesquisa. Por compartilhar generosamente de sua experiência e de seus preciosos saberes.

Aos professores Liliana Liviano Wahba, Sylvia Duarte Dantas, Roberto Garcia e Maria Teresa Nappi Moreno, meu muito obrigada por aceitarem compor minha banca como titulares e suplentes.

Obrigada aos demais professores do curso, Liliana Liviano Wahba, Durval Luiz de Faria, Edna Peters Kahhale, pelas sempre bem-vindas e valiosas contribuições... Ao Roberto Garcia pelas dicas tão pertinentes.

Um agradecimento especial ao amigo Antonio Carlos Pedroso de Lima, pela generosa doação de seu precioso tempo e por se colocar sempre tão disponível.

À Maria G. R. Lima e à Maya Bellomo Johnson, por suas inestimáveis ajudas de quase última hora.

À Maria Irene Neta por sua gentileza e disponibilidade.

Aos muito queridos colegas de curso, que numa alternância de “gerações semestrais” tive a grande alegria de encontrar e com quem tive a oportunidade de compartilhar saberes, ideias, experiências, devaneios, inquietações, angústias, muitos abraços, boas risadas, e alguns raros e caros momentos de descontração.

Aos grupos de orientação... no plural, pois afinal também se modificaram ao sabor das tais “gerações semestrais”, quando seguiam suas órbitas.

Aos queridos amigos do consultório, pela boa convivência.

Ao Rubens e ao Cesar, por segurarem muitas barras nos “bastidores”, e pelo acolhimento amoroso e generoso, cada um a seu modo.

Gratidão a todos que inspiraram e alimentaram questionamentos que fizeram conceber o tema de minha pesquisa. Àqueles que me permitem e me permitiram acompanhar sua jornada e seus processos.

E também aos participantes/entrevistados que tão generosamente me relataram parte de suas preciosas experiências de vida.

Obrigada às queridas amigas (e também colegas de profissão) dos grupos de estudos diversos, dos quais andei meio sumida nos últimos anos e de quem estou morrendo de saudades.

Um obrigado muito especial à minha família de origem: aos meus pais Paulo e Kazuko (*in memoriam*) pelas raízes legadas, ainda que involuntariamente, e que forjaram grande parte daquilo que sou.

Aos meus irmãos: Tetsuo e Alice, grandes sócios nas heranças recebidas de nossos ancestrais.

E também aos meus cunhados: Maria Cecília, Wilson, Roberto, Daniela; e às sobrinhas: Raquel, Eloísa, Beatriz, Gabriela e Ana Luísa, pelo seu afeto.

Fernando, meu grande amor, companheiro de estrada, consultor técnico e informático, assistente oficial de assuntos gerais e aleatórios, cúmplice e esteio de muitas aventuras e/ou desventuras... nem tenho como lhe agradecer por tudo que temos compartilhado em nossa já longa jornada. Ao Socks e à Mimi, pelos carinhos totalmente incondicionais, “roubados” em meio às tarefas.

RESUMO

HAGA, Elizabeth Yuko. ***Nikkei: um estrangeiro em seu país natal? Um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses.*** 2018. 154p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

Este estudo teve por objetivo principal investigar se filhos e netos de imigrantes japoneses se sentem ou se já se sentiram como alvo de discriminação, preconceito ou estigmatização devido à sua ascendência. Os objetivos secundários foram avaliar se eles se sentem mais identificados com a cultura brasileira ou com a japonesa, e se há diferenças entre filhos e netos quanto a esses sentimentos. Com essa finalidade, foram entrevistadas 31 pessoas (22 mulheres e 9 homens), dos quais eram 13 filhos e 18 netos, na faixa etária entre 50 e 65 anos de idade. A seleção desses participantes foi realizada a partir de divulgação pelas redes sociais da pesquisadora. O método utilizado foi o qualitativo e o quantitativo. Os resultados foram categorizados e analisados pelos referenciais da psicologia analítica e alguns constructos das ciências sociais. Os resultados apontaram afirmativamente para vivências de discriminação no período da infância à juventude, ambiguidades em relação à dupla raiz cultural, com possibilidades de elaboração dos conflitos no momento presente. Concluiu-se que não há diferenças entre sexos ou gerações.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Identidade. Discriminação. Preconceito. Estigma. Nipo-descendentes. Nipo-brasileiros.

ABSTRACT

HAGA, Elizabeth Yuko. ***Nikkeis: foreigners in their native country? A study about identity, stigma and prejudice with children and grandchildren of Japanese immigrants.*** 2018. 154p. Dissertation (Master's Degree in Clinical Psychology) – Núcleo de Estudos Janguianos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

The aim of the present study was to investigate whether the children and grandchildren of Japanese immigrants in Brazil feel or have ever felt like victims of discrimination, prejudice or stigmatization due to their origins. The secondary goals were to assess whether they identified more with Brazilian or Japanese culture, and whether there were differences in these feelings between the children and grandchildren. To this end, 31 people were interviewed (22 women and 9 men), of which 13 were children and 18, grandchildren, between 50 and 65 years old. Participants were recruited through the researcher's online social networks. The method was qualitative and quantitative. The results were categorized and analyzed using the analytical psychology framework and some constructs from the social sciences. The results showed that the participants experienced discrimination in their childhood and youth, and ambiguity regarding their bicultural roots, with possibilities of working these conflicts at the present time. There were no differences between genders or generations.

Key words: Japanese immigration. Identity. Discrimination. Prejudice. Stigma. Japanese descendents. Japanese-Brazilians.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	16
1.1 INTROITO	16
1.1.1 Memórias	16
1.2 JUSTIFICATIVAS	19
2.REVISÃO DE LITERATURA	24
3.UMA BREVE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA AO BRASIL	29
3.1 O JAPÃO – DAS ORIGENS À IMIGRAÇÃO AO BRASIL	29
3.2 ADAPTAÇÃO AO BRASIL	33
3.3 ASPECTOS CULTURAIS JAPONESES	36
3.3.1 Educação	36
3.3.2 Sociedade e família	37
3.3.2.1 O casamento e o papel da mulher	40
3.3.2.2 <i>Samurai</i>	41
3.3.2.3 <i>Ganbatte/Ganbaru</i>	42
3.3.2.4 Religião	43
3.4 O TRANSPLANTE PARA O BRASIL	44
4. CONSTRUCTOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	47
4.1 IDENTIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA	47
4.2 INDIVIDUAÇÃO E A SEGUNDA METADE DA VIDA	48
4.3 TEORIA DOS COMPLEXOS	50
4.4 COMPLEXO CULTURAL	51
5. DEFINIÇÃO COMPLEMENTARES	54
5.1 IDENTIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	54
5.2 PRECONCEITO E ESTEREÓTIPO	56
5.3 ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO	58
6. MÉTODO	60
6.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO	60
6.2 OBJETIVOS	60

6.3 PARTICIPANTES	60
6.3.1 Critérios de inclusão	60
6.3.2 Critérios de exclusão	61
6.4 PROCEDIMENTOS	61
6.4.1 Seleção dos participantes	61
6.4.2 Coleta de dados	61
6.4.3 Instrumentos de coleta de dados	62
6.5 CUIDADOS ÉTICOS	62
6.5.1 Comitê de Ética	62
6.5.2 Identificação dos participantes	62
6.6 DEVOLUTIVA	63
7. RESULTADOS	64
7.1 QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO	65
7.2 INVENTÁRIO DE AVALIAÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO.....	66
7.3 ENTREVISTAS	67
7.4 CATEGORIAS	68
7.4.1 Discriminação	68
a) pelas feições orientais	68
b) pelo nome/sobrenome	70
c) por preconceito	71
7.4.2 Estigma	72
7.4.3 Autoestima	73
7.4.4 Questão de gênero (desvalorização da mulher na cultura)	74
7.4.5 Descendentes de <i>okinawanos</i>	75
7.4.6 Identidade ambígua	77
7.4.7 Resgate identitário	81
7.5 A SENHORA K E UMA EXPERIÊNCIA DE DISCRIMINAÇÃO.....	84
8. ANÁLISE E DISCUSSÃO	85
8.1 UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE	85
8.2 COMPLEXO CULTURAL	86
8.3 DESCENDENTES DE <i>OKINAWANOS</i>	87

8.4 A SENHORA K E O PAPEL FEMININO NA CULTURA JAPONESA	88
8.5 GANBATTE! E OUTRAS “JAPONICIDADES”	90
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
GLOSSÁRIO	100
APÊNDICE A - Questionário de identificação	105
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada	106
APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido	107
APÊNDICE D - Depoimento Senhora K	109
APÊNDICE E - Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado pelas feições orientais?	111
APÊNDICE F - Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado pelo nome/sobrenome japonês?.....	124
APÊNDICE G - Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado por algum outro motivo relacionado com a ascendência?	125
APÊNDICE H - Em qual das culturas você se sente mais inserido / identificado?	158
APÊNDICE I - Relatos importantes/interessantes que podem estar relacionados a algum tipo de resgate identitário por parte do entrevistado	166
APÊNDICE J – Entrevistados	171
ANEXO A - Inventário de avaliação do sentimento de pertencimento	172
ANEXO B – Análise Quantitativa	173

1. INTRODUÇÃO

1.1. Introito

Como neta de imigrantes japoneses, nascida e criada no Brasil, desde muito cedo, vivencio um sentimento de estranheza. É como se eu não tivesse raízes fincadas no solo, ou como se fosse um extraterrestre, caído por acidente no planeta Terra. Sinto-me como estrangeira em meu país natal, apesar de constatar, tanto na certidão de nascimento como no documento de identidade, que minha nacionalidade é brasileira.

1.1.1. Memórias

Não me lembro quantos anos tinha, nem qual a pergunta que fiz ao meu pai sobre determinado assunto, do qual também não me lembro mais. Lembro apenas de sua resposta, curta e grossa: “é porque a gente é japonês”. Esta resposta me causou um mal-estar que eu não sabia entender...

Lembro-me de assistir a um desenho animado na TV ainda em preto e branco, muito antigo... acho que não era falado, mas tinha uma trilha sonora que era talvez uma música clássica, ou não. Era a estória de animais personificados, famílias de animais, que aguardavam ansiosamente os seus filhotes, que seriam trazidos pelo sr. Cegonha. Ele vestia uma roupa de carteiro ou entregador (tinha um quepe e um colete). No Céu, ele recebia o bebê e o endereço de entrega.

Eram bebês elefantes, jacarés, pássaros, ursos, cobras, enfim, de todas as espécies... a cada entrega, a família, feliz com seu bebê, comemorava e incluía o sr. Cegonha, geralmente dando-lhe uma taça de champanhe para brindar a chegada do recém-nascido. Assim, de entrega em entrega, de casa em casa, o pequeno ritual se repetia e o sr. Cegonha ia ficando cada vez mais embriagado, até que começou a entregar bebês em famílias erradas. Como bebê jacaré para família de pássaros, bebê girafa em casa de leões, e assim por diante.

Todos iam ficando assustados e nervosos, e em vez de comemorar, atiravam coisas no sr. Cegonha e o jogavam para fora de suas casas, e nem sempre conseguiam

se livrar dos bebês errados. Não lembro qual era o desfecho dessa estória, mas certamente o “chefe” do sr. Cegonha o repreendia pela falta de responsabilidade.

Tudo isso se amalgamava dentro de mim, fazendo-me deparar com o sentimento de estar na casa errada, na família errada e, por que não, na etnia errada... no corpo errado. Buscava nas fotos da família, indícios de que eu não pertencia a ela... que algum dia me encontraram no lixo... que eu fora adotada... buscava nas fotos, indícios de que era preterida... de que houvera algum engano...

Muitas vezes, só me lembrava de ser “japonesa” quando me olhava no espelho. Meus pais e meus avós falavam misturado: japonês com um pouco de português, com sotaque bem acentuado. Não tenho certeza se eu tinha vergonha do sotaque dos meus pais... deles “fararem erado”. Acho que às vezes sim, às vezes não. Como até os 3 anos de idade eu só falava japonês, eu entendia bem, e acho que aos poucos, fui perdendo familiaridade com a língua.

Em vez de ampliar e enriquecer o vocabulário, eu me distanciava cada vez mais. Aprender a ler/escrever em português foi uma das grandes felicidades de minha vida, pois abriu muitas portas para a leitura. Eu gostava tanto de ler, que lia de tudo... desde gibis, jornais que forravam o chão do banheiro, livros infantis e adultos. Aprendi até a ler de ponta cabeça, para “roubar” nas cruzadinhas, para que meus irmãos não percebessem que eu não sabia completar determinados espaços do jogo...

Enquanto eu me alfabetizava em português, minha mãe tentou, bravamente, alfabetizar-me em japonês também. Mas eu não conseguia memorizar. Nem mesmo os caracteres mais simples e que foram inventados para as mulheres, que não eram consideradas inteligentes, nem dignas para ler os ideogramas herdados da cultura chinesa.

Bem, mas é preciso lembrar que, até os meus 3 anos, a língua japonesa conhecida era uma espécie de linguagem infantil, cheia de palavras para gente pequena. Como quando falamos para uma criança pequena, em português, que o cachorro é au-au, e gato é miau... em japonês, inu¹ é wan-wan, e neko é nhan-nhan... a língua japonesa é cheia de onomatopeias. Mas também é cheia de hierarquização, tanto no vocabulário como, por exemplo, nos pronomes de tratamento... reflexos da estrutura social/familiar japonesa?

¹ As palavras em japonês, exceto os nomes próprios, estão grafadas em *italico* neste trabalho, e constam do Glossário.

Odiava meu nome do meio, porque as pessoas não pronunciavam corretamente. Nem professoras, diretora, colegas... ninguém... isso quando não erravam completamente o nome, isto é, quando o transformavam em outro nome qualquer... eu ficava com vergonha... vergonha da minha origem... e raiva da ignorância dos outros.

Do 5 aos 10 anos, eu me acostumara a ser “a única japonesinha” da classe. Ao entrar na 5ª série do 1º grau (atual 6º ano Fundamental), passei a ter mais contato com nipo-descendentes... havia montes deles na minha classe... meninas, meninos... nunca tive curiosidade de contar, mas arrisco que cerca de 40 a 50% dos alunos do colégio eram nikkeis. Daí me deparei com outras diferenças... a maioria deles havia frequentado o nihongakko junto com a escola primária. Fui conhecendo os nomes das escolas da região e suas atividades. Além da rotina de aprender a ler, escrever, falar e se comportar em japonês, eles participavam de atletismo e outras modalidades esportivas, havia competições/gincanas entre essas escolas. A participação nessas competições incluía adolescentes e jovens adultos, além dos mais velhos, que eram os “dirigentes” e organizadores dessas escolas e eventos.

Isso também foi um choque... eu sabia da existência dos nihongakko, conhecia crianças que os frequentavam – filhos de amigos de meus pais – mas nem eu, meus irmãos ou meus primos frequentavam. Talvez os primos que moram em outra cidade frequentassem, mas acho que nunca tive a curiosidade de perguntar sobre isso para eles.

Outra característica de diferenciação e exclusão... eu me sentia excluída, principalmente quando faziam “piadas internas”, que eu não entendia, por não fazer parte do contexto... e estranhava que as pessoas conhecessem outras, de outras séries, sem serem parentes... como eu e meus irmãos.

Na adolescência, não fiquei isenta dos questionamentos pertinentes a essa etapa do desenvolvimento... mas a eles, somava-se sempre um sentimento de culpa... como quando eu tentava usar sapatos de salto alto como minhas amigas, mas vivia torcendo os pés... quando chegou a moda dos tamancos de madeira e das sandálias de plástico, meus pés se machucavam com muita facilidade, formavam-se bolhas cuja pele se rompia, sangrando e ardendo terrivelmente... só podia ser culpa minha, por ter pés inadequados, por ser uma menina desajeitada e incompetente para usar calçados de mulher adulta, sem sê-lo ainda.

1.2. Justificativas

Desde sua infância, a pesquisadora ouviu vários relatos de alguns familiares e de outras pessoas conhecidas que visitaram o Japão, nos quais diziam que, embora fossem descendentes de japoneses, lá eram tratados como estrangeiros e, às vezes, com alguma hostilidade. Contavam também que nem todos os japoneses se mostravam condescendentes com pessoas que têm semblantes e sobrenomes japoneses, mas que não se portam como tais, pois não falam a língua e apresentam maneirismos inadequados.

A princípio a pesquisadora considerava que esse sentimento de “estrangeirismo” e seu conseqüente estranhamento, fosse peculiar e específico de alguns poucos conhecidos. Contudo, quando começou a atender pacientes de origem nipônica, passou a observar que muitas das dificuldades que eles traziam, pareciam relacionar-se, ainda que muito indireta e inconscientemente, a possíveis inaptações culturais, tanto no que se refere à cultura brasileira, quanto à japonesa.

No contexto clínico, a pesquisadora percebeu nos relatos de alguns nipo-descendentes que se sentem incomodados, muitas vezes, inadequados ao contexto do qual participam. Às vezes sentem-se inferiores às pessoas ou ao ambiente que os rodeiam, ou sentem-se rejeitados por eles. Em geral, parecem acreditar que tais sentimentos são gerados por sua própria culpa, por não atenderem às expectativas externas. Expectativas imaginárias, ou reais. O movimento *dekassegui* também parece confirmar que o nipo-brasileiro sente-se *gaijin* nos dois países, tanto no Brasil como no Japão (DANTAS et al., 2010, p.51), ou seja: não se sentem confortáveis/acolhidos em nenhum dos ambientes, como se houvesse algo errado consigo próprios.

Uma vez que suas observações clínicas pareciam coincidir com o que lhe dava a impressão de perceber nas pessoas de seu convívio, e com sua própria experiência pessoal, a pesquisadora sentiu-se instigada a investigar mais profundamente. Uma boa oportunidade surgiu com o curso de especialização em abordagem junguiana, que incluía uma monografia para obtenção do título

de especialista. Nasceu assim “A cultura *Samurai*” em *terra brasiliis*: um estudo junguiano sobre a identidade do nipo-brasileiro (HAGA, 2005).

Infelizmente, naquela época a pesquisadora não conseguiu aprofundar-se nesse estudo conforme esperava, pois o tempo disponível para tal não lhe possibilitou alcançar todas as expectativas imaginadas. Contudo, algumas questões importantes puderam ser levantadas naquela ocasião. Não há aqui a pretensão de responder a todas aquelas indagações, mas há sim a vontade de, ao menos retomar alguns dos caminhos indicados, sugeridos por elas.

É importante lembrarmos aqui, que a cidade de São Paulo foi e ainda é foco de diversas correntes migratórias, tanto estrangeiras quanto interestaduais e intermunicipais:

A história de São Paulo, desde a segunda metade do século XIX, não poderia ser escrita sem se considerar o fenômeno das correntes migratórias do mundo. De fato, para cá vieram pessoas de todos os continentes e de todos os estados brasileiros, num fenômeno de deslocamento populacional jamais presenciado antes em nossa história. (VÉRAS, 2003, p.53).

Essas correntes migratórias, fizeram de São Paulo “a maior cidade ‘libanesa’ fora do Líbano” (LESSER, 2008, p.209), assim como também é a maior cidade “japonesa” fora do Japão. Uma das ideias iniciais deste nosso estudo foi fazer um levantamento de informações circunscrito à cidade de São Paulo. Contudo, conforme o andamento da pesquisa, tornou-se necessário repensar tal intenção.

As migrações trazem como uma de suas consequências, a necessidade de adaptação do indivíduo, ou do grupo migrante ao seu novo habitat. Tal adaptação pode ocorrer de diversas maneiras, envolvendo um processo que a antropologia denomina aculturação (BERRY, 2004, p.31), pois o migrante é oriundo de uma determinada sociedade, de uma determinada cultura e vai viver em outra. Tal processo pode ocorrer através de algumas gerações.

Durante cerca de 110 anos, São Paulo vem participando do longo processo de adaptação/aculturação, provavelmente ainda em curso, dos imigrantes japoneses e de seus descendentes. Há vários anos a culinária japonesa já não se restringe à população nipo-descendente. Assim como

existem inúmeros restaurantes japoneses por toda a cidade, as outrora exóticas iguarias (*sushi*, *sashimi*) não são mais exclusividade sua e podem ser encontradas em restaurantes por quilo ou em churrascarias. Além disso, existem inúmeras lojas especializadas em produtos japoneses (alimentícios, utensílios, etc.), espalhadas por diversos bairros da cidade de São Paulo, e também em outras localidades no país, principalmente onde há maior concentração *nikkei*.

Na capital paulista, a comunidade está presente em vários bairros, não apenas na Liberdade, como foi no início do Século XX². Várias práticas culturais vêm sendo difundidas, tanto nas tradicionais associações, como também em outros espaços. Tais práticas também já não são restritas à população nipo-brasileira, estendendo-se a pessoas das mais variadas raízes. Destacamos como exemplos: modalidades esportivas (*judô*, *karatê*, *jiu-jitsu*, *kendô*, golfe, beisebol e softbol, gatebol, atletismo, entre outros), jogos (*gô*), modalidades artísticas e artesanais (*ikebana*, *origami*, *shodô* e *sumi-ê*, confecção de bonecas, cerâmica, etc.), cerimônia do chá. Na educação, além do ensino da língua japonesa, há o ensino do ábaco (*soroban*), do método *Kumon*, etc. Há também o cultivo de cerejeiras (*sakura*), de orquídeas e *bonsai*; e a criação de carpas (*koi*) e dos cães das raças *akita* e *shiba*.

Durante o processo de organização deste estudo, talvez por uma feliz coincidência (ou seria uma sincronicidade³?), a pesquisadora deparou-se com vinhetas nas redes sociais que mostravam cenas de orientais de ambos os sexos e de diferentes idades perguntando ao espectador, se alguma vez se sentiu discriminado ou se foi tratado de modo diferente devido a suas feições ou ao seu nome. Era o Coletivo Oriente-se⁴ numa espécie de reação a uma novela que estrearia no segundo semestre de 2016, num importante canal de televisão, cujo enredo era sobre uma família de nipo-descendentes. Os principais personagens

² Véras (2003) faz a cartografia dos estrangeiros distribuídos pelos bairros (territórios) da cidade de São Paulo, comparando informações referentes aos censos do IBGE nos anos de 1980, 1991 e 2000.

³ Conceito desenvolvido por Jung (2011a, p. 154¹¹⁶): “Por sincronicidade eu entendo [...] a coincidência, não raramente observada, de fatos subjetivos e objetivos, a qual não pode ser explicada causalmente, pelo menos com os meios e conhecimentos de que dispomos atualmente”.

⁴ <http://coletivoorientese.criadorlw.com.br/manifesto>. Acesso em 24-11-2017, 18:43; e <http://coletivoorientese.criadorlw.com.br/imprensa>. Acesso em 24-11-2017, 18:54.

orientais dessa novela seriam interpretados por talentosos e famosos atores, mas que, no entanto, não tinham origem nipo-brasileira.

A ação do Coletivo parecia apontar na direção de questões relacionadas com a identidade, com atitudes discriminatórias contra esses descendentes devido à sua origem étnica. Ao falar sobre identidade nacional em seu artigo, Santos (2010) a relaciona com etnicidade e imigração. Segundo esta autora,

...o nacionalismo possui um caráter étnico [...] e está ligado à ideia de pertencimento, justamente por isso o imigrante, que possui uma identidade dupla, é uma contradição [...] O problema do duplo pertencimento se coloca frequentemente a partir da segunda geração de imigrantes. (p.30-31)

Portanto, nosso objetivo é investigar junto ao descendente de japoneses (*nikkei*), se este se sente ou já se sentiu como alvo de discriminação, preconceito ou estigmatização devido à sua ascendência. Se ele se sente mais identificado/inserido em alguma das duas culturas: japonesa ou brasileira (sentimento de pertença/pertencimento).

A princípio, pensou-se na escolha apenas de netos (*sanseis*) dos imigrantes japoneses, pressupondo que talvez um distanciamento maior dos momentos iniciais de adaptação ao país escolhido por seus ascendentes, permitisse maior clareza de suas experiências, em relação à geração que os precedeu. Contudo, após a distribuição da carta-convite, surgiram interessados em participar da pesquisa que eram filhos (*nisseis*) de imigrantes japoneses. Além disso, muitos que achavam ser *sanseis*, descobriam ser *nisseis* no momento da entrevista, pelos critérios “oficiais” que definem essa classificação (Ver Apêndice A). Decidiu-se portanto, incluí-los no estudo pois abria-se a possibilidade de comparar possíveis diferenças entre as gerações.

No segundo capítulo, realizamos uma revisão bibliográfica, na qual optamos por priorizar pesquisas de pós-graduação e artigos publicados em revistas científicas recentes, nas quais se estudaram questões de identidade, sentimentos de exclusão e/ou baixa auto-estima, preconceito, racismo, estigmatização, vividos por descendentes de imigrantes orientais. Tanto pesquisas realizadas no Brasil, quanto no exterior. Acreditamos que esse

material pode ajudar a conduzir, ou mesmo complementar as discussões posteriores.

O terceiro capítulo faz um panorama histórico da imigração japonesa no Brasil, assim como traz aspectos culturais importantes para compreensão dos alicerces que forjaram os nipo-descendentes.

O quarto capítulo refere-se às bases teóricas da psicologia analítica que nos auxiliarão a nortear a discussão final. Além disso não seria possível prescindir de um capítulo, o quinto, com as definições de estigma, preconceito e discriminação no contexto das ciências sociais, numa visão que contemple a realidade dos dias atuais; momento no qual os olhares se elevam para lidarmos com as diversidades.

O método utilizado, assim como os objetivos do estudo estão descritos no sexto capítulo. Os resultados obtidos são apresentados no sétimo capítulo. Faremos a análise e a discussão no oitavo capítulo e, finalmente, as conclusões no nono capítulo

Esperamos que este estudo possa contribuir, ainda que indiretamente, para que o psicólogo clínico lide melhor com pessoas de etnias/culturas muitas vezes diferentes da sua própria. Pois algumas queixas podem ser resultantes do próprio processo de adaptação étnico e/ou cultural do descendente de imigrantes, ou seja, podem se tratar dos sintomas de um complexo cultural.

2. REVISÃO DE LITERATURA

As primeiras incursões na pesquisa bibliográfica levaram a obras principalmente nas áreas de História, Sociologia, Antropologia e Psicologia Social. Certamente essas obras têm uma grande importância, já que nos fornecem alicerce para nossas reflexões.

Existe uma ampla gama de literatura recente, voltada para fenômenos que observamos a nível mundial, principalmente para os novos movimentos migratórios. Em parte, estes podem estar reproduzindo movimentos já ocorridos no passado, contudo há um diferencial nos dias atuais, que é a facilidade e a rapidez na transmissão de informações, que podem estar evidenciando uma diferença qualitativa.

Embora os avanços tecnológicos tenham sido surpreendentemente velozes a partir do século XX, determinados processos psicológicos humanos podem não ter avançado tanto quanto a tecnologia. É possível que sua velocidade de processamento tenha se acelerado. Mas o importante aqui é que os estudos e pesquisas acerca desses fenômenos também têm se multiplicado, quem sabe apontando para uma conscientização maior desses processos pelos indivíduos que os vivem.

Preferimos, portanto, salientar pesquisas de pós-graduação e artigos em revistas científicas mais recentes, que trazem assuntos relativos a questões identitárias, sentimentos de exclusão e/ou baixa autoestima e também a preconceito, racismo, estigmatização e outros afins, vividos por descendentes de imigrantes orientais.

Em 2005, Karina Midori Ishimori apresentou sua dissertação de Mestrado em Psicologia Social na PUC-SP. Sua pesquisa foi realizada com adolescentes de 2º e 3º anos do ensino médio, na tentativa de se aproximar dos “sentidos e significados” que busca compreender:

O que chamava minha atenção em relação a essa população era a questão da baixa auto-estima. É interessante verificar que na história

da imigração japonesa, a comunidade *nikkei* do Brasil vive, de tempos em tempos, sentimentos ora de orgulho ora de vergonha da sua ancestralidade. Por diversos momentos e motivos distintos, esses sentimentos parecem estar intrinsecamente relacionados com as experiências históricas adquiridas antes da imigração para o Brasil, no Brasil e agora no “retorno” ao Japão, com o ser ou não ser brasileiro, ser ou não ser japonês e também a relação do descendente com o seu próprio corpo. (ISHIMORI, 2005, p. 2)

Nesse estudo, um dos aspectos encontrados por Ishimori (2005), é que as adolescentes de origem japonesa não estão satisfeitas com sua aparência física, talvez porque seus referenciais de beleza estejam bastante ocidentalizados.

A dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica de Gláucia C. T. Sawaguchi foi realizada em 2013, também na PUC/SP. Nela, a autora busca observar através do desenho de crianças, filhos de *ex-dekasseguis* que retornaram ao Brasil, como elas se adaptaram e como vivenciam seu processo de adaptação ao país:

Apesar de possuírem cidadania brasileira, muitas delas não conhecem o país. Portanto, a sua condição, ao chegarem ao Brasil, não é de crianças retornadas, mas sim de crianças imigrantes. (SAWAGUCHI, 2013, p.21)

Os esforços da criança *nikkei* para “entrar” na cultura japonesa e ser aceita por ela pode trazer um “falso sentimento” de pertencer a essa cultura, pois o sentir como um povo inteiro é melhor do que ser apenas uma simples pessoa. O voltar-se a si próprio, lembrar-se de quem é, que tem pais que não são japoneses e que tem outros costumes em casa pode significar motivos para *ijime* (bullying) e a consequente exclusão do grupo. (SAWAGUCHI, 2013, p. 56)

Em ambos estudos, suas autoras trazem a importância da questão de identidade e do sentimento de pertencer a um grupo de referência. O estudo de Sawaguchi nos leva a indagar o que, ou quem seria esse grupo de referência para essas crianças. Seus pais, descendentes de japoneses nascidos no Brasil?

Além dessas dissertações, foram encontrados artigos publicados em revistas científicas. Tanto em revistas brasileiras como estrangeiras, principalmente de universidades dos Estados Unidos.

Dentre os artigos brasileiros, o primeiro destaque é para uma pesquisa que teve o objetivo de “identificar a identidade social de japoneses residentes na Grande Vitória (ES) [...] verificando-se também a existência de indícios de

preconceito ou de tratamento discriminatório”. (SUDA; SOUZA, 2006, p.72) O principal instrumento deste estudo foi o relato oral de 20 pessoas de ascendência japonesa, e em suas considerações finais, os autores descrevem:

Identificamos também indícios de discriminação e percepção de preconceito, com prejuízo para as relações cotidianas, conforme alguns participantes, como consequência do estereótipo associado aos japoneses. Há um sentimento de exclusão nos ambientes em que supostamente todos os japoneses se destacam (escola, trabalho) e, em situações de competição, há a utilização de estereótipos para identificar e excluir os japoneses. (SUDA; SOUZA, 2006, p. 79)

Outro artigo que consideramos merecer nossa atenção foi o de Marcia Takeuchi, publicado em 2008 na revista USP. Nesse ano, comemorou-se oficialmente o centenário do início da imigração japonesa ao Brasil, e em seu texto, a autora traça o percurso desse processo que começou bem antes da data oficial. A princípio, os japoneses não foram considerados adequados, tanto do ponto de vista político como racial (TAKEUCHI, 2008); opinião que foi maximizada pela guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e também, devido a conflitos ocorridos nos Estados Unidos entre trabalhadores japoneses e brancos. Formou-se assim, o ‘antiniponismo’ no Brasil que:

... conjugava, portanto, a denúncia do imperialismo japonês no Brasil ao nacionalismo, e a *praxis* originada desse discurso intolerante foi a iniciativa liderada pelo *Jornal do Commercio* (RJ), na figura de ... seu proprietário, que abria espaço em seu jornal para os ataques aos imigrantes japoneses... (TAKEUCHI, 2008, p.177)

Tal situação se intensificou no período da Segunda Guerra Mundial, quando “foram profusas as caricaturas e as charges que condensavam, em seus poucos traços, os estereótipos atribuídos aos nipônicos”. (TAKEUCHI, 2008, p. 179)

Com esses dois artigos, confirma-se o longo histórico das questões de preconceito, estereotipia, discriminação contra os japoneses e seus descendentes. O próprio deslocamento da migração japonesa no início do século XX, dos Estados Unidos para o Brasil, teve sua motivação causada por questões raciais e a exacerbação do chamado “movimento antijaponês” naquele país (SAKURAI, 2007, p. 239)

Em artigo publicado em 2011 na revista *Psicologia em Estudo*, da Universidade Estadual de Maringá (PR), os autores fazem uma análise de onze

escalas, das quais seis mensuravam o estigma internalizado relativo a transtornos mentais. Eles denominam 'estigma internalizado':

um fenômeno processual que se estabelece, à medida em que o indivíduo torna-se consciente de sua condição de estigmatizado, concorda e aplica a si próprio os estereótipos negativos sobre seu transtorno. (SOARES et al., 2011)

Neste levantamento, chegou-se à conclusão que os Estados Unidos são o país que mais desenvolve e publica estudos sobre estigma internalizado, e que os mais pesquisados são sobre transtornos mentais. E também que não existem estudos de validação ou de construção de escalas desse tipo de estigma no Brasil.

Dentre os artigos norte-americanos, achamos relevante um estudo publicado em 2005, cujo objetivo era testar a teoria de que as dimensões interpessoais da competência excessiva no trabalho e do desempenho social deficiente podem ser a base da investigação de estereótipos que subjazem o preconceito anti-asiático (LIN et al., 2005).

Essas pesquisadoras conduziram seis estudos, três dos quais serviram basicamente para a construção e validação de uma escala que fosse adequada para medir o que chamaram de 'preconceito invejoso contra os asiáticos americanos'. O quarto estudo serviu para demonstrar a capacidade preditiva da referida escala, que conta com 25 itens de comportamentos sociais diários do que denominaram 'atitudes anti-asiáticas confusas/misturadas (*mixed*)'. O quinto e o sexto estudos aprofundaram-se em alguns itens relacionados com preconceitos e estereótipos. Como conclusão, as autoras afirmam que o desenvolvimento do SAAAS (sigla em inglês para Escala de Estereótipos Anti-Asiáticos Americanos) apenas sinaliza o progresso em explorar a complexidade real dos estereótipos e preconceitos raciais, além das fronteiras negro-branco. (LIN et al., 2005, p.45).

Em estudo publicado em 2016, os autores partem de estudos anteriores que indicaram uma associação entre discriminação racial e resultados negativos de saúde mental entre asiático-americanos (LIU; SUYEMOTO, 2016, p.137). Assim, seu objetivo foi

explorar se as relações entre o estresse relacionado ao racismo e a psicopatologia em uma amostra agregada são as mesmas que as relações entre o estresse relacionado ao racismo e a psicopatologia em amostras específicas geracionais desagregadas. Com base em pesquisas anteriores, nós levantamos hipóteses de correlações positivas estatisticamente significativas entre estresse e ansiedade relacionados ao racismo, IS (como medida de ansiedade social) e depressão para a amostra como um todo. (LIU; SUYEMOTO, 2016, p.137, tradução nossa)

Independentemente dos achados dessa pesquisa, ela foi selecionada nesta revisão, devido à utilização de um Inventário que também não tem equivalente no Brasil, o AARRSI (Inventário de Estresse Relacionado ao Racismo asiático-americano, em tradução para o português), e das relações estudadas entre grupo étnico, geração, gênero, idade e variáveis de saúde mental.

É interessante observar que os norte-americanos não diferenciam os asiáticos por suas “nacionalidades originais” (japonesa, chinesa, coreana, indiana e outras), tratam-nos como se fossem um monobloco. Mas também é importante salientarmos aqui, que as relações inter-raciais diferem entre si, nos diversos países (Brasil, Estados Unidos e outros), inclusive no que se refere a racismo, discriminação, preconceito. Cada país tem diferentes processos de formação de sua cultura, o que evidentemente irá refletir no modo como lidam com tais situações.

3. UMA BREVE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA AO BRASIL

Este capítulo se faz necessário, para dar uma compreensão melhor do contexto geral que forjou o caráter nipônico trazido ao Brasil pelos imigrantes. Muitos desses conteúdos, possivelmente seguem como fundamentos, ainda que inconscientes, no caráter de seus descendentes, na formação de suas personalidades, de seus valores e de outros elementos que consideramos importantes para a discussão que se seguirá adiante.

3.1. O Japão - das origens à imigração ao Brasil

Pouco se sabe sobre a “verdadeira” origem do povo japonês, pois até hoje as pesquisas arqueológicas, históricas e antropológicas não são conclusivas. De acordo com Yamazato (1967), Yamashiro (1997) e Sakurai (2007), como em muitos outros povos, há versões que às vezes se misturam: uma mítico-religiosa e outra, histórica.

Na língua japonesa, o nome do país é *Nihon* cujo significado é “a origem do sol” e está ligado diretamente ao seu mito de criação, compilado no *Kojiki* (Registros dos assuntos antigos), do ano 712. Sakurai (2007) afirma que além da origem das terras e do povo, o mito

esclarece muitas outras questões – por exemplo, a hierarquia entre os sexos como base da ordem social, a dependência humana dos frutos da terra, a separação entre vivos e mortos, o motivo de haver tantas mortes seguidas de tantos nascimentos, o relevo do país, os astros, os desastres naturais, a vaidade das mulheres... (SAKURAI, 2007 p.49)

Conta o mito que *Izanagi* e *Izanami*, os deuses primordiais, geraram do mar as diversas ilhas que formam o arquipélago japonês. Tempos depois, *Amaterasu Omikami*, a deusa do sol e filha de *Izanagi*, nomeou *Jinmu*, que era seu descendente e representante, como imperador desse território e dos primeiros habitantes, que eram também seus descendentes. *Amaterasu* lhe concedeu os três símbolos sagrados (virtudes): o espelho (sabedoria), o colar do tesouro (benevolência) e a espada (valor) (MIETTO, 1996; SAKURAI, 2007).

Pesquisadores afirmam que um povo nômade, oriundo da Ásia continental teria se estabelecido no arquipélago japonês. Mas não há unanimidade quanto as datas em que isto poderia ter ocorrido, a mais provável seria no final do período Paleolítico (YAMAZATO, 1967; SAKURAI, 2007).

Do ponto de vista geográfico, o Japão é composto por quatro principais, e maiores ilhas: *Hokkaido*, *Honshu*, *Shikoku* e *Kyushu*, em torno das quais, espalham-se milhares de ilhas menores. Em 1972 o território japonês voltou a incluir o arquipélago de *Ryukyu*, cuja principal ilha é *Okinawa*, que esteve ocupada pelos norte-americanos desde o final da II Guerra Mundial (YAMASHIRO, 1997; SAKURAI, 2007). Existe também a hipótese de que o território japonês esteve ligado ao continente, assumindo a configuração atual, há cerca de um milhão de anos (YAMAZATO, 1967; SAKURAI, 2007).

Essa área (377.815 km²), é 23 vezes menor que a área brasileira e tem apenas a sétima parte propícia ao desenvolvimento da agricultura e à construção de centros urbanos, pois as demais regiões são montanhosas. Além disso, os invernos são rigorosos, os tufões frequentes entre o verão e o outono, e os terremotos, imprevisíveis. E apesar dessas condições, a densidade demográfica no país é alta (SAKURAI, 2007).

Os japoneses mantiveram-se isolados em seu arquipélago, durante a maior parte de sua história. Existem, no entanto três momentos em que houve a abertura deste povo para o exterior. A primeira vez foi no século IV, quando acharam necessário aumentar seus conhecimentos, indo beber na fonte chinesa, mais adiantada, através da Coréia (SAKURAI, 2007). A segunda vez foi no século XVI, época das grandes navegações, quando receberam os primeiros ocidentais em suas terras e a introdução do cristianismo (LISBOA; ARAKAKI, 1993). A terceira vez ocorreu, já no final do século XIX, com a “ocidentalização” planejada pela Reforma *Meiji* (1868-1912) (SAKURAI, 2007).

O império retomou o poder das mãos dos xóguns (senhores feudais) e a Restauração *Meiji* levou o Japão a grandes e rápidas transformações (YAMAZATO, 1967; YAMASHIRO, 1997; SAKURAI, 2007). Com o fim do xogunato, o regime feudal foi substituído rapidamente pelo capitalismo. A

população rural foi uma das que mais sofreu com essas mudanças. Ao mesmo tempo em que saiu do sistema de suserania e vassalagem, tornou-se um grupo de trabalhadores livres, que podia vender sua produção excedente, mas que passou a dever impostos para os proprietários das terras e ao governo (YAMASHIRO, 1997; SAKURAI, 2007).

Às mudanças seguiram-se várias questões, como crises diplomáticas, guerras e uma grande e inevitável crise econômica, que impeliu muitos japoneses a buscarem recursos longe do país natal como *dekasseguis*. Esse movimento foi apoiado pelo governo, que buscava ajudar a população a se recolocar e a se realocar diante do impacto causado (YAMASHIRO, 1997).

Paralelamente, o Japão passou a investir em guerras de conquista contra China (1894-1895) e Rússia (1904-1906), que acabam sendo uma forma de criar empregos na indústria bélica, além dos soldados e colonos que são enviados para manter o domínio das novas terras (YAMASHIRO, 1997; SAKURAI, 2007).

As primeiras levas de emigrantes japoneses foram para o Havaí, Nova Caledônia e Austrália. Em 1897, houve uma tentativa de estabelecer uma colônia agrícola no México, porém fracassou. Em 1899, um grupo de japoneses dirigiu-se ao Peru, onde mais tarde se atingiu o segundo maior contingente japonês (YAMAZATO, 1967; SAKURAI, 2007).

Na virada para o século XX, muitos jovens japoneses iam estudar nos Estados Unidos, devido à limitação de oportunidades em seu país natal. Concentrando-se na costa oeste, eles se empregavam para serviços domésticos em casas de famílias brancas, em troca de cama e comida. Outros partiram para o Canadá. Porém, isto se tornou um problema político e, em 1924, os Estados Unidos passaram a proibir a entrada de imigrantes asiáticos (YAMAZATO, 1967; SAKURAI, 2007). Assim, outros países passaram a receber os japoneses. Entre estes, o Brasil.

O marco inicial da imigração japonesa para o Brasil, foi em 1884, com a visita do deputado japonês Massayo Neguishi aos Estados de Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo. O resultado dessa visita, foi a assinatura do primeiro

tratado comercial marítimo entre os dois países em 1895 e a vinda do primeiro diplomata japonês para residir no Brasil (ENNES, 2001).

O primeiro contrato de imigração, estabelecido em 1897, foi quebrado pelos brasileiros, inviabilizando a vinda dos japoneses. Entre 1906 e 1907, Ryu Mizuno, presidente da Companhia Colonizadora Kôkoku, fez várias visitas ao Brasil. Numa dessas viagens, um novo contrato de imigração foi feito entre o governo brasileiro e os japoneses (ENNES, 2001).

Em 18 de junho de 1908, o navio Kasato-Maru atracou no porto de Santos, onde desembarcaram 167 famílias, totalizando 761 pessoas⁵, que dirigiram-se às fazendas de café no interior de São Paulo após permanecerem alguns dias na Hospedaria dos Imigrantes, na Capital (ENNES, 2001). Embora tenha se iniciado oficialmente em 1908, o pico migratório se deu entre os anos de 1925 e 1942, quando cerca de dois terços do total de imigrantes desembarcaram no porto de Santos. Durante o período da guerra (1942-1945), as migrações foram interrompidas, e só foram retomadas em 1953, estendendo-se por mais dez anos. Até o final da década de 1970, estima-se que vieram 250 mil imigrantes (SAKURAI, 2007).

Acreditando na versão mítica e em sua origem divina, os japoneses sempre se perceberam como diferenciados em relação ao resto do mundo. Tal percepção só foi abalada com a derrota do Japão na Segunda Mundial e a rendição do imperador. Foi necessário, então, que o país se abrisse pela quarta vez aos estrangeiros durante a ocupação americana (1945-1952), depois do aniquilamento das cidades de *Nagasaki* e *Hiroshima* pelas bombas atômicas (SAKURAI, 2007).

A população de *nikkeis* brasileiros em 1958 chegava a 430.000, aumentando em 1987 para cerca de 1,2 milhões. Esses dados foram computados em dois censos realizados pela comunidade nipo-brasileira e financiados pelo governo japonês, que queria saber o número de expatriados,

⁵ Os números de famílias e pessoas que chegaram na primeira viagem do Kasato-Maru variam, dependendo da fonte. A pesquisadora optou por manter aqui, a informação dada por Marcelo Ennes, 2001.

pois tal informação não era possível de ser obtida pelos dados do censo brasileiro (LESSER, 2008).

Infelizmente, não existem dados oficiais atualizados sobre o número de *nikkeis* brasileiros, pois segundo informação do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, o último levantamento de japoneses e seus descendentes realizado pelo IBGE foi em 1988. Passou a ser cada vez mais difícil realizar essas pesquisas, dentro dos critérios utilizados pelo órgão, devido às miscigenações cada vez mais frequentes.⁶

3.2. ADAPTAÇÃO AO BRASIL⁷

Muitos dos primeiros imigrantes japoneses vieram de camadas sociais mais pobres, não necessariamente provenientes de áreas rurais, para trabalhar nas fazendas cafeeiras do estado de São Paulo, em substituição à mão-de-obra europeia, na transição entre a escravidão e o trabalho livre. Com o passar do tempo, vários grupos foram migrando para outras regiões do Brasil. Atualmente, além do estado de São Paulo, há vários núcleos *nikkeis* por todo o país.

Famílias inteiras empreenderam sua aventura, cruzando os oceanos como jovens Ulisses em sua “odisseia” rumo ao desconhecido, em busca de enriquecimento e de melhores condições de vida.

Muitos adoeceram e morreram durante a longa viagem de navio. Eram cerca de dois meses sacolejando no oceano. Chegando aqui, vivenciavam imediatamente o choque cultural. Os brasileiros eram pessoas com aparência bem diferente do que estavam acostumados. Os odores eram diferentes, a língua era totalmente incompreensível. Eles ficavam dependentes da presença

⁶ Informação telefônica dada pelo sr. Kenji, funcionário do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, em 2016. O Centro localiza-se à Rua São Joaquim, 381, no Bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. Confirmação feita através de acessos ao site www.cenb.org.br/articles/display_pt/Populacao%20segundo%20Geracao, sendo o último acesso realizado em 18/01/2018.

⁷ A maior parte do conteúdo deste subitem, baseia-se em relatos orais feitos pela Sr^a Mituno Haga (12/02/1903 – 23/08/1996), que chegou ao Brasil em 1926, com seu marido e com o cunhado.

do intérprete, que era apenas um para centenas de pessoas e que nem sempre estava disponível ou com boa vontade, e que mal falava o português.

A comida que trouxeram de casa acabou durante a viagem. Ainda no navio, precisaram ingerir alimentos que não conheciam e com aspecto e odor repugnantes. O aparelho digestivo habituado à culinária japonesa, sofreu muito para se adaptar à cozinha brasileira. Já no Brasil, muitos adoeceram e sofreram bastante com vômitos e diarreia. Alguns acabaram morrendo. Não só por causa dos alimentos, mas devido ao calor e às doenças também: malária, febre amarela e outras. E ainda havia os transtornos psiquiátricos. Foram muitos os que não conseguiram suportar a nova situação e acabaram enlouquecendo.

Era impossível dormir no chão de terra batida das antigas senzalas. Os corpos acostumados a dormir sobre o *tatami* e a cobrir-se com *futon*, precisaram adaptar-se a camas de madeira e a usar cobertores. Também não havia *ofurô* para o reconfortante e relaxante banho diário.

Nem todos eram agricultores ou de origem rural e o trabalho pesado na roça tinha regime de semiescavidão. Aqueles que se recusavam a trabalhar, ou mesmo os doentes, eram punidos pelos capatazes. Além de ainda estarem pagando os custos da viagem, o contrato obrigava-os a comprarem seus suprimentos numa venda instalada na fazenda em que trabalhavam. Os preços eram abusivos, dificultando aos japoneses economizarem algum dinheiro para ter sua reserva. Muitos acabaram fugindo na calada da noite, instalando-se em outras paragens, buscando condições melhores.

Aos poucos, os imigrantes foram conseguindo melhorar de vida e formaram colônias. Mais acostumados à comida brasileira, acabaram também adaptando os víveres à sua culinária e produzindo seus próprios alimentos. Aprenderam rudimentarmente a língua brasileira, conseguindo comunicar-se melhor com os nativos e também com os outros imigrantes estrangeiros. Alguns já pensavam em voltar para casa, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

O Japão fazia parte do eixo, assim como a Alemanha e a Itália. Os imigrantes desses países sofreram as consequências disso. O Brasil rompeu relações diplomáticas com esses países, os estrangeiros foram perseguidos e

proibidos de exercer atividades culturais originais. Instalou-se no Brasil, uma verdadeira xenofobia.

Em 1945, o imperador Hirohito declarou a rendição do Japão aos aliados, representados pelo exército norte-americano, após os bombardeios sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Talvez pior do que a rendição, tenha sido o fato de Hirohito renunciar à origem divina. Em seu discurso de rendição, o imperador declarou-se publicamente “humano”, ou seja, descendente de pessoas, e não de deuses como sempre se acreditou. Muitos japoneses no Brasil recusaram-se a aceitar atitude tão desonrosa. Outros, mesmo envergonhados com a inesperada atitude de seu imperador, aceitaram a derrota e decidiram radicar suas famílias permanentemente no Brasil. O que fariam num Japão, arrasado pela guerra e suas consequências, em desonra pela rendição e regidos por um mero humano? (MORAES, 2000).

Pouco antes de estourar a guerra, já era proibido no Brasil o ensino da língua japonesa às crianças com menos de 10 anos. Principalmente no interior paulista, o exército invadia as casas dos imigrantes, espancava as pessoas e queimava livros, oratórios e tudo o que fosse japonês. Para agravar a situação, no início do pós-guerra os japoneses iniciaram uma guerra entre eles próprios. Foi o fenômeno conhecido como *Shindo Renmei* (MORAES, 2000).

Aqueles que aceitaram a rendição foram chamados de “derrotistas” (*makegumi*) e acusados de traição pelos outros, que se reuniram sob o comando do coronel Junji Kikawa. Eram os fanáticos da Liga do Caminho dos Súditos, ou *Shindo Renmei*, que se auto-denominavam “esclarecidos” (*kachigumi*). Essa pequena guerra fratricida consistiu em ataques sangrentos por parte dos “esclarecidos” contra os “derrotistas”. Ela durou cerca de um ano e foi interrompida pela intervenção do governo brasileiro (MORAES, 2000).

Terminado esse triste episódio e, com a decisão de permanecer no Brasil, os imigrantes e suas famílias deram continuidade à sua jornada. Aos poucos, muitos foram reemigrando dentro do próprio estado de São Paulo, ou para outras regiões do país, mudando o ramo de atividade, buscando integrar-se à

sociedade brasileira, e simultaneamente tentando recobrar e preservar sua cultura original.

3.3. Aspectos culturais japoneses

Interessa-nos aqui, abordar determinados aspectos que provavelmente foram relevantes na formação da identidade do nipo-brasileiro: seus valores, suas crenças, seus hábitos e tudo mais. Considerando-se que o pico migratório ocorreu entre 1925 e 1942, as principais influências devem ter vindo dos períodos *Meiji* (1868-1912) e *Taisho* (1912-1926). Nossa principal fonte de informações será Célia Sakurai, com seus *Japoneses* (2007), mas também mencionaremos outras fontes, que estarão citadas ao longo do texto.

3.3.1. Educação

A escrita *kanji* (ideogramas) chegou ao arquipélago japonês por volta do século VI, trazida da China pelos coreanos. Sua introdução levou um grande avanço cultural ao Japão. Atrelados à escrita chegaram também rudimentos de medicina, a astronomia, a filosofia de Confúcio, a utilização de calendários, o aperfeiçoamento de metais e da porcelana, assim como o budismo (YAMAZATO, 1967; YAMASHIRO, 1997; SAKURAI, 2007).

Além do *kanji*, foram criados posteriormente dois alfabetos fonéticos; o *hiragana* e o *katakana*. Mais simples, eles foram originalmente voltados para serem usados pelas mulheres que eram menos instruídas do que os homens, e mais tarde foi introduzido nas escolas. O primeiro é uma espécie de “tradução fonética” dos ideogramas, enquanto que o segundo é utilizado para escrever palavras estrangeiras.

Até a Reforma *Meiji* (1868-1912), o acesso à educação e à cultura, eram exclusividade das elites (nobreza, clero e samurais). A partir desse período foi proposta a modernização do Japão e a sua internacionalização. Assim, foi instituído o ensino obrigatório, cuja meta era acabar com o analfabetismo no país. A educação passou a ser universal. Construíram-se novas escolas para o ensino fundamental e secundário inferior e fundou-se a Universidade Imperial de

Tóquio, em 1877, seguida de outras universidades oficiais nas principais cidades. Com o crescimento industrial, criaram-se escolas profissionalizantes e vocacionais.

O papel da educação passou a ser criar condições para o estudante inserir-se no mercado de trabalho e assim, as oportunidades de carreira passaram a ser determinadas pelo desempenho escolar. Ficou configurado, então, um sistema de credencialismo educacional. Isto é, as instituições governamentais, empresas privadas e a sociedade em geral começaram a dar alta prioridade ao desempenho acadêmico das pessoas. As credenciais educacionais passaram a ser a qualificação básica do indivíduo, conferindo-lhe também prestígio financeiro e social.

Atualmente, o índice de analfabetismo no Japão é baixíssimo e pesquisas apontam que a maioria da população continua seus estudos, muito além do ensino compulsório. A rotina escolar é de período integral, com pausa para almoço (dentro da própria escola). O ano letivo inicia-se em meados de abril e termina em meados de março do ano seguinte. Há 2 meses e meio de férias: um mês durante o verão, duas semanas no inverno e um mês na primavera. Nas férias de verão e de inverno, as crianças levam tarefas para realizar em casa. Durante toda a vida escolar, são os alunos que limpam os banheiros e o chão da escola.

No ensino médio, começam as preocupações em relação à universidade. Geralmente, no último ano, os jovens entram também em outra escola preparatória, similar ao cursinho no Brasil. Embora as provas sejam muito difíceis, é possível uma pessoa que não tem curso médio pleitear uma vaga na universidade, desde que se faça uma avaliação oficial, comprovando a capacidade intelectual compatível com o ensino médio.

3.3.2. Sociedade e família

Por volta do século III, com o desenvolvimento da agricultura, a sociedade passou a sedentarizar-se e a estruturar-se em clãs (*uji*), cujos chefes também tinham funções religiosas e tanto podiam ser homens quanto mulheres. Os clãs cultuavam seus próprios deuses (*kami*), de quem acreditavam descender,

formando-se assim, a base do xintoísmo e do culto aos ancestrais. Nessa época, houve o destaque da chamada nação Yamato, que “inaugura a história japonesa propriamente dita” (SAKURAI, 2007, p.62)

A nação japonesa foi unificada, outros territórios anexados e surgiram as classes trabalhadoras e religiosas, oriundas das culturas assimiladas. Posteriormente, seguiu-se uma sucessão de lutas pelo poder entre os diversos clãs, e conseqüentemente de seus líderes e sistemas políticos. No meio desse processo, surgiu a classe militar dos *samurais*⁸.

Simultaneamente à ascensão dos *samurais*, instaurou-se o regime feudal japonês. Com esse sistema político, estabeleceu-se o relacionamento de suserania e vassalagem, que aperfeiçoou o sentimento de lealdade. Houve também, o aprofundamento da noção de honra pessoal e nacional, assim como um delineamento nítido da hierarquia social.

Essa estrutura persistiu e permaneceu ao longo dos anos, embora tenham havido mudanças na estruturação política e administrativa do país. Conforme Nakane (1970), o universo social japonês divide-se em três categorias: *senpai* (os mais velhos), *kohai* (os mais jovens) e *doryô*. Esta última refere-se a pessoas que se encontram num mesmo nível e poderia ser traduzida como “colega”.

Ao se dirigir a uma segunda ou terceira pessoa, por exemplo o senhor Souza, um japonês poderá chamá-lo de *Souza-san*, *Souza-kun*, ou simplesmente *Souza*, sem nenhum sufixo. Essas formas de tratamento referem-se, respectivamente a *senpai*, *kohai* e *doryô*. A utilização da forma de tratamento apenas pelo nome da pessoa implica num grau de muita intimidade, ou de uma natureza familiar muito específica (NAKANE, 1970).

Mesmo dentro da categoria *doryô*, utiliza-se *san* para pessoas não muito próximas, enquanto *kun* é usado para os mais chegados, como por exemplo, alunos de uma mesma classe. Porém, uma pessoa da categoria *senpai* também pode referir-se dessa maneira a outro, da categoria *kohai*, desde que muito

⁸ Guerreiro japonês do período feudal (1192-1868). Vide Glossário.

íntimo. Mas o vice-versa, não é permitido. O *kohai* deve sempre dirigir-se ao *senpai* como *san* (NAKANE, 1970).

Essa forma de categorização leva a uma complexidade também nas formas lingüísticas de tratamento. Os tratamentos se dão segundo três critérios: modéstia, respeito e polidez; seguem as regras de hierarquia dentro das relações e denotam sinais de uma boa educação. Não é de bom tom gabar-se de suas qualidades, ou de seus entes próximos. Deve-se agir modestamente. Respeito e polidez sempre devem fazer parte no trato com o outro.

Mas essa complexidade não é privilégio apenas das relações sociais e de trabalho. Ela existe também, no relacionamento familiar. Os filhos devem obediência a seus pais. E entre os filhos, os mais novos, aos mais velhos. Há também a diferença entre os sexos, na qual as mulheres devem obediência aos homens – as esposas em relação a seus maridos e as irmãs, em relação aos irmãos.

Há também uma peculiaridade nessa organização hierárquica familiar e, conseqüentemente, no tratamento a seus membros. O lugar de primogênito (*chonon*) cabe sempre ao primeiro filho homem. Mesmo que seja o terceiro filho, e que tenha duas irmãs mais velhas, a ele é destinado o lugar e as obrigações da progeneritura.

São suas obrigações: cuidar de seus pais na velhice e transmitir a seus descendentes o sobrenome da família, assim como toda a sua bagagem cultural. Para que possa cumprir este papel, o primogênito conta com a colaboração de seus outros irmãos e irmãs (neste caso, de seus cunhados), que têm a obrigação de reunir seus esforços para ajudá-lo.

Outro aspecto interessante é a relação entre cunhados e cunhadas numa mesma família. A esposa do primogênito deixa sua família de origem para ir morar com a família do marido, devendo cuidar dos sogros. Seus cunhados (irmãos e irmãs do marido) lhe devem respeito e obediência, mesmo que ela tenha menos idade que eles. A postura dela deve ser de esposa do primogênito e também agir, respeitosamente, como tal.

3.3.2.1. O casamento e o papel da mulher

Além de esposa do primogênito, a mulher tinha outros papéis que esperava-se que ela cumprisse, pois nem todas conseguiriam se casar com primogênitos. No período Meiji (1868-1912) via-se nitidamente a diferença entre as mulheres da aristocracia e as plebeias. Enquanto às primeiras era permitido estudar “e cultivar um determinado padrão de beleza em que a pele clara era um dos valores” (SAKURAI, 2007, p. 308), as plebeias poderiam agora, pelo menos sonhar com isso – estudar e atingir tal padrão de beleza.

O casamento era sumamente importante para a sobrevivência das mulheres, assim como um dever com a pátria. Elas eram incentivadas a procriar, pois seus filhos participariam como mão de obra necessária ao progresso da nação, assim como poderiam contribuir servindo às Forças Armadas. O amor romântico não era um pré-requisito para a felicidade conjugal: o mais importante era que marido e mulher cumprissem seus papéis, vivendo em harmonia como ensinado por Confúcio. A satisfação sexual também não era um ingrediente necessário, pois o sexo servia apenas para garantir a formação e manutenção de uma boa família (SAKURAI, 2007).

No final do século XIX, algumas indústrias já empregavam mão-de-obra feminina. Mas depois de se casarem, as mulheres deixavam seus empregos, “a não ser que ‘o país’ necessitasse de seus esforços ou que seu lar fosse mesmo muito pobre” (SAKURAI, 2007, p. 310). Contudo, as mulheres sempre tiveram um outro papel bastante importante na família: o controle financeiro

Quando os salários eram pagos em dinheiro, os maridos levavam para casa os envelopes fechados e os entregavam à esposa. Era ela quem separava a quantia de cada um, inclusive a do marido. Calculava os gastos com o transporte, alimentação e o dinheiro que o homem poderia dispor com bebidas, jogos ou até mesmo com outras mulheres. (SAKURAI, 2007, p. 316)

Independentemente da classe social, os casamentos sempre tinham um intermediário que indicava candidatos para os pais e se estes estiverem de acordo, formalizava a apresentação dos pretendentes (*miai*). Após o casamento era comum que as pessoas convivessem com pelo menos três gerações sob o mesmo teto. Os cuidados com a casa, com o marido e com os filhos era tarefa

exclusiva da mulher. Ao homem cabia a função de provedor e sua rotina era trabalhar bastante, sem tempo livre para ver seus filhos acordados ou fazer as refeições diárias em casa durante a semana. (SAKURAI, 2007)

3.3.2.2. *Samurai*

Esta categoria surgiu e fortaleceu-se durante a época feudal japonesa. E chegou ao poder político com o *shogunato*, permanecendo durante três períodos: *shogunato* de Kamakura (1192-1333), Muromachi (1338-1573) e Tokugawa ou Edo (1603-1868). Há um hiato de 30 anos (1573-1603), que corresponde à fase de reunificação nacional, depois das guerras feudais.

A palavra *samurai* é uma corruptela da palavra *saburai*, que deriva do verbo *saburau*, cujo significado é servir, prestar serviço a um superior. A importância dos *samurais* e o presente destaque, deve-se à sua influência na conduta e nos valores do povo japonês até os dias atuais.

O que diferencia esta classe de outros grupos militares, além da hierarquia baseada numa relação bilateral superior-inferior, é o fato de tratar-se de uma função hereditária. Quem nascia em família de *samurai*, era considerado *samurai* e assim, recebia uma educação e treinamento apropriados. Embora fosse levado em conta que sua capacidade de luta dependia de atributos intelectuais e físicos individuais.

Eles possuíam um elaborado código de ética e conduta, não escrito, denominado *Bushido*. Eles cumpriam seu código, com bastante orgulho, honra e dignidade. Fazia parte de sua noção de lealdade, seguir o seu senhor, inclusive na morte. Há também no *Bushido*, um aspecto intrigante, mas ao mesmo tempo fascinante: o dever de praticar *harakiri*, ou *seppuku* em certas circunstâncias, que conforme Yamashiro (1987), poderiam ser:

- Evitar a captura em campo de batalha, já que para um guerreiro japonês constitui imensa desonra cair prisioneiro do inimigo e também, porque se considera má política: os presos são quase sempre maltratados e torturados;
- Como castigo, por ato considerado inimigo ou criminoso;
- A fim de admoestar seu senhor.

Durante o *shogunato* Tokugawa o *harakiri* passou a ser a sentença de morte dos samurais considerados culpados de cometer graves delitos perante as leis feudais da época, tornando-se um ritual bastante formal:

O condenado apresenta-se ao local da “execução”, após se purificar de corpo e alma (a limpeza corporal constitui preocupação constante do guerreiro, ao mesmo tempo que seu espírito deve ser mantido imaculado). Sentado à maneira oriental (com as pernas cruzadas), o condenado enfia o punhal afiado no lado esquerdo do ventre e a seguir o faz correr para a direita e para cima, até a altura da cavidade pulmonar. Embora com ferimentos dolorosos, o samurai deve demonstrar absoluto domínio de si (pois a auto-disciplina é um componente moral de alto valor para o guerreiro), sem dar sinais de dor ou medo. Um *kaishakunin*, uma espécie de padrinho ou assistente, função considerada honrosa, escolhido entre parentes, amigos ou companheiros de arma mais chegados, dá o golpe de misericórdia, decepando a cabeça, mediante uma espadada certa no pescoço. O *kaishakunin* tem que ser um exímio espadachim, porque não pode errar o golpe. (YAMASHIRO, 1987, p. 58)

A classe *samurai* deixou de existir em 1872, como consequência da reforma Meiji, que modificou a estrutura da hierarquia social japonesa. Com o passar dos anos, eles se diluíram em meio à população comum. Porém, a herança do espírito *samurai* permanece viva no pensamento e na conduta do cidadão japonês.

Até hoje, fazem parte dos valores nipônicos: a coragem, o dever (*giri*) e a lealdade, a benevolência, a polidez, a sinceridade e o compromisso com a verdade⁹ e com a honra.

3.3.2.3. *Ganbatte/ganbaru*¹⁰

O povo japonês pode ser definido pelo conceito de *ganbaru* (verbo) e de *ganbatte* (sua forma imperativa). Seu principal significado é esforçar-se, no sentido de um esforço concentrado que envolve algum tipo de renúncia, de sacrifício, em prol de um objetivo maior a ser cumprido, trata-se de vencer o cansaço e quaisquer adversidades para alcançar tal objetivo. Requer muito trabalho e paciência.

⁹ O japonês morre de vergonha, literalmente, com a prática do *harakiri*.

¹⁰ Fontes: <http://www.nihongobrasil.com.br/ganbare.php>; <http://l1japanese.blogspot.com.br/2010/09/three-useful-words-ganbatte-ganbare.html>; <http://www.jpapocofoco.com/ganbatte-faca-o-seu-melhor/>. Acessos em 31-01-2018.

Essa palavra ou as expressões a ela associadas, são comumente usadas no Japão como forma de incentivo para que as pessoas deem o máximo de si em tudo o que fizerem, como estudo, trabalho, esportes, enfim todas as atividades da vida. Pode servir também como encorajamento, para que se mantenha o foco e não se desista, para motivar subalternos em suas tarefas no trabalho. Não há nenhuma contraindicação a respeito de quem não se deva estimular.

O que se modifica é a linguagem usada, pois como descrevemos acima, a sociedade é toda estratificada. Por exemplo: *ganbatte kudasai* é a forma mais educada, mais polida e adequada para usar com os hierarquicamente superiores, incluindo os mais idosos; *ganbarê* pode ser usada com os iguais ou subordinados; e *ganbarô*, *ganbarou* ou *ganbarimashou* seria a forma plural, usada para 'nós' (vamos nos esforçar, vamos fazer o nosso melhor).

Ganbaru reflete o modo de pensar do japonês, que não acredita que o sucesso seja fruto da sorte, ou do talento individual, mas o atribui ao esforço empenhado. Aliás, o esforço é muito mais importante do que o resultado em si, pois muitas vezes um ótimo resultado não dependeu de um grande esforço; ou apesar de ter desempenhado o máximo de si, o resultado é mediano ou mínimo. A segunda situação é muito mais valorizada do que a primeira.

Os japoneses utilizam *ganbaru* em todo tipo de situação adversa, como catástrofes naturais, acidentes ou perdas. Assim como em competições esportivas, sejam escolares, ou de grandes dimensões como a Copa do Mundo ou as Olimpíadas. Costumam utilizar também ao despedirem-se de alguém, tanto verbalmente quanto por escrito, ao final de uma mensagem ou carta.

3.3.2.4. Religião

O Budismo foi levado pelos coreanos ao Japão, no século VI, conforme já vimos. Até então, havia práticas e cerimônias de cunho religioso, mas que não eram organizadas, tampouco centralizadas numa instituição. Com a chegada do Budismo, alguns sacerdotes da corte decidiram organizar as crenças nativas, para diferenciá-las das práticas budistas. Assim surgiu o chamado Xintoísmo.

Um fenômeno decorrente dessa nova organização religiosa foi a apropriação de características budistas pelo Xintoísmo e uma “japonização” da religião indiana. Ao longo dos séculos, essas tradições mantiveram um relacionamento simbiótico e complementar. Até hoje os japoneses frequentam o santuário xintoísta (*jinja*) para realizar ritos de nascimento, matrimônio, para pedir proteção ou sorte em importantes empreendimentos, e vão aos templos budistas (*oterá*) para celebrar rituais fúnebres e para o culto aos antepassados.

O Budismo era a religião oficial durante o período Tokugawa (1603-1868), mas da Reforma Meiji até o final da Segunda Guerra Mundial, este lugar passou a ser ocupado pelo Xintoísmo. Com essa alternância, ambas enfraqueceram sua influência junto à população, facilitando a entrada de várias religiões de forte apelo popular e organizadas em torno de pessoas com forte carisma, consideradas “divindades vivas”.

Houve outras correntes religiosas estrangeiras que foram introduzidas no Japão, mas que nunca substituíram o Budismo. O Taoísmo chinês, que enfatiza práticas místicas e astrológicas, foi adotado oficialmente em 702. A ética confucionista chinesa tornou-se base moral e ideológica na era de Tokugawa. O Cristianismo, levado pelo jesuíta Francisco Xavier em 1549, apesar de ter sido rechaçado no período de 1587 a 1597, teve seu culto novamente permitido no arquipélago a partir de 1603 e permanece até hoje, como minoria religiosa.

3.4. O transplante para o Brasil

Passada a turbulência da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes passaram a dar mais atenção e a retomar sua cultura. As diversas colônias foram se organizando, formando nichos específicos, como as associações (*kai*) culturais, esportivas ou de províncias. Os cultos religiosos não eram mais proibidos. Os produtos e utensílios japoneses começaram a ser importados e comercializados.

Na medida do possível, foi ocorrendo maior adaptação ao Brasil. A construção das casas, de modo geral, continuou seguindo o padrão aqui

existente, mas os japoneses improvisavam coisas que achavam imprescindíveis à sua vida cotidiana. Por exemplo, eles utilizavam como *ofurô* tambores vazios de ferro, apoiados sobre tijolos. E para aquecer a água do banho, queimavam lenha sob os tambores. Continuavam dormindo em camas, mas confeccionavam seus *futon* com tecido e algodão brasileiros.

Principalmente aqueles que tinham filhos, estavam preocupados com a educação. Não romper com a língua materna era fundamental para a transmissão dos valores, dos costumes, da tradição, enfim, do espírito japonês às crianças. Assim, passaram a ter maior preocupação com a formação pedagógica dos professores dos *nihongakko*, que antes eram quaisquer pessoas de boa vontade, mas sem necessariamente a formação adequada.

Com o fim da guerra e frustrados os planos de retornar ao Japão, os imigrantes passam a ver também a importância da escola brasileira, que antes era vista apenas como complemento à educação de seus filhos. Aos poucos, frequentar a universidade, passou a ser visto como mais um meio de ascensão social.

Dentro das famílias, a maioria procurava se manter fiel às tradições. Contudo, era inevitável que algumas pessoas se “ocidentalizassem”. Mesmo as crianças que não frequentavam a escola brasileira, acabavam tendo brasileiros (mineiros, nordestinos) e outros imigrantes estrangeiros (italianos, espanhóis) como companheiros de folguedo na vizinhança. Uma das consequências dessa ocidentalização, foram os casamentos inter-raciais. No princípio geraram muita polêmica e muito sofrimento, tanto aos apaixonados, como às suas famílias. Afinal, durante milênios o povo japonês procurou manter-se refratário.

Não mais proibidas, as religiões começaram a ter maior espaço de expressão:

Estima-se que haja atualmente de 50 a 60 grupos xintoístas, budistas e outros, o que faz do Brasil o país com a maior expansão das religiões japonesas fora do Japão. Cumpre notar que há confrarias religiosas e grupos ético-morais não organizados formalmente como religiões, além de religiões cristãs com trabalho missionário voltado especificamente para a comunidade nipo-brasileira. [...] Alguns grupos foram criados no Brasil por japoneses ou nisseis [...] dotados de poderes mediúnicos; a maioria destes é tendencialmente xintoísta,

mas não deixa de incorporar diversos elementos do universo religioso brasileiro (principalmente católicos, espíritas e umbandistas). (PEREIRA, 1994, p. 439)

Ou seja, o sincretismo religioso que já existia no Japão, tornou-se ainda mais complexo, por juntar elementos do sincretismo brasileiro. Porém, como se priorizavam os estudos na educação, a prática religiosa não teve muito espaço de existência na vida dos nipo-brasileiros. O que não significa necessariamente que não há espiritualidade.

Embora, com raras exceções, os imigrantes não pertencessem a famílias de *samurai*, seus valores também foram trazidos ao Brasil pelo japonês comum. Esses valores sempre se mantiveram na postura dos imigrantes e de seus descendentes, no que se refere a questões como: honra, dever e lealdade, sinceridade e compromisso com a verdade.

Assim como os imigrantes foram se adaptando ao Brasil, os brasileiros também foram se acostumando com sua presença. Todavia, esses continuam sendo “japoneses” para os não-descendentes. Jeffrey Lesser escreve:

muitas pessoas, no Brasil, têm a ideia equivocada de que os *nikkeis* “se sentem” “japoneses” e, portanto, têm um vínculo emocional com o Japão como sua irrefutável pátria... (LESSER, 2008, p.23)

Ao que tudo indica, salvo algumas exceções onde a presença *nikkei* não é tão numerosa, a população brasileira não só já está bastante habituada, como também em interação com os japoneses e seus descendentes. Contudo, pouco mais de um século de convivência talvez ainda não seja suficiente para que se considere o processo de adaptação completo. Acreditamos que esse processo ainda esteja em pleno andamento. Esperamos que além de nosso objetivo principal, com esta pesquisa tenhamos a oportunidade de observar esse percurso nos dias atuais.

4. CONSTRUCTOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Para nortear as reflexões pretendidas neste estudo, e posterior discussão, também é necessário abordarmos neste capítulo, alguns conceitos elaborados pela psicologia analítica como: *identidade*; *processo de individuação e a segunda metade da vida (metanoia)*; *complexos*. E também o conceito pós-junguiano de *complexo cultural*.

4.1. Identidade na psicologia analítica

O conceito de identidade será visto primeiramente dentro da abordagem da psicologia analítica, e no próximo capítulo, iremos apresentá-lo sob uma outra óptica. Jung considera o *eu (ego)* como o centro da personalidade consciente, como o centro ordenador do campo da consciência:

Como ponto de referência do campo da consciência, o eu é o sujeito de todos os esforços de *adaptação* na medida em que estes são produzidos pela vontade (JUNG, 2011d, p.17)

O *eu* precisa ser considerado como um fator complexo, constituído tanto por bases somáticas, quanto psíquicas (JUNG, 2011d). Além disso, tem duas tendências contraditórias: seguir um movimento em direção à separação e o desejo de se relacionar e se adaptar ao meio em que se encontra.

Considerando-se a personalidade como um todo, o *eu* está subordinado ao *si-mesmo (self)*, que é o arquétipo da totalidade, da unificação do consciente com o inconsciente, da convivência dos opostos:

Nesse sentido, o si-mesmo seria uma grandeza (ideal) que encerraria dentro dele o eu. O si-mesmo gosta de aparecer na fantasia inconsciente como personalidade superior ou ideal, assim como, por exemplo, o Fausto, de Goethe [...] (JUNG, 2011f, pp. 444-445)

Quanto ao conceito de identidade propriamente dito, encontramos no verbete, em Tipos Psicológicos:

Em primeiro lugar, a identidade é uma igualdade inconsciente com os objetos. Não é *nivelamento* nem identificação, mas um ser igual *a priori*

que jamais foi objeto da consciência. Baseia-se na identidade a ingênua presunção que a psicologia de uma pessoa seja igual à de outra, que os mesmos motivos tenham validade geral, que o agradável para mim também o seja para os outros, que o imoral para mim também deva sê-lo para os outros etc. Também é responsável pela tendência muito difundida de querer corrigir nos outros o que deveria ser melhorado na própria pessoa. Nela se baseia também a possibilidade da sugestão e do contágio psíquico. A identidade se manifesta com especial evidência nos casos patológicos, como por exemplo, no delírio paranoico de relacionamento em que se pressupõe estarem nos outros os conteúdos subjetivos próprios. A identidade torna possível também um coletivismo consciente, uma atitude social consciente que teve sua expressão máxima no ideal cristão do amor do próximo. (JUNG, 2011f, p.456)

Isto é, com essa definição, parece que identidade para Jung, está mais para o nível da inconsciência, da indiferenciação do eu, dentro do coletivo humano.

4.2. Individuação e a segunda metade da vida

A estrutura da psique humana precisa ser considerada em todos os seus aspectos, conscientes e inconscientes. Ou seja, é necessário tomá-la como uma totalidade. A integração desses aspectos, opostos entre si, é a sua meta ideal de desenvolvimento. O processo que visa a chegada a essa meta, Jung (2012b) denominou *processo de individuação*, que pode ser pensado como um processo de desenvolvimento de um indivíduo inteiro, indivisível, um todo.

Para Jung (2012a), só seria possível ocorrer o processo de individuação a partir da segunda metade da vida, pois na primeira metade, a pessoa estaria ocupada em cuidar de suprir as necessidades básicas da vida humana, como: obter formação escolar e profissional, conseguir um bom emprego para se sustentar, casar-se e constituir família. Na segunda metade da vida, independente de havê-lo conseguido ou não, a pessoa passa a ter sua libido (energia psíquica) voltada para o interior de si, na direção do inconsciente, na busca pelo *si-mesmo* (*self*) e de um sentido mais profundo para sua vida a partir de então.

Esta fase, foi denominada *metanoia*, por Jung e suas ideias a este respeito são citadas em vários dos volumes de suas Obras Completas. James Hollis prefere denominá-la *passagem do meio*, que descreve como

a ocasião de redefinirmos e reorientarmos a personalidade, um rito de passagem entre a adolescência prolongada da primeira idade adulta e o nosso inevitável encontro com a velhice e a mortalidade. Aqueles que passam conscientemente pela transição trazem mais significado à sua vida. Os que não passam permanecem prisioneiros da infância, não importa o sucesso aparente que possam ter na vida. (HOLLIS, 1995, p. 9)

A infância é uma fase em que vivemos uma personalidade provisória (HOLLIS, 1995, p.11), pois nossa vida é toda permeada por experiências e influências oriundas do universo familiar, quando somos referenciados pelos relacionamentos com nossos pais, pela interiorização dos complexos materno e paterno. A significância da passagem do meio é a oportunidade trazida por uma necessidade premente que nos acossa, de nos tornarmos conscientes de nós mesmos. De podermos ser críticos em relação à coletividade que nos envolve, sem necessariamente nos afastarmos defensivamente dela. De buscar um sentido maior em nossas vidas. E tal vivência não é, de maneira nenhuma, indolor: trata-se da chamada crise de meia-idade, momento em que questionamos tudo o que já fizemos e sentimos que não sabemos o que fazer a seguir...

Citando Jung novamente:

É a alucinação da solidão e é uma solidão que não pode ser mitigada por nada. Podemos ser membros de uma sociedade com milhares de membros, e assim mesmo sermos sós. Aquilo dentro de nós que deveria viver está só; ninguém o toca e ninguém o conhece, nem mesmo nós próprios. Mas ele continua agitando, perturba, desassossega e não dá descanso. (JUNG, 2011b, p. 294)

[...]A pessoa tem que sair procurando; tem que descobrir o que sua alma diz; tem que atravessar a solidão de uma terra ainda deserta. [...] aquele que caminha sozinho e não tem orientação, esse tem os sonhos a Deo missa [sonhos enviados por Deus]; ele não tem um comissário distrital. É claro que, quando temos um comissário desses, não precisamos de sonho, mas, quando estamos sós, a coisa é diferente. (JUNG, 2011b, pp.304-306)

Ou seja, na *metanoia* ocorre o redirecionamento da energia psíquica, fazendo com que as significações dadas à vida e/ou à morte, ou até mesmo a valores compartilhados longamente com a comunidade à qual se pertence, sejam questionadas e revistas. Nunca sem sofrimento, mas que pode levar à libertação em relação a rigidezes de conceitos outrora intocáveis.

4.3. Teoria dos complexos

Jung criou a sua teoria dos complexos, a partir de seus experimentos com pacientes, no intuito de melhor compreender e tratar a *dementia praecox* (esquizofrenia) quando era psiquiatra no Hospital Burghölzli. Tais experimentos deram origem ao seu teste de associações, que demonstrou a existência dos chamados *complexos de tonalidade afetiva*, e do papel que eles desempenham na consciência.

Tanto no teste de associações, como na vida cotidiana, se uma determinada palavra ou situação remete a uma afetividade muito intensa, a pessoa tende a reagir de maneira *antinatural*. Isto é, ela tanto pode titubear, como interromper momentaneamente o que seria uma ação contínua, ou ser acometida por um engasgo ou tosse sem motivação clara para isto, e assim por diante.

O que mais me impressionou foi a autonomia específica que os complexos apresentam em relação aos outros conteúdos da consciência. [...] Os complexos não têm apenas um caráter *obsessivo*, mas muitas vezes também um caráter *possessivo*, comportando-se como duendes e dando origem a todo tipo de erros desagradáveis ridículos e traiçoeiros, enganos da memória e do julgamento. Eles se interpõem no trabalho de adaptação da consciência. (JUNG, 2011c, p. 114)

Em geral, a origem dos complexos reside num choque emocional ou em conflitos inconscientes que despedaçam a psique. Não se trata necessariamente, de grandes traumas capazes de gerar psicopatologias, pois muitas vezes parecem acontecimentos insignificantes e vulgares, dos quais nos envergonhamos e que precisamos ocultar. Porém, nos causam muito sofrimento e muita dor. E é justamente esse contraste que leva à ruptura, ao que Jung denomina "*dissociação neurótica da personalidade*". (JUNG, 2011a, p.47)

Além disso, a natureza dos complexos, não é totalmente doentia, eles são manifestações vitais da psique, "a *via regia* que nos leva ao inconsciente [...], responsáveis pelos sonhos e sintomas" (JUNG, 2011a, p.49). O que existe, é um temor aos complexos pois eles carregam nossas inquietações psíquicas. E esse temor nos faz tender a caminhar na direção oposta, rumo à consciência, a fim de aplacar o sofrimento.

4.4. Complexo cultural

Embora Jung fosse bastante interessado em outros povos e culturas, tendo inclusive viajado para outros continentes (América, África, Ásia), ele não elaborou nenhuma teoria ou conceito que tratasse de questões ligadas a psique coletiva ou a determinado grupo étnico ou cultural. Mesmo porque, algumas incursões feitas nessa área foram malvistas e mal-compreendidas como preconceituosas, antisemitas, etc. (SINGER; KIMBLES, 2004, p.3)

De qualquer modo, é preciso levar em consideração que, na época em que Jung viveu (1875-1961), havia um certo desconhecimento acerca de outras nações, etnias, culturas, que não a própria. Enfim, coletivamente, o outro ainda se configurava como o inimigo, desconhecido, imprevisível, incompreensível.

Jung viveu os horrores das duas guerras mundiais, como o holocausto judeu perpetrado pelo partido nazista alemão durante a segunda guerra, um dos exemplos mais extremos de discriminação e intolerância construídos pela ideologia de Adolf Hitler. Daí o seu temor pela possessão arquetípica da psique coletiva.

Já nas proximidades do final do século XX, vivenciou-se um fenômeno, simbolizado pela queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética, que fez emergir uma realidade muito mais complexa, do que a vivida desde o final da segunda guerra, com a guerra fria que dividia o mundo em duas facções opostas. O que a princípio denominou-se globalização, num sentido de otimismo, trouxe à tona os conflitos de diversos segmentos que fermentavam soterrados pela aparente dicotomia. Evidentemente, seria ingenuidade imaginar que tudo surgiu de repente. Com certeza trata-se de um processo que já caminhava imperceptivelmente há tempos:

Nossa versão moderna e a nova aplicação de uma ideia antiga de Jung, não tem nenhuma pretensão especial de ter a resposta para o que causa – ou pode curar – o conflito grupal e cultural, mas oferecem um ponto de vista que pode ser útil quando ponderam sobre as forças que invariavelmente parecem frustrar a maioria das tentativas humanas para trazer um espírito pacífico e colaborativo para a interminável contenda entre grupos e pessoas. [...] Muito do que nos

separa, pode ser entendido como manifestações dos processos autônomos nas psiques coletiva e individual que se organizam como **complexos culturais**. (SINGER; KIMBLES, 2004, p.1, grifo nosso, tradução nossa)

A contribuição feita por Jung à psicanálise, ao desenvolver sua teoria dos complexos, uma parte vital de como as experiências internas e externas individuais podem ser compreendidas e formuladas pelos junguianos. Então, surge a ideia de se desenvolver um conceito: “aplicando a teoria dos complexos de Jung ao nível cultural da psique e à vida do grupo (e como a vida do grupo existe na psique do indivíduo)” (SINGER; KIMBLES, 2004, p.2, tradução nossa), e também

(...) a nossa esperança é de que a noção de um ‘complexo cultural’ levará a uma capacidade maior de ver mais objetivamente a sombra do grupo em seus complexos culturais, ao invés da tendência junguiana, que vê o próprio grupo como a sombra. [...] Podemos também começar a diferenciar melhor os complexos culturais dos complexos individuais (SINGER; KIMBLES, 2004, p.4, tradução nossa).

Tendo compreendido que os complexos pessoais emergem dos conteúdos do inconsciente pessoal, analogamente, podemos compreender que os complexos culturais são oriundos do inconsciente cultural e são componentes essenciais de uma sociologia interna, que não pretende ser objetiva e/ou científica na descrição de grupos e classes de pessoas. Embora algumas vezes haja alguma interligação entre os complexos culturais, identidade cultural e caráter nacional, estes não são sinônimos.

(...) grupos que emergiram de longos períodos de opressão através da luta política e econômica devem definir novas identidades para si mesmos [...] Nesta luta pelo novo, a identidade do grupo pode tornar-se toda misturada, com fortes complexos culturais subjacentes, que acumularam experiências e memórias históricas através de séculos de trauma e que jazem adormecidos no inconsciente cultural, à espera de serem despertados pelo gatilho de um novo trauma. (SINGER; KIMBLES, 2004, p.5, tradução nossa)

Os complexos culturais baseiam-se em experiências históricas frequentemente repetidas, que se enraizaram na psique coletiva de um grupo e na psique de seus membros individuais, expressando valores arquetípicos para o grupo, pois possuem núcleos arquetípicos. (SINGER; KAPLINSKY, 2010). Assim como os complexos pessoais, também tendem a permanecer inconscientes e são altamente carregados de energia emocional autônoma.

Podem eclodir no grupo, ou num indivíduo dentro de um grupo específico. Relacionam-se sobretudo com experiências de trauma, discriminação, sentimentos de opressão e de inferioridade frente a outro grupo, que sentem como “ofensivo” ou “dominante”.

5.DEFINIÇÕES COMPLEMENTARES

Pode parecer estranho à primeira vista, falar de preconceito, estigma ou discriminação em relação aos japoneses e seus descendentes. Pois estes são reconhecidos pela sua inteligência e aptidão para ciências exatas, como trabalhadores dedicados, honestos, disciplinados, silenciosos, abnegados. Contudo, tais atributos não passam de estigmas, que não necessariamente descrevem todo e qualquer indivíduo de ascendência japonesa. Como escreveu Berry:

a questão central é a razão pela qual algumas pessoas nutrem uma profunda e generalizada rejeição do “outro”, além das variações de atitudes e dos estereótipos relativos a grupos específicos [...] o preconceito étnico é universal [...] mas é altamente variável entre grupos e indivíduos... (BERRY, 2004, p.37)

Portanto, neste capítulo, iremos brevemente discorrer sobre *identidade*, *preconceito*, *estereótipos*, *estigma* e *discriminação*. Como se tratam de conceitos muito complexos e muito amplos, sobre os quais muito já foi escrito e estudado, consideramos indispensável definir os referenciais sob os quais estes conceitos serão abordados no presente trabalho.

5.1 Identidade nas ciências sociais

Retomamos aqui, o conceito de *identidade*, sobre o qual faremos algumas reflexões, agora do âmbito das ciências sociais. Parece que no senso comum, a noção de *identidade* costuma vir associada à ideia de *eu*, de um reconhecimento do *eu*, nos mais variados níveis de profundidade, ou de superficialidade, dependendo de quem está a pensar sobre isto. Dantas afirma que

A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza [...]. A identidade não existe, senão contextualizada, como um processo de construção e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação. Um contexto que define algo em relação ao qual eu, por contraste, consigo definir quem sou. (DANTAS et al., 2010, p.47)

Stuart Hall (2015, p. 9) se propõe a explorar “questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se existe uma ‘crise de identidade’, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo”. Hall parte da noção de “sujeito” do Iluminismo, que era concebido como possuidor de uma identidade centrada e unificada, “dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia [...] quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo [...]” ao longo de toda sua existência (HALL, 2015, p.10).

Esse sujeito foi passando por transformações, no desenrolar dos acontecimentos históricos, tendo seu principal impacto, no período chamado “pós-moderno”, que o autor também denomina “modernidade tardia”. Essas transformações têm nos levado a precisar rever determinados paradigmas, posturas políticas, economia, enfim, rever como nos posicionar diante da chamada *globalização* e de suas consequências, como por exemplo, três citadas por Hall (2015) sobre identidades nacionais:

1. As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
2. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
3. As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2015, p. 40).

Como “conclusão provisória”, Hall considera que a globalização tem o efeito de pluralizar as identidades, de modo que elas se tornem mais complexas e não centradas numa cultura nacional, deixando uma sensação contraditória de que certezas e unidades foram perdidas (2015, p. 51).

Torna-se interessante citarmos agora, o relato de Zygmunt Bauman (2005) a respeito de quando ele foi a Praga receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Charles. Segundo tradição da universidade, costuma-se tocar o hino nacional do país de quem está recebendo as honrarias e lhe pediram para escolher entre os hinos nacionais britânico e da Polônia. Bauman era um refugiado polonês, vivendo na Grã-Bretanha. Fora proibido de lecionar em seu país natal, por isso adotou um novo país onde pudesse continuar trabalhando em sua profissão. Ele diz da dificuldade em fazer tal escolha, pois

ainda recém-chegado, era um estrangeiro e não deveria ser confundido com um inglês; por outro lado, considerou que seria hipocrisia escolher o hino do país que lhe negou o direito à cidadania.

Este foi o ponto de partida de Bauman para discutir as questões de “identidade” e de “pertencimento”. Segundo este autor, existem dois tipos de comunidades às quais se referem as identidades: as comunidades de *vida* e de *destino*. O primeiro tipo seria a comunidade na qual nascemos, e o segundo tipo seria uma outra comunidade na qual vivemos, por escolha ou não.

a questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria. [...] Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa [...] (BAUMAN, 2005, pp. 17-18)

Embora haja diferenças entre Hall (2015) e Bauman (2005), ambos autores concordam ao mencionarem as consequências do atual contexto sócio-político-econômico mundial sobre a identidade, como Dantas et al. (2010) também referem. A antiga “estabilidade” contida na ideia de identidade vem sendo substituída por uma liquefação dos parâmetros e referenciais outrora imbuídos de certezas e de solidez, trazendo a sensação de insegurança e impermanência, assim como a necessidade de maior flexibilidade de adaptação do sujeito que vive, na linguagem de Bauman, a *modernidade líquida*.

5.2. Preconceito e estereótipo

O preconceito é um fenômeno psicológico, que surge tanto no processo de socialização, como na luta pela sobrevivência, como resposta aos conflitos aí existentes (CROCHÍK, 2011). E embora esteja mais relacionado às necessidades do preconceituoso, também não depende totalmente das características de seus objetos.

se o processo de socialização só pode ser vivido pelo indivíduo, as formas, os instrumentos e os conteúdos pertencem à cultura, o que significa que a relação entre indivíduos é sempre mediada por aquela e que, portanto, o indivíduo é fruto dessa mediação [...] não existe indivíduo sem cultura, mas a cultura pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento do indivíduo [...] Como a experiência e a reflexão são as bases da constituição do indivíduo, sua ausência caracteriza o preconceito. Mas a base desse não é essa ausência, que contribui para a sua manutenção, e, sim, o que as impede: a ruptura com o mundo que o preconceituoso percebe como demasiado ameaçador. Assim, à onipotência – manifesta ou velada – pela qual o preconceituoso se julga superior ao seu objeto, corresponde a impotência que sente para lidar com os sofrimentos provenientes da realidade. (CROCHÍK, 2011, pp.15-16)

Há ao menos duas possibilidades do preconceituoso reagir frente ao objeto que lhe causa estranheza: a *mimética*, que é “fingir-se de morto frente ao objeto que gera estranheza” (CROCHÍK, 2011, p.16) e que às vezes pode tomar a forma de uma aceitação exagerada, associada a um grande esforço para que ninguém perceba a alteração. A outra possibilidade, é a *rejeição* ao outro, inferior, que pode ser eliminado a qualquer momento. Ambas atitudes não são inatas; a primeira se desenvolve “como um verniz civilizatório” e a segunda “contém o enrijecimento próprio daquele que, ao ter de aprender a ser forte, despreza toda fragilidade, inclusive a própria” (CROCHÍK, 2011, p.17)

Já o estereótipo, pode ser considerado um derivado do preconceito, fortalecendo-o e justificando-o. Fornecido também pela cultura, o estereótipo é a característica fixada pelo preconceituoso para denominar seu objeto, independentemente deste possuir muitas outras.

[...] é a especificidade do objeto que permite o reconhecimento da sua singularidade, mas para aqueles que se sentem ameaçados enquanto indivíduos, esse reconhecimento gera ansiedade e, por isso, a evitam por meio dos estereótipos. [...] [os estereótipos] evitam a reflexão sobre o mundo social e sobre nós mesmos. (CROCHÍK, 2011, pp. 25-26)

Além disso, os estereótipos também servem para justificar a dominação, fazendo com que uma situação de opressão passe a ser natural por meio de adulteração da realidade e de omissão daquilo que produz as diferenças.

5.3. Estigma e discriminação

Em sua origem, na Grécia Antiga, a palavra *estigma* se referia a sinais ou marcas feitos com cortes ou fogo nos corpos de escravos, criminosos ou

traidores (GOFFMAN, 2015), a fim de que tais pessoas tivessem seu *status* moral facilmente identificado por quem as visse. Ao longo do tempo, a palavra continuou a ser utilizada em seu significado original, contudo, referindo-se mais aos infortúnios, do que às marcas corporais em si.

Trata-se de uma relação entre a sociedade e o indivíduo. Sejam quais forem suas características, os ambientes sociais ditam os atributos dos indivíduos que deles fazem parte, isto é, sua identidade social. Desse modo, criam-se expectativas quanto ao que se esperar de uma pessoa que pertença a uma determinada sociedade – daí, surge o *estereótipo*. E quando a expectativa é frustrada e determinado indivíduo apresenta características diferentes e até consideradas inferiores às esperadas, surge o *estigma*.

Goffman (2015) diferencia *identidade social*, *identidade pessoal* e *identidade do eu*, pois as duas primeiras fazem parte de interesses e definições de pessoas que não são o indivíduo que tem sua identidade posta em questão (o estigmatizado). Já a *identidade do eu*, relaciona-se com o “sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais”. (p.116)

Assim, é inevitável que o indivíduo estigmatizado sinta alguma ambivalência em relação a si mesmo:

O indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus “pares” conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas. Ele pode, então, tomar em relação àqueles que são mais evidentemente estigmatizados do que ele as atitudes que os normais tomam em relação a ele.[...] Em resumo, ele não pode nem aceitar seu grupo nem abandoná-lo. (GOFFMAN, 2015, p. 117-118)

Ao pesquisar os significados de discriminação/discriminar no dicionário (Houaiss,[2012])¹¹, as primeiras acepções encontradas apontam para o ato positivo de distinguir, perceber diferenças, discernir. No entanto, a palavra também serve para indicar a separação, o afastamento, não se misturar e além disso, significa tratar mal, de modo injusto ou desigual a outras pessoas, devido a determinadas características. Nesse mesmo dicionário, no verbete

¹¹ HOUAISS, A. **Grande Dicionário Houaiss**. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br>> acessos de 12.out.2016 a 12.jul.2018. [2012].

discriminação, encontramos também a locução *discriminação social*, que é apontada como sinônimo de *racismo*.

Como dissemos na abertura deste capítulo, talvez seja difícil considerar que os japoneses e seus descendentes sejam alvos de hostilidade, uma vez que muitas pessoas os veem positivamente. No capítulo 3 vimos como o caso *Shindo Renmei* (MORAES, 2000), ocorrido assim que terminou a Segunda Guerra Mundial, suscitou inquietações nos brasileiros em relação aos japoneses. Vale a pena citar aqui, que também houve um “discurso antinipônico veiculado nos Estados Unidos entre 1906/1909” (DEZEM, 2005, p.31), num período da história em

que antes mesmo dos japoneses aqui aportarem, a imagem do ‘perigo amarelo’ já fazia parte, ainda que indefinida, do universo da elite brasileira (DEZEM, 2005, p.34)

e

já se conformava um imaginário relacionado aos imigrantes japoneses [...] nem sempre bem vistos como raça e povo. (DEZEM, 2005, p.37)

manifestando-se assim, claramente, a discriminação contra os amarelos (chineses e japoneses), que sob esse ponto de vista eram considerados inferiores e portanto, inadequados para substituir a mão-de-obra negra e principalmente para fazer parte da população brasileira.

6. MÉTODO

6.1. Características do estudo

Neste trabalho, optou-se pela abordagem mista, ou seja, tanto de ordem qualitativa, como quantitativa. Segundo González Rey (2005, p.81), “a pesquisa qualitativa também envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, considerando este como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituída por ele”. Esperamos que, com esta abordagem, seja possível efetuarmos um estudo com um mínimo de profundidade necessária para nossas reflexões.

6.2. Objetivos

Temos como objetivo principal pesquisar se o *nikkei* (descendente de japoneses) se sente ou já se sentiu alguma vez em sua vida, como alvo de discriminação, preconceito e/ou estigmatização. Como objetivos secundários, pretende-se avaliar seu sentimento de pertença, isto é, se se sente mais inserido na cultura brasileira ou na cultura japonesa, e se há diferenças entre filhos (*nisseis*) e netos (*sanseis*) quanto a esses sentimentos.

6.3. Participantes

A população estudada é de 31 pessoas (9 homens e 22 mulheres), dos quais 13 são *nisseis* e 18 são *sanseis*, com idades entre 50 e 63 anos de idade.

6.3.1. Critérios de inclusão

Filhos e netos de japoneses, sem ascendência mista, na faixa etária entre 50 e 65 anos de idade, independente de seu nível sócio-econômico e de escolaridade, assim como de estado civil e orientação sexual.

6.3.2. Critérios de exclusão

Pessoas com as seguintes características:

- **Ascendência mista** - isto é, pessoas oriundas de casamentos mistos (descendentes com não-descendentes) de seus ancestrais (avós e/ou pais), pois esses indivíduos poderiam trazer outras variáveis, e talvez outros temas que não serão abordados aqui.
- **Dekasseguis** – pessoas que vão trabalhar temporariamente no Japão, pois os conteúdos específicos dessa vivência, também não serão estudados.

6.4. Procedimentos

6.4.1. Seleção dos participantes

A pesquisadora lançou em suas redes de relacionamento eletrônico (e-mails, *Facebook* e *Whatsapp*), uma carta-convite de participação no estudo. Essas redes incluem muitos nipo-descendentes, mas a divulgação foi extensiva a todos, pois mesmo não sendo *nikkeis*, ou não atendendo os critérios de inclusão/exclusão, as pessoas poderiam reencaminhar a carta-convite.

6.4.2. Coleta de dados

Os interessados em participar da pesquisa, entraram em contato com a pesquisadora para agendamento de entrevista. As entrevistas foram realizadas entre 5 de junho e 16 de setembro de 2017. Elas foram agendadas, segundo o que fosse mais conveniente ao participante. Assim, muitas entrevistas foram realizadas em suas próprias residências/locais de trabalho e também no consultório particular da pesquisadora. Houve situações em que nenhum desses locais foi possível, portanto, realizaram-se entrevistas também por meio eletrônico.

6.4.3. Instrumentos de coleta de dados

Para coletar as informações, foram utilizados:

- Um questionário (Apêndice A) sobre os dados pessoais dos participantes (sexo, idade, estado civil, profissão, escolaridade, local de nascimento e local residência atual).
- Uma entrevista semiestruturada com questões abertas sobre as vivências pessoais dos participantes, como descendentes de japoneses, com foco em situações relacionadas à questão principal deste estudo. (Apêndice B)
- O *Inventário de Avaliação do Sentimento de Pertencimento* (MONTEIRO; MAYA, 2009, adapt. HAGERTY et al., 1996). A utilização deste inventário pretende investigar o sentimento de pertencimento dos participantes em relação ao ambiente com o qual se relacionam. (Anexo A)

Tanto a entrevista como a aplicação do inventário foram gravados pela pesquisadora, com anuência dos participantes, através da assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. (Apêndice C)

6.5. Cuidados éticos

6.5.1. Comitê de Ética

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da PUC-SP. Teve sua aprovação no dia 16 de maio de 2017 pelo Parecer Consubstanciado número 2.066.779 e foi assinado pelo coordenador, Edgard de Assis Carvalho.

6.5.2. Identificação dos Participantes

Para garantir o anonimato dos participantes, a pesquisadora solicitou que, ao preencherem o questionário de identificação, eles colocassem apenas suas iniciais. Posteriormente os participantes foram numerados de um a 31, que é como serão identificados nos capítulos seguintes. Não será possível saber suas

idades, profissões e outros dados que tornem possível o seu reconhecimento. Foram mantidos em aberto apenas os dados relevantes para análise e/ou discussão posterior (Apêndice J).

6.6. Devolutiva

Foi oferecida aos entrevistados, a possibilidade de uma devolutiva dos resultados e conclusões da pesquisa. A pesquisadora teve a ideia de fazer uma devolutiva coletiva que simultaneamente garanta o anonimato dos participantes, por meio de uma palestra que será apresentada no segundo semestre de 2018, em algum dos eventos comemorativos dos 110 anos da imigração japonesa. Essa apresentação já está previamente combinada com a assessoria de imprensa da Aliança Cultural Brasil-Japão e aguarda apenas o acerto das agendas.

7. RESULTADOS

Algum tempo após a divulgação da carta-convite pela internet, conforme relatado no capítulo anterior, os interessados começaram a entrar em contato com a pesquisadora. Iniciou-se assim, uma triagem dessas pessoas, de acordo com os critérios de inclusão/exclusão, e também os agendamentos das entrevistas. Apesar dos critérios serem explicitados na carta-convite, houve o interesse de várias pessoas que não se enquadravam no perfil e que, portanto, foram excluídas do estudo.

Embora ciente de não se inserir no perfil, a senhora K enviou um e-mail à pesquisadora, dando seu depoimento a respeito de uma vivência de discriminação durante sua adolescência. Tanto o episódio em si, como o desfecho que a senhora K lhe deu na época foi muito interessante. Consideramos esse depoimento válido como resultado e está incluído na análise e discussão. Solicitamos permissão à senhora K para anexar uma cópia de seu depoimento neste trabalho e ela, gentilmente concordou (Apêndice D). Para preservar sua identidade, decidimos chamá-la por este codinome.

A pesquisadora estabeleceu uma breve rotina para realizar as entrevistas. Nas entrevistas presenciais, primeiro entregava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A leitura era feita em conjunto e depois assinada pelo participante. Depois, entregava o questionário sobre os dados pessoais, recolhendo-o após o preenchimento. E em seguida, entregava o Inventário de Avaliação do Sentimento de Pertencimento para ser preenchido também. Logo em seguida a pesquisadora acionava o gravador e iniciava a entrevista.

Já as entrevistas feitas por meio eletrônico, tiveram uma pequena variação. Como foram todas feitas com a utilização do computador, a entrevistadora enviava previamente o Termo de Consentimento por e-mail, e a resposta afirmativa do participante concordando com o termo, passava a valer como sua assinatura. No momento da entrevista, eram enviados o questionário e o Inventário, um de cada vez e nessa mesma ordem, também através de e-

mail e o preenchimento era feito conjuntamente, no formato de pergunta e resposta.

As entrevistas presenciais tiveram um tempo de duração médio de cerca de uma hora a uma hora e meia. Foram 26 no total, das quais 14 foram realizadas na residência ou no local de trabalho do entrevistado; e 12 realizadas no consultório particular da pesquisadora. Já as feitas por meio eletrônico foram em número de cinco e tiveram uma duração um pouco mais curta, com cerca de uma hora cada.

Após a coleta dos dados, as gravações das entrevistas foram todas transcritas literalmente. A partir das transcrições e utilizando-se o roteiro da entrevista como orientação para tabulação, as informações foram categorizadas de acordo com seu conteúdo. Os dados brutos resumidos constam no final deste trabalho, como Apêndices (E, F, G, H, I).

A seguir, apresentamos os resultados colhidos neste estudo:

7.1. Questionário de identificação¹²

Fizeram parte deste estudo, 31 pessoas, das quais 22 (71%) são mulheres e nove (29%) são homens.

As idades variaram entre 50 e 63 anos (média de 56,0 anos com desvio padrão = 3,5), e se distribuíram da seguinte maneira:

Sexo	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Masculino	50	63	56.7	4.6
Feminino	50	61	55.7	3.1

A maioria dos entrevistados são *sanseis*: 18 (58%) pessoas e 13 (42%) são *nisseis*.

¹² O Questionário está como Apêndice A no final deste estudo. Ver também Apêndice J – um resumo do perfil dos entrevistados, que não compromete o sigilo de sua identificação

Em relação ao estado civil, apresentou-se o quadro a seguir:

	Solteiro(a)	Casado(a)	Separado	Divorciado(a)	União Estável
Núm. Indiv.	3	16	4	6	2
Porcentagem	10	52	13	19	6

Dessas pessoas, 21 (68%) têm parceiro, três (10%) não têm e sete (22%) não responderam se namoram ou se recasaram. Dentre parceiros e ex-parceiros (29 no total), 19 (65,5%) também são nipo-descendentes e 10 (34,5%) não o são.

No que se refere à escolaridade, três (10%) cursaram até o ensino médio, duas (6%) o curso técnico, 14 (45%) têm nível superior e 12 (39%) fizeram pós-graduação (nem todos os entrevistados especificaram o grau). Nem todos trabalham ou trabalharam dentro da formação escolar que possuem. São 23 (74%) que ainda trabalham, seis (20%) estão aposentados e duas (6%) pessoas são do lar.

Dos entrevistados, 20 (64%) nasceram na Capital e Grande São Paulo, sete (23%) no interior de São Paulo e quatro (13%) em outros estados. Atualmente, a grande maioria (29 = 94%) reside na Capital e Grande São Paulo, uma (3%) no interior e uma (3%) em outro estado, com tempo médio de residência de 50,1 anos (desvio padrão = 12,8 anos).

7.2. Inventário de avaliação do sentimento de pertencimento

Este inventário é um instrumento do tipo escala Likert, no qual constam 17 afirmações (vide Anexo A). A partir das respostas obtidas (Anexo B), foi feita a análise estatística, na qual buscou-se *avaliar se a chance de pertencimento é influenciada* pela geração (*nissei* ou *sansei*) do entrevistado, ou pelo fato de ter ou não parceiro nipo-descendente.

O resultado final para essa avaliação foi:

Efeito	Valor-p
Idade	0.924
Geração	0.787
Parceiro(a)	0.731

Concluimos, portanto, que o sentimento global de pertencimento não é afetado por nenhuma das condições consideradas, isto é, o escore médio não varia conforme a idade, a geração e nem com o fato do respondente ter ou não parceiro(a) nipo-descendente. Ou seja, pode ser que este instrumento não estivesse adequado ao tipo de estudo que estamos fazendo. Ou pode ser que o sentimento não seja mesmo afetado pelas variáveis.

7.3. Entrevistas

Foi elaborado um roteiro pela pesquisadora para a entrevista semiestruturada (Apêndice B), no qual constavam basicamente quatro questões das quais, três referiam-se a vivências com discriminação. A quarta questão referiu-se à identificação do participante com a cultura brasileira ou com a cultura japonesa.

Embora não estivesse previsto neste estudo, foi possível também constatar que alguns dos entrevistados mencionaram espontaneamente algum tipo de resgate identitário, seja por reflexão ou por alguma vivência que remeteu a isso.

Assim, a partir do roteiro, foi possível extrairmos sete categorias listadas abaixo.

- discriminação (pelas feições orientais; pelo nome/sobrenome; por preconceito);
- estigma;
- autoestima;
- questão de gênero (desvalorização da mulher na cultura)

- descendentes de okinawanos
- identidade ambígua;
- resgate identitário

A seguir, apresentaremos as categorias e, ilustrativamente, algumas das falas mais representativas e/ou significativas dos participantes, identificados numericamente. Nem todos os relatos poderão constar nesta parte do trabalho – e como já mencionado, os resumos dos resultados brutos estão nos Apêndices E, F, G, H e I.

7.4.Categorias

7.4.1. Discriminação

Como já vimos no capítulo cinco, discriminar tem o sentido de discernir e perceber diferenças, mas também indica separação e afastamento. A palavra significa também tratar de modo injusto/desigual e pode também estar se referindo ao racismo.

Dentro desta categoria há três subdivisões:

a) pelos feições orientais

Do total de participantes, 19 se sentiram discriminados e 4 disseram que nunca se sentiram discriminados por terem feições orientais. Oito não relataram vivências nesta categoria.

Percebemos que muitos relatos apresentam ambiguidade pois, por exemplo, a princípio o participante dizia não se incomodar, ou não ter vivido esse tipo de situação mas em outro momento acabava trazendo alguma circunstância que envolvia discriminação:

“Eu acho que foi na infância, na época de primário (atual fundamental 1), ou no ginásio (atual fundamental 2), mas aquelas brincadeiras, das outras crianças ficarem puxando os olhos e tal. Foi só isso mesmo. Mas eu não me senti dessa forma, discriminada. Era brincadeira mesmo. Não me incomodava”. (participante 2)

“Quando eu era pequena, eu nunca senti. Claro, chamar de japonesinha, isso existe, mas acho que nunca me doeu, nunca senti que fosse num tom pejorativo, nunca me doeu não”. (participante 3)

“Por exemplo, as pessoas falam: ‘ô, olho fechado, abre seu olho’. Uma vez ou outra, todo mundo [fala]. Mas não ligo. Não me sinto nem um pouco ofendida. Eu mesma brinco, né?: ‘Puxa, você está vendo que eu não enxergo direito? Tenho olho pequeno’. Eu mesma falo. Mas não me sinto assim”. (participante 21)

“Hoje eu sou casada também com um descendente, minha sogra é super tradicional, mega tradicional. Ela me trata bem porque eu sou nihonjin. Mas graças a Deus o meu marido já tem a cabeça mais aberta. O meu filho mais velho, quando era criança, ele detestava ser chamado de japonês. Detestava. Eu fiquei preocupada com isso, [porque] ele tem cara de japonês. Então, como é que fica?” (participante 22)

Muitos episódios ocorreram no período escolar, ou seja, que abrange desde a infância até o final da adolescência ou ao início da juventude, como podemos ver nos exemplos a seguir:

“Onde eu sofri discriminação foi na escola, porque no resto, por exemplo, na brincadeira na rua não tinha. [...] Quando eu entrei no primário, eu era a única japonesa da escola. Aí foi lá que eu senti isso pela primeira vez. Um dia, uma das meninas no recreio, que era mais velha, organizou uma brincadeira de figurinha, que tinha que bater figurinha, e ela falou ‘não, você não vai porque você é japonesa’.

A segunda coisa que aconteceu lá foi a professora de música que me pôs fora da bandinha. [...] E quando chegou na festa do final de ano, foi a hora que eu me dei conta. Eu fiquei um pouco envergonhada, me senti exposta na verdade... estavam todos os pais lá. [...] E lá na frente os alunos todos em cima do palco apresentando a banda, cantando não sei o que e tal, e eu... sentada sozinha. Então essa foi a primeira situação que eu fiquei um pouco assim, ‘meu Deus do céu, o que é que está acontecendo aqui?’ Mas até sem entender...” (participante 25)

“A respeito da discriminação, eu senti na escola. Porque até então a gente não sentia, porque em casa era tudo falado em japonês... Aí, quando a gente entrou na escola é que nós sentimos. Porque ali, nenhum de nós sabia bem o português... e às vezes quando chamavam pelo nome, a gente respondia em japonês. [A gente foi discriminado na escola] porque a gente era diferente mesmo, pela feição mesmo”. (participante 30)

Uma das pessoas mencionou pressão familiar, no sentido de receber orientação para não se misturar com “os outros”. Essa pessoa se submeteu passivamente a essa orientação familiar e afirma que se sente mais à vontade em meio aos “japoneses”:

“Eu não lembro de discriminação, mas sei que minha família, ficava mais com o pessoal japonês mesmo. Tentava não se misturar. Mas era difícil [misturar]. Pelo menos no jardim da infância, eu não ia muito na casa de gente brasileira, não. Como eu sou a mais velha, meus pais ficavam em cima de mim. Não deixavam eu fazer muita coisa, sempre me podavam. Sempre falavam para ficar mais com japonês, não se misturar

muito. Mas eu não ficava muito intrigada não. Achava... normal. Normal ficar entre nós mesmo. Eu também não era de ficar muito com os outros. [...]Acho que, nesse sentido [da discriminação], eu é que me colocava pra fora do grupo, porque eu acabo não me envolvendo muito com os outros". (participante 10)

Há também pessoas que estão agora ou que já estiveram alheias à percepção de sofrerem ou não discriminação:

"Até me surpreendeu o fato de você ter falado sobre a questão da discriminação. Eu fiquei pensando: 'será que tem pessoas que tiveram essa discriminação?' Porque, sinceramente, eu não tive essa discriminação por ser filho de japonês ou ter essa cara de japonês, ou por ser brasileiro também. Em todo lugar que eu vou, eu sou muito bem recebido. Eu nunca tive essa questão da discriminação". (participante 8)

"Provavelmente, eu devo ter passado por situações que eu não percebia que era de discriminação, e que eu fui negando e tentando ir pro lado 'não-oriental'. Então, eram coisas do tipo assim: 'olhos rasgados'... os comentários de sempre: 'você come o que?' Como se eu fosse um objeto estranho". (participante 24)

Parece mesmo impossível ao *nikkei* passar despercebido aos olhos dos outros. Suas características fenotípicas não podem ser disfarçadas/escondidas.

b) pelo nome/sobrenome

Apenas quatro pessoas trouxeram relatos de que foram discriminadas por causa do nome/sobrenome:

"Então eu acho que com o que eu mais sofri foi com o meu nome. Porque o meu nome tem L e ficavam falando com R, sabe? Tirando sarro. Então eu sofri... nossa, eu odiava. Tanto é que eu tenho trauma do meu nome, [por isso só uso] o segundo [nome]. Porque eu detesto. Isso é trauma de infância. Sempre, na minha infância inteira, na escola, o pessoal tirando sarro. Então nossa, eu falava para minha mãe: 'pelo amor de Deus, por que você me pôs, eu queria trocar o nome', eu sofri muito". (participante 14)

Duas delas contaram que eram caçoadas, porque seus sobrenomes rimavam com, ou lembravam outras palavras em português:

"Ah, às vezes brincavam com o meu sobrenome. O pessoal falava que parecia cocada. Mas isso, [eu achava] uma coisa normal. Eu não chegava a me ofender". (participante 9)

"Na escola eles gozavam do sobrenome da gente, né. Por exemplo, me falavam: 'aí, vaca!'" (participante 31)

Um participante comentou que não viveu nenhuma situação, mas sabia que estas existiam. E as demais (26) não se manifestaram a respeito.

“Não senti. Eu via [que], em relação ao nome, só se o nome fosse muito estranho. Aí, sempre tinha as brincadeiras. Mas comigo, eu não senti não”. (participante 2)

Embora essa categoria tenha aparecido minimamente nesta amostra, o que observamos é a dificuldade das pessoas de se lidar com o estrangeiro, com o diferente.

c) por preconceito

Nesta categoria, foram 24 relatos. As outras 7 pessoas, não mencionaram nada relativo a ela.

“Com dezenove anos, eu tinha entrado na USP, eu fazia Letras na USP. Eu namorava desde os dezesseis anos e aí engravidei. Nossa Senhora! Aí virei ovelha negra de novo. Nós casamos e eu tive o meu filho mais velho. Ah, com dezesseis anos, eu comecei a trabalhar no banco A [onde tive mais contato com japoneses]. E quando engravidei, senti muito preconceito daquele ambiente. Gostavam de mim, mas depois que engravidei, vejo que passaram a me tratar diferente. Então, eu senti discriminação lá”. (participante 4)

A impressão que dá é que o pessoal da colônia japonesa não tem tantas oportunidades no meio acadêmico. Não sei se é da USP [toda]. Mas, lá onde eu fiz o estágio, existe uma certa dificuldade para [japonês] ser contratado... (participante 6)

Mas na mídia, quando eu vou fazer um teste, por exemplo, se tem um casting: “Precisa-se de homens com aparência de cinquenta a sessenta anos.” Eu vou lá mas dizem: “Você é oriental.” “É, mas eu sou homem!” (participante 15)

Interessante notar aqui, que há situações vivenciadas pelos entrevistados, nas quais eles foram agentes da discriminação e não os alvos, sem no entanto percebê-lo:

“Conversando [com meu marido], a gente chegou à conclusão de que talvez o que esteja incomodando [nossa filha], seja que a gente não gosta dos amigos dela, que a gente recebe melhor os amigos do [meu filho] em casa e não tanto os amigos dela. Eu acho, né. Porque ela não me falou.

Mas eu sempre tratei educadamente [os amigos gaijin dela], talvez não com tanto carinho, mesmo porque a gente não tem uma relação frequente, não dá para ter carinho ainda, mas [sim] respeito”. (participante 3)

“As minhas filhas estudaram em escola bilingue. [Os alunos dessa escola] são pessoas de famílias ricas. Só que você convive só com brasileiro. Então, [as pessoas] não deixam você falar. Elas querem falar pra caramba, mas o nihonjin não. [Se] você está com nihonjin, uma pessoa fala, aí outra pessoa fala, e outra pessoa fala, todo mundo escuta todo mundo. Só que nesse meio [de gaijin], eu vejo que elas não

conseguiam parar para ouvir você. Então eu senti uma certa dificuldade. Agora o nihonjin já não. O nihonjin fala e escuta, né. É por isso que é mais fácil você conviver com nihonjin, porque você consegue falar...” (participante 5)

“Na época me incomodava, [porque japa] era um termo meio pejorativo quando eu era criança. Depois que entrei na escola, as pessoas me chamavam pelo nome mesmo. Mas muitas vezes, em discussão, a pessoa chegava e falava assim: ‘Seu japonês’, como se estivesse falando de um negro, de um índio, alguma coisa assim. Adolescente ainda me incomodava, sim”. (participante 8)

“Meu pai tinha uma coisa que gaijin tem e que eu achava ruim nele. Ele adorava se vangloriar dos filhos, e eu ria de vergonha. Nossa, como eu ria de vergonha. ‘Não, porque ela fez GV, não, porque ela fez USP, não, porque ele fez GV, porque ele fez POLI’. Nossa, aquilo era a morte”. (participante 20)

7.4.2. Estigma

Também já vimos no quinto capítulo, que a origem da palavra estigma, está relacionada a marcas corporais feitas para que determinadas pessoas fossem identificadas quanto ao seu status. Em nosso caso, estamos estudando pessoas que não possuem marcas “feitas”. Já nascem com elas.

Segundo Jeffrey Lesser (2008), “os *nikkeis* eram a mais visível das minorias étnicas originárias da imigração” (p.29), e mesmo desejando, não é possível passar despercebido. Sua ascendência está, literalmente “na cara”, pois como escreve em outra passagem:

São Paulo é repleta de nipo-brasileiros. Evangélicos ou ateus, mecânicos de automóveis ou economistas, velhos ou jovens, *gays* ou hetero, todos eles possuem o que Daphne Patai chamou de “*status* de minoria e estigma de ‘excesso de visibilidade’”. (LESSER, 2008, p.9).

Vejamos alguns dos 18 depoimentos. Os demais participantes (13) não relataram episódios sobre estigma:

“Às vezes é bom [ser japonês]. Por exemplo, se estou dirigindo e aparece uma blitz policial, raramente sou parado. Eu faço questão de baixar o vidro para que o policial veja que sou oriental, porque isso é uma vantagem, segundo o preconceito deles. Geralmente eles me deixam passar. E até ponho os óculos, que aí fico mais sério ainda”. (participante 1)

“Eu nunca senti preconceito nesse sentido. A não ser aquelas coisinhas bobas de criança, que japonês tem quatro filhos, coisinha assim. Abre o olho, coisinha assim. Mas fora isso, não. Até a gente era bastante considerado na escola. O prefeito da cidade [que eu morava] conhecia a gente. Acho que quando se é uma coisa meio ET, todo mundo conhece.

Mas isso não foi nem no Rio, foi mais aqui em São Paulo... eu sei que a gente veio com uma certa defasagem de conhecimentos de escola, porque eu acho que aqui em São Paulo era mais forte ou alguma coisa assim. E aí a professora chegou e falou: 'Mas como você não sabe isso? Você é japonesa. A tua irmã vai tão bem em matemática'. Então, nessa hora, eu senti uma certa discriminação. Como se todos os japoneses devessem ser inteligentes e ser bons em matemática". (participante 18)

"Porque [os japoneses] eram muito competentes, tinham que ser, né, dedicados. Eles acham que a gente é muito fechado, que é muito centrado, que a gente não é flexível. E eu tinha uns embates mesmo, de querer tudo certo. Acho que a gente foi criado assim, né? No meu tempo, não tinha jeitinho. Tá certo ou tá errado. Eu acho que o japonês é mais tímido, mais fechado, então é difícil você bater boca.

Depois o que você faz? Você tira ótimas notas. Aí você é inteligente, você vai bem, você tem que ser mais competente do que todo mundo para superar tudo isso. Quando eu cheguei na adolescência, que eu fui para [uma] escola que era super forte, eu tirava ótimas notas. E aí o pessoal pedia ajuda. Aquela discriminação ao contrário, né? 'É, só podia ser japonês para ser inteligente'. Então, aí vem o inverso, né? Aquela coisa: 'ah, precisamos matar dez japoneses para pegar vaga'. Aí já invertem os conceitos, a forma do pessoal pegar no seu pé, mas já um pouco diferente. [Tem que] demonstrar competência, ir melhor. A gente tem que ser muito, muito melhor do que os brasileiros". (participante 14)

"E eu estudava por causa do meu pai. Sempre tive boas notas, sempre fui um bom aluno, com um pouco de mau comportamento. Não tem saída, eu sempre estava no meio das coisas erradas lá dentro. Eu já cheguei a aprontar dentro da sala de aula e ir para a diretoria. Mas aí tem aquela coisa dos dois lados. Eu merecia ser expulso. Mas não fui porque eu sou japonês". (participante 23)

"Ah, na infância a gente sentiu bastante porque, por ser japonês, por ter obrigação de ir bem [nos estudos], de ter obrigação de uma série de coisas. E [fomos] cobrados, tanto pelos brasileiros e muito mais pela comunidade, pelos familiares.

Então não teve essa questão de muita zombaria. A gente era tratado assim, mas era positivo: os professores valorizavam porque japonês estuda, japonês isso e aquilo. Não tinha tanta questão nessa situação". (participante 28)

Como pudemos observar, de maneira geral, os japoneses e seus descendentes são estigmatizados por atributos considerados positivos. Alguns parecem até tirar proveito disso quando podem. Porém, a maioria sofre bastante, pois as pessoas não se sentem encaixadas nessas características, nesses estigmas que são vivenciados/sentidos como cobranças, tanto internas (de si próprias) quanto externas (dos pais, da sociedade como um todo).

7.4.3. Autoestima

Esta categoria aparece nos relatos de quatro participantes do sexo feminino. Os demais participantes não se posicionam a este respeito.

"E quando eu era adolescente, uma menina chegou e me falou assim: 'ah, você é feia porque você é japonesa'. Então, eu pensava: 'será que eu sou mesmo tão feia?'

Se a gente não tem auto estima, porque na adolescência a gente [é muito insegura] nem é criança e nem é adulto ainda...

[Na escola] sempre tinham aquelas meninas, as loiras... as bonitas, que tinham o cabelo assim, que se vestiam bonitinhas, que os meninos gostavam mais delas... e você era sempre a última a ser vista... aí, você começa a se questionar se realmente é porque você é descendente, ou se você é mesmo feia". (participante 31)

"É, eu falava 'nossa, eu sou feinha, né?' Cabelão... Mas o pessoal gostava. Era cabelo preto, preto azulado, liso, comprido. Então o pessoal falava 'Ah, como é bonitinho', aquele cabelão. Mas eu via as minhas amigas brasileiras, e eu achava elas [mais] bonitas. Pelo tipo físico. E eu sempre fui muito morena, moreninha. Aí eu já tinha complexo por isso. Nós somos de Okinawa, onde o pessoal é mais escurinho. E aí eu tinha o maior complexo, eu nem gostava de ir para a praia porque ficava negra. Eu morria de complexo". (participante 4)

"Eu sempre fui muito grandona. Com sete anos, já tinha um metro e sessenta e dois. Então, além do meu nome ser um dos últimos, eu era a última da fila. E eu morria de vergonha da minha condição física. Primeiro japonesa, segundo grandona desse jeito... imagina, era totalmente fora do padrão japonês. O que isso gerou em mim? Muita timidez. [...] Eu não sentia que era vergonha de ser japonesa, mas era da minha condição física mesmo, de ser grandona". (participante 20)

"Por que eu acabava me interessando por não orientais? Eu acho que tinha essa busca de me sentir um pouco mais valorizada. Todo mundo falava que filhos mestiços eram filhos bonitos, como se os japoneses não fossem. Tanto que eu nunca me senti bonita. Eu lembro que quando eu comecei a ficar um pouco mais vaidosa, olhava no espelho e minha prima vinha com umas histórias de pôr band-aid no olho para você ter a dobrinha, porque eu não tinha a dobrinha no olho". (participante 24)

Com esses relatos, podemos perceber que a questão de autoestima apareceu intimamente ligada à questão da estética feminina. As entrevistadas falam de uma insatisfação com sua autoimagem, do desconforto com sua aparência, muito longe do padrão ocidental de beleza.

7.4.4. Questão de gênero (desvalorização da mulher na cultura)

Dez participantes tiveram vivências nesta categoria. Todas também do sexo feminino. Nenhum dos homens chegou a fazer qualquer comentário sobre este assunto. Nada que se referisse às mães, irmãs, esposas ou amigas. Trata-se de um dos fortes aspectos da cultura japonesa que também integra a vivência das *nikkei*:

"A única coisa que me lembro agora é na época de escola, de assédio do professor... A carteira era grande, sentavam duas pessoas em cada carteira. E eu lembro desse professor de música, que sentava perto das japonesas, inclusive aconteceu comigo. Ele sentou e começou a passar a mão na [minha] perna. A gente usava uniforme, aquela saia xadrez. E ele sentava e passava a mão na perna. Como aconteceu comigo, depois eu fiquei prestando atenção se acontecia com outras

peessoas. Quando ele fez isso, eu não tive reação nenhuma. Eu lembrei porque me chamou atenção: ‘por que ele só vai em japonesa?’” (participante 2)

“[Minha filha] às vezes não consegue entender essa diferença. Ele [meu filho] é homem, ‘ele tem cinco anos a mais que você, e a gente ainda precisa conhecer melhor os seus amigos’. Mas ela se coloca muito comparada com relação a ele, e ela não vê que tem algumas diferenças que ela precisa considerar. Então é muito difícil trabalhar a cabecinha dela.

Nihonjin é muito assim, o homem é, a mulher não é. A mulher tem que abaixar a cabeça... O meu pai mesmo falou para mim: ‘mas por que você vai fazer faculdade?’ Eu fiz porque eu quis fazer. Mas na cabeça dele, eu tinha que casar e seguir a vida do meu marido. Nunca pensei dessa forma e ele também nunca me impediu. Então quando decidi fazer a faculdade, meu pai só questionou, mas depois me apoiou. Eu acho que em muitas famílias isso é muito forte ainda, da mulher não precisar [estudar], não tem que ser mais do que isso”. (participante 3)

“Acho que a maior discriminação que eu tive foi em relação ao meu pai mesmo. Ele me discriminava por ser mulher, porque ele queria que eu fosse mais submissa e eu não era. Até os quase vinte anos ele me batia, não com força, mas se eu respondia alguma coisa, ou se eu estava com cara feia, ou se ele não estava bem, era motivo [para ele me bater]. Agora que eu entendo”. (participante 11)

“Mas a mulher não tem valor nenhum para os japoneses. Meu pai me falou a vida inteira que ele devia ter me matado, me afogado no rio. Somos três mulheres e o caçula é menino. E todas as três estudaram, foi a gente que conseguiu fazer [nossos pais] sobreviverem depois que a gente ficou adulta. O preconceito é a criação de japonês”. (participante 28)

Não podemos negar, é verdade, que a mulher ainda precisa enfrentar adversidades de vários níveis ao redor do mundo. Mas percebemos que esta categoria parece evidenciar a desvalorização da mulher na cultura japonesa. Nos relatos destas nossas entrevistadas, podemos ver que há um “estilo nipônico” em seus conteúdos, da maneira como essa questão foi vivenciada por elas.

7.4.5. Descendentes de okinawanos

Um elemento importante que surgiu nesta pesquisa e que vai de encontro à nossa ignorância, é a presença de okinawanos em nossa amostra. Eles não foram identificados na ocasião da triagem porque a pesquisadora não pensou que fosse necessário fazê-lo. Quando chamamos atenção para este fato e nos dizemos *ignorantes*, é porque muito poucas pessoas têm conhecimento dessa situação particularmente delicada, que é a hostilidade longa entre okinawanos e japoneses. Tendemos a não fazer nenhuma distinção entre ‘japoneses’ e okinawanos e a considerá-los iguais.

Vamos ver os 5 relatos que surgiram mencionando a questão de Okinawa:

“O meu ex-marido era descendente de Tóquio, japonês de Tóquio. E quando eu comecei a namorar com ele, teve um preconceito da minha família. Porque okinawanos casavam só entre eles. Eu nem sabia dessas coisas. De onde que é, de que região... porque a gente não tem esses preconceitos. Mas eles tinham. Eu não entendia como é que era essa história que todo mundo olhava meio esquisito.

Imagina, todos com cara de japonês mas falam que são de outra cultura, que eles são diferentes. Então teve sim essa discriminação. Praticamente eu fui a primeira [na família] a namorar alguém que não era de Okinawa”. (participante 4, Apêndice G)

“E eu sofri um tipo de preconceito... sabe aquela história de Japão e Okinawa ter algumas divergências?

Eu fui numa festa uma vez, e fui a única pessoa do banco a ser convidada pelo Fulano para o aniversário dele. O Fulano também era nihonjin, mas era de outra parte do Japão. Quando eu cheguei, tinha uma mesa, onde várias mulheres falavam [mal] do pessoal de Okinawa, meio que criticando. O meu sobrenome não é de Okinawa, é mais do Japão. Então achavam que eu também fosse descendente do Japão. O Fulano falou assim pra mim na época: ‘fica tranquilo, que essas mulheres são meio doidas’. Falei: ‘Fulano, não esquenta a cabeça, deixa a festa rolar’. Aí alguém vem e fala: ‘ó, pessoal, esse aí é descendente de Okinawa, viu?’ ‘Mas M.?’ [meu sobrenome] ‘É, mas ele é.’ Aí elas ficaram meio assim: ‘Puxa, desculpa’”. (participante 7, Apêndice G)

“Nessa época que a gente estava namorando, a minha mãe, por ser de Okinawa, não queria que a gente namorasse o povo de Tóquio, que a gente chama de “Naichi”. Minha mãe queria que a gente casasse com uma pessoa de Okinawa também.

Eles tinham, na época, muita restrição com relação aos brasileiros, principalmente negros. Brasileiros e descendentes do pessoal de Tóquio. Mas depois acostumaram, conviveram bem, não teve mais problema nenhum. Mas que existia, existia”. (participante 13, Apêndice G)

“E estou aprendendo e entendendo a cultura okinawana. [...]Foi depois de casado que eu fui entender a importância disso. Então, foi aí que eu comecei a ver realmente como funciona a cultura japonesa. Meu sogro [okinawano] não gostava de quem nascia no Japão. Então, eu fui o primeiro descendente de japoneses a entrar na família deles e eles geralmente são muito fechados”. (participante 12, Apêndice H)

“É, era muito confuso, porque... Meus pais, dois japoneses. Minha mãe falava um pouco melhor o português, mas tudo enrolado. Aí ia pro nihongako, aprendia nihongo. Aí ia pra a escola e falava português. E, em casa, na verdade, era uma mistura, porque meus pais são de Okinawa. Então falavam o dialeto de Okinawa, falavam kougen, uchinaguchi. Aí eu ficava muito confusa. Aí eu ia para o nihongako, falava ‘mas sensei, não é assim?’ Aí ela olhava pra mim e dava risada, provavelmente ela sabia.” (participante 3, Apêndice G)

Destas cinco pessoas, quatro têm ancestrais okinawanos e uma delas é casada com uma pessoa de ascendência okinawana. A hostilidade mútua existe há séculos devido a várias questões, como por exemplo as características fenotípicas, provavelmente causadas por diferenças étnicas, além de muitas diferenças culturais, linguísticas.

7.4.6 Identidade ambígua

Mesmo quando não estávamos abordando diretamente a questão da identidade, ela emergia em meio a alguns relatos como uma noção, ou com uma falta de uma noção de “quem sou eu”. Aqui, veremos alguns relatos que constam do Apêndice G, que explorou a temática de discriminação por outros motivos que não fossem a aparência ou o nome/sobrenome oriental:

“Na minha adolescência principalmente, eu me sentia perdido nesse sentido: ‘quem sou eu?’ Eu me via brasileiro, porque nasci aqui, mas era chamado de japonês pelos meus amigos. Eu gostava de estar entre japoneses, era mais fácil de estar com eles. Mas eu tinha amigos negros também. Então era uma coisa maluca, ficava uma mistura que me deixava confuso. Eu sentia que tinha uma identidade japonesa, ou que era de origem japonesa. Mas também não era japonês-japonês. E era brasileiro, mas também não era brasileiro-brasileiro. Mas no fim, o que fica hoje de toda essa mistura, sou eu”. (participante 1)

“O que [um colega japonês, lá no Japão] quis me explicar, no final da história foi o que eu entendi: é que eu sou brasileiro. Não adianta ter cara de nihonjin. Eu sou brasileiro e acabou. Por ter nascido aqui. E que eu não teria tanta liberdade no Japão para fazer o que eu quisesse”. (participante 6)

“Nunca tive esse problema, sempre me sinto como um brasileiro que é descendente de japoneses e que, como você falou, quer entender de onde veio, as suas origens. E a gente acaba não entendendo porque a família não tem a informação. Jichan e Bachan ‘foram embora’ [=faleceram] e quando você começa a se interessar, não tem mais quem te passe a informação e você acaba perdendo mesmo. Mas eu não tive esse problema não”. (participante 12)

“Eu acho que a minha família sempre viveu muito no meio de japonês, de descendente. Hoje, ainda convivo bastante. Mas no trabalho, já não. No trabalho é ambiente normal [grifo nosso]. Mas círculo de amizade, assim, tenho muito amigo japonês mesmo.

Eu acho que ainda convivo bastante no meio de descendentes, viu? E também com parentes. Eu tenho alguns sobrinhos que são casados com ocidental. Mas a maior parte da família é de nihonjin.

Eu sinto que tenho muita coisa de nihonjin. Muita coisa do tipo: não vou chegar aqui, não conheço você, então não vou me esparramar quando sentar, acho que tem muito aquela coisa de fazer cerimônia”. (participante 16)

“O que eu sinto é que os valores que eu mais tento preservar são os valores que meu pai me passou. De ser honesta, de não pegar dinheiro que não é seu, coisas que não são suas. Eu não me lembro do meu pai falando exatamente isso para mim, mas é como se essas coisas estivessem vindo dele, porque o lado da minha mãe não era muito assim. A minha mãe, a gente brinca muito, que se ela puder levar vantagem em alguma coisinha, ela fica muito feliz.

E isso me incomodava muito, quando ela saía, às vezes sem querer do mercado, com alguma coisa que ela botou debaixo do braço, passou no caixa, e esqueceu [de pagar]... e só se dá conta disso lá fora.”. (participante 24)

Estes relatos nos dão a impressão de que a existência da origem dupla traz desconforto para algumas pessoas, enquanto que outras parecem estar habituadas com a duplicidade, ou talvez até mesmo com esse desconforto produzido por ela.

Também parece difícil “precisar escolher” entre uma cultura ou outra (japonesa ou brasileira) para se identificar. A maioria dos entrevistados (24) respondeu a este questionamento e apenas sete pessoas não responderam.

Identificação com a cultura japonesa

Seis pessoas mencionaram sentir-se identificadas com a cultura japonesa. Aqui apresentaremos apenas uma amostra das falas:

“[Me identifico mais] com a [cultura] japonesa.

Mas é um conflito também, porque a nossa vida, a minha vida profissional não é japonesa. Então eu tenho que fazer algum esforço para me adaptar a um meio não nipônico. Eu fico mais à vontade no meio de japoneses, no Festival do Japão, em encontro de japoneses, no almoço com os meus amigos, fico muito mais à vontade.

Eu com certeza fico mais à vontade num grupo de japoneses. É certo ou é errado? Porque ali, a maioria é assim [fechado, tímido], então eu não sou diferente, eu sou igual. Posso até ser um pouco menos, mas sou igual. No meio de gaijin, eu sou muito diferente, eu sou tímida. Então eu tenho muita dificuldade de me a igualar a eles. Agora, eu nunca vou ser como eles, mas acho que o respeito que eu consegui adquirir faz com que o meu espaço esteja garantido”. (participante 3)

“É japonês, parece que está no sangue. E assim, a gente frequenta associações japonesas também, tem o grupo também do Shimbukan¹³, todos nihonjin. E são de diversas religiões, tem o pessoal do Mahikari¹⁴, mas ninguém fala que a minha religião é melhor que a sua, ninguém se mete, todos nos respeitam. Nihonjin se respeita, então é uma coisa que um ajuda o outro (...)

O nihonjin tem esse lado bom da cultura que é a associação. Nihonjin, um ajuda o outro, respeita-se, entendeu? Mesmo a culinária japonesa também, ela é super balanceada, tudo...” (participante 26)

“Eu tenho muita identificação com a cultura japonesa e até aceito, mas também tenho o meu lado crítico em relação a tudo isso. Eu acho que o japonês, japonês é muito metido a besta. Orgulhoso.

¹³ O participante refere-se ao *Instituto Shimbukan*, que é uma rede de academias de prática de *aikidô*. Ver: <http://www.shimbukan.org.br>. Acesso em 18.jul.2018.

¹⁴ Novo movimento religioso japonês. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sukyo_Mahikari. Acesso em 18.jul.2018.

Eu sinto que a comunidade nikkei, comunidade sansei, eles preservam muito mais a cultura do que o próprio japonês. Que a gente vai pro [clube] Nippon¹⁵, vai pra exposição do Japão, né”. (participante 20)

“Na faculdade, eu também vivia no meu grupinho, que era mais a turma japonesa. Eu acho que é mais porque acostumei assim. Ficava mais na turminha de japoneses. Família... Eu sempre fiquei no meio de japoneses”. (participante 10)

O que pudemos observar é que não é possível relacionar esta identificação com nenhuma das variáveis (geração, sexo, estado civil, se tem filhos ou não), de um ponto de vista estatístico. Contudo, percebemos que, a partir de seus relatos integrais, estas pessoas mantiveram-se mais fechadas na comunidade nipônica ao longo de suas vidas, portanto não devemos estranhar que sua identificação seja maior com a cultura de seus ancestrais.

Identificação com a cultura brasileira

São 11 as pessoas que afirmaram sentir-se mais identificadas com a cultura brasileira. Vamos ver alguns exemplos:

“Com a brasileira, a brasileira. No Nihon, eu morei, vivi lá, mas eu não moraria no Japão.

Eu sou um brasileiro. Com cara de japonês. Mas eu sou 80% gaijin. Talvez 20% nihonjin. Tipo pontualidade. Estresse com o relógio, com pontualidade. Isso foi que o meu pai [sempre cobrou] desde que eu era criancinha: o horário. Chegar antes, ser pontual”. (participante 6)

“[Meu avô] sempre falou em português, então eu sempre achei que tinha muito mais da cultura brasileira mesmo”. (participante 11)

“Eu acho que com a brasileira. Hoje em dia eu admiro muito a cultura japonesa. Eu gostaria de ter aproveitado um pouco melhor, talvez eu tivesse mais facilidade, mas eu acho que eu estou muito bem adaptada. Eu estou adaptada na cultura brasileira. Tanto que em casa eu até que gosto de cozinhar, então às vezes me arrisco a fazer alguma coisa da culinária japonesa, mas o meu dia a dia é brasileiro”. (participante 24)

“Então, eu me identifico mais com a cultura brasileira mesmo. Até porque eu sou nascido aqui, eu sou brasileiro. Eu me sinto brasileiro mesmo. Acho que me sentiria um intruso se eu tivesse que ir lá. Eu sei falar, me desenrolar um pouco com o japonês, mas, chegando lá, eu vou me sentir diferente. Minha cultura oriental está muito longe, tá muito longe. Então eu me identifico mais com o brasileiro mesmo”. (participante 8)

“Com a brasileira. Porque eu não sou aquela pessoa que segue muito a tradição”. (participante 18)

¹⁵ Nippon Country Club – Clube frequentado pela comunidade nikkei, situado na cidade de Arujá/SP.

Pelas entrevistas estes participantes tiveram em comum, o fato de que não foram criados muito inseridos na cultura japonesa. Por escolha dos pais/das famílias, ou por questões circunstanciais, como por exemplo, por residirem e/ou terem nascido em áreas em que não há grandes concentrações *nikkeis*. Assim, acabaram estudando em escolas em que eram minoria numérica, convivendo muito mais com brasileiros de outras origens – estrangeiras ou não. Este pode ser o provável motivo destas pessoas identificarem-se mais com a cultura brasileira.

Identificação com ambas culturas

Algumas das sete pessoas que dizem identificar-se com ambas culturas, fizeram essa afirmação com clareza. Outras se diziam mais identificadas com uma delas, mas no seu discurso surgia o outro lado, quase que “imperceptivelmente”. Vejamos:

”Ao mesmo tempo que... eu vejo que a gente vai amadurecendo... por exemplo, hoje eu sinto que consigo conversar muito mais. Sou mais assim, prolixa. E talvez pelo fato de viver nessa sociedade, às vezes eu sinto que sou mais brasileira do que japonesa. Talvez, né. O problema é que eu não falo japonês. Então é talvez por isso que eu me sinto mais brasileira”.

Mas

*”E eu acho que talvez quando você convive com *nihonjin* é mais fácil. É mais fácil.*

Então, tanto pela igreja quanto pelo atletismo, convivi bastante com japonês. Então eu vejo que é mais fácil.

A gente come mais comida brasileira. Mas eu gosto muito mais de comer comida japonesa.”

(participante 5)

”Objetivamente eu sou muito mais brasileira do que me sinto assim, japonesa... inserida na cultura japonesa.”

Mas

”Eu sempre achei que a gente fosse bem ‘abrasileirado’, né, mas aí quando você vai olhar para as coisas que cozinha, que você faz, a gente é tão japonês quanto, e a gente também não percebe.”

(participante 31)

“Eu vou dizer que sou brasileiro e entendo muito bem a cultura japonesa. E estou aprendendo e entendendo a cultura okinawana. Então, o que eu posso dizer é que sou um brasileiro que se adapta muito bem a essas situações.”

Mas

“Eu sempre determinei na minha vida, que eu preferia conviver no meio de japoneses devido a limitações e tudo mais, educação... do que com gaijin, né? Isso é uma coisa minha. Eu acho que o gaijin não pensa como o nihonjin, daí fica mais fácil lidar com o parceiro mesmo. Então, eu tive essa preferência.”

(participante 12)

Escolhemos duas falas de cada participante nos exemplos acima, para podermos mostrar algumas afirmações aparentemente contraditórias. O que podemos inferir é que, não necessariamente trate-se de conflito. Talvez algumas das pessoas possam ficar ou ter ficado angustiadas por essa razão em algum momento de suas vidas. Mas o que pode ser observado de mais importante é que tal duplicidade é inevitável dentro dos contextos vividos por eles, pois recebem informações de duas fontes bastante diversas.

7.4.7. Resgate identitário

Como já mencionamos no início deste capítulo, 12 dos entrevistados acabaram ajudando a fazer emergir uma categoria (o resgate identitário) que não foi prevista desde o início deste estudo, mas que tínhamos alguma expectativa que emergisse, pois a escolha da faixa etária não foi aleatória.

Tínhamos alguma expectativa de que entre pessoas mais maduras, houvesse a possibilidade de elaboração sobre determinadas questões inerentes à existência humana. Nessa faixa, elas provavelmente já ultrapassaram a crise da metade da vida (*metanoia*), momento em que há uma retomada de posição na vida (JUNG, 2011e) e, portanto, podem ter tido mais chances/condições para fazer reflexões a respeito do tema pesquisado.

De acordo com Jung:

elas têm uma capacidade de absorver conhecimento muito acima do esperado, por mais que justamente essas pessoas sólidas, amadurecidas pela experiências de vida, sejam as que mais se

defendem contra uma visão exclusivamente reductiva. (Jung, 2012a, p.74)

“Então, eu sou um estrangeiro para o japonês; eu sou um estrangeiro para o brasileiro. Mas eu achei um ponto que, nessas junções, eu achei um ponto em que eu me vejo. Sou eu. E eu consigo, e aí fica legal, porque eu consigo transitar pelos dois universos agora com tranquilidade. Mas isso já foi um problema”. (participante 1)

“Como [meus pais] já eram brasileiros, a gente teve muito pouco contato com a cultura. E até foi bom. No ano passado eu fui lá para Okinawa, foi bem interessante que tem o festival dos okinawanos, a cada cinco anos. [Fui] para o festival com mais duas primas.

Tinha momentos em que eu me sentia muito brasileira para os japoneses e eu era muito japonesa para os brasileiros. É onde eu estou quanto à identidade. Então essa viagem para Okinawa foi mesmo o resgate das origens. A gente foi na casa dos tios, tinha até uma prima do meu pai. Então, foi bem bacana. Receberam a gente, e eu vi o quanto eles são amorosos.

Aí me identifiquei com o jeito de ser deles. E eu falei: ‘essa é a minha origem, aí eu me reconheço, tem muito mais a ver com essa questão emocional do brasileiro’, sabe? Então, para mim, foi uma viagem de resgate, resgate da identidade”. (participante 4)

“É, eu acho que o japonês, depois que amadurece, ele tem condições de conviver numa sociedade não oriental. Pelo menos, acho que essa é a minha experiência”. (participante 5)

“Ah, a gente sempre fica incomodado, porque nós somos japoneses aqui no Brasil e quando a gente vai para o Japão somos gaijin, né? Não sabe nihongo e não sabe o alfabeto. Então, essas perguntas que você faz, o dekassegui sabe responder muito melhor, porque acabou perdendo a identidade. [...]É meio complicado mesmo, realmente é muito difícil conviver com isso. Mas eu acabei absorvendo bem. Meu próprio jeito de ser, de conseguir conversar com as pessoas, né? Assimilar, desconsiderar, ignorar as pessoas que acabam te criticando. E eu acabei deixando passar, sempre esqueci, não ligava e ignorava. Por isso eu consegui viver melhor desse jeito, né?” (participante 12)

“Ah, eu falo que eu sou descendente de japonês. Aí falam: ‘vai jogar Brasil e Japão, para quem você torce?’ Eu torço para o Brasil, porque aqui eu fiz minha vida e aqui... eu sou descendente. Eu gosto dos japoneses, mas eu torço para o Brasil porque é aqui que eu fiz minha família e é aqui que eu nasci.”. (participante 13)

“Eu estou no meio do caminho, porque, não me sinto totalmente inserido, principalmente do ponto de vista profissional-artístico, no meio artístico brasileiro. [E também] tenho algumas questões que preciso reconsiderar da cultura oriental. Eu realmente estou no umbral, vamos dizer assim. Essa transição que em algum momento me deixa desconfortável, porque não existe ponto de apoio, você é obrigado a ficar equilibrado. Mas essa tensão é que move pra frente. De eu conhecer mais a cultura ocidental e de resgatar as culturas”. (participante 15)

“Eu me conscientizei de que todas as culturas têm as suas deficiências. Eu acho que as duas [culturas] têm as coisas boas e as coisas ruins. A brasileira tem a amabilidade, tem o bem-querer, e a disposição, ela demonstra mais. Mas eu gosto muito da arte, da cultura, da questão de como conduz a educação japonesa. Do

comprometimento. *Eu acho o japonês bem comprometido, quando ele se propõe a fazer alguma coisa. Mas eu gosto muito da amabilidade, do jogo de cintura brasileiro. Isso eu gosto. Eu agradeço a Deus de ter nascido aqui no Brasil. Talvez no Japão não me adaptasse. Não sei".* (participante 20)

"Eu gosto muito do povo brasileiro, gosto do Brasil, gosto da cultura brasileira. E também gosto da cultura japonesa, me identifico também com a cultura japonesa. Então, não sei que lado que me puxa mais. É nesse intermediário. E me sinto confortável desse jeito. É, porque hoje realmente eu navego bem dos dois lados. Então, se eu for para uma reunião que só tem japonês, tudo bem. Assim como se eu for comer acarajé, em algum lugar, naquela casa do nordeste também, para mim está tudo bem". (participante 22)

"Eu nunca me questioneei sobre isso... só depois, quando cresci, que comecei a perceber que eu tentava meio que negar da minha origem oriental. As pessoas me perguntavam se eu falava japonês. Eu respondia que não, mas falava com um certo orgulho. Porque eu não sou japonesa! Eu nasci aqui, eu sou brasileira. Por que ficam me perguntando se eu falo japonês? Mas era engraçado, porque algumas vezes os orientais me perguntavam em japonês e eu não sabia responder. Então, nessas horas, eu sentia um pouco de vergonha de não saber falar..."

Acho que por muito tempo, eu não percebia que o fato de eu ser de origem japonesa me incomodava.

Hoje em dia, eu vejo que tanto na família da minha mãe quanto do meu pai, com exceção da minha mãe e da minha tia mais velha, todos se casaram ou se relacionaram com não descendentes de japonês. Me dá a impressão que é uma tentativa de... negar ou de se adaptar. Seja lá o que for, porque tinha um incômodo.

Eu só fui ver que perdi a oportunidade, justamente nessa fase da faculdade. Nessa época, acho que foi uma época de valorização da cultura japonesa aqui no Brasil. "Poxa vida, eu perdi a chance de poder falar ou pelo menos entender o japonês". Porque primeiro, tinha a relação com o meu avô, que era uma coisa muito difícil, segundo que eu não queria ter sotaque, porque o sotaque era motivo de zombaria". (participante 24)

"A gente teve uma vida muito separada da colônia japonesa, foi uma coisa intencional [dos meus pais] e que eu acho que me salvou. [...] Teve um período na minha vida que tive hepatite. Então fiquei de cama muito tempo e o que eu podia fazer era ler. E li o Xogum, e eu punha um disco lindo do Jean Pierre Rampal que se chama Melodias Japonesas.

Esse período foi muito transformador, porque foi uma coisa de um contato que eu tive com a cultura [japonesa]. E eu senti como se tivesse resgatado dentro de mim, uma coisa do Japão que foi muito importante.

Eu acho que o que eu desenvolvi com esse negócio de pertencimento nas culturas, é uma forma de me ajustar bem e relevar algumas coisas e levar na brincadeira, entendeu? Quero dizer, esse é 'o' lugar. Então eu sinto que eu descobri um jeito de caber." (participante 25)

"Talvez no colégio (atual ensino médio), que eu comecei a viver mais a turma, que eu parei de andar um pouco com o pessoal lá do nihongakko. Eu acho que [agora] estou bem dos dois lados, viu? É... Nunca me senti mal de ser oriental, e eu nunca me senti mal de ser muito ocidentalizada... eu sempre me senti muito ocidentalizada." (participante 29)

Embora estivéssemos numa situação de entrevista e não de psicoterapia, foi possível constatar pelos relatos individuais, que estas pessoas de fato já

refletiram acerca de suas origens. E que parecem estar elaborando seus processos, que certamente incluem as ambiguidades de se ter origens culturais divergentes. Parecem perceber com alguma clareza algumas etapas já percorridas de todo esse processo.

7.5. A senhora K e uma experiência de discriminação

No início deste capítulo, mencionamos o depoimento desta senhora, que só não pôde participar da amostra, devido à sua idade. Mesmo assim, decidimos incluí-la na pesquisa. Ela nos trouxe o relato de um episódio ocorrido em sua adolescência, no caminho de volta do colégio para casa. A senhora K foi abordada por dois rapazes, que fizeram comentários preconceituosos e discriminatórios contra a sua pessoa. Vamos ver o que ela conta:

“Aguntei firmemente durante vários dias, até pensei em mudar o trajeto, mas o fatídico bar ficava na mesma rua e na mesma quadra de casa!

Até que um dia, resolvi enfrentar a situação por mim mesma, pois aquilo estava ficando insuportável.

Falar em casa, estava fora de cogitação, não queria causar mais uma preocupação à dura vida cheia de preconceitos que meu querido pai já enfrentava todos os dias na administração dos ignorantes operários que ele tinha que comandar”.

Decidida a resolver o impasse, a jovem confrontou seus agressores, de forma que acabou dominando a situação. Agora, ela afirma que

“Este fato moldou minha personalidade.

Aprendi que não tenho que ter medo, que é preciso enfrentar os problemas conforme eles vão se apresentando e que de uma forma ou outra vai ser resolvido”.

Sua narrativa segue na íntegra como Apêndice D. O que observamos com isso, é que além de enfrentar a situação em si e resolvê-la, como disse, a senhora K, ela também enfrentou o estigma da japonesinha indefesa e que não reage.

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Faremos aqui a análise e discussão dos resultados obtidos em nossa pesquisa e que foram apresentados no capítulo anterior.

8.1. Uma questão de identidade

Como vimos, boa parte dos relatos dos entrevistados envolvem a questão da identidade. Ela parece surgir, principalmente como tentativas de entender “quem sou eu, afinal?” Essas tentativas parecem apontar para um processo de adaptação em pleno andamento.

O que foi possível observar nesses relatos, é que existe de fato, uma raiz identitária comum – que é a cultura japonesa trazida num momento histórico específico – e que teve um percurso tão diverso daquela que ficou no país de origem. E das influências que esse percurso teve devido ao processo migratório e de suas idiossincrasias enquanto fenômeno.

A migração, particularmente, resulta na exposição a uma série de culturas, valores, religiões e estilos de vida, e resulta no questionamento das próprias normas e valores do indivíduo. Enquanto imigrantes se esforçam por entender essas diferenças, eles se deparam com o mesmo tipo de problemas que um adolescente encara durante o seu desenvolvimento: “Quem sou eu? Quem quero chegar a ser? A que lugar pertença?”. (PHINNEY, 2004, p. 50)

Evidentemente, trata-se de um processo nada simples nem fácil, além de não ter uma “uniformidade” no que se refira a etapas vividas individualmente, mesmo porque, como já vimos no capítulo de psicologia analítica, não existe “a ingênua presunção que a psicologia de uma pessoa seja igual à de outra” (JUNG, 2011e. p.456).

É interessante como a participante 16 se refere ao ambiente de trabalho como “normal”, querendo dizer que há pessoas tanto de origem nipônica como de outras ancestralidades. Como visto anteriormente, esta participante se identifica mais com a cultura japonesa, com a qual sempre preferiu conviver. Será que ela está nos dizendo que vive num “ambiente *anormal* de japoneses”?

8.2. Complexo cultural

Há também um outro modo de se observar, que é do ponto de vista do complexo cultural. Podemos pensar nas migrações como processos traumáticos. Tanto nas motivações que levam as pessoas a saírem de seus habitats naturais para buscarem melhores recursos de sobrevivência em outros lugares, como no próprio processo em si. Como todo processo de mudança, a migração envolve perdas e o inevitável encontro com o novo, muitas vezes evoca-se a sensação de perigo iminente. Isso tudo pode fazer com que esse processo seja vivido como um trauma coletivo e intergeracional, pois estamos falando aqui de uma mobilização coletiva, de um inconsciente coletivo que envolve não só os imigrantes, mas também seus descendentes. Embora não se trate de toda a população japonesa, estamos falando em grandes contingentes humanos que foram atingidos por esse fenômeno.

Assim, desse ponto de vista, podemos inclusive tentar identificar quais seriam os sintomas desse complexo cultural. E de que complexo estamos falando. Sabemos que, nem de longe seria possível comparar esta situação com um outro fato que faz parte da nossa história brasileira: a escravidão. Não há dúvidas quanto à natureza violenta e cruel que envolveu esse período, que ocorreu não só no Brasil, mas no mundo inteiro.

Em sua pesquisa realizada no pelourinho, Ramos (2010) escreve:

A verdadeira história do Pelourinho, como a vemos, está escondida num pequeno cemitério atrás de uma igreja e no discurso amargo de seus habitantes. Não há interação consciente entre a riqueza cultural e simbólica e sua vida diária. Apesar da cultura africana estar profundamente entranhada no Brasil – como podemos ver na música, dança, comidas e práticas religiosas – parece que sua aculturação permanece restrita a essas atividades e não está integrada com outras, como atividades econômicas lucrativas. (p. 76, tradução nossa)

Dando sequência ao seu raciocínio, a autora cita Singer e Kimbles (2004) que asseveram que um grupo traumatizado pode apresentar um “falso self” ao mundo, e que este não é capaz de enxergar a autenticidade do grupo. (Ramos, 2010, p. 76)

Neste sentido, poderíamos talvez elaborar o mesmo tipo de raciocínio em relação aos imigrantes japoneses e seus descendentes. Como grupo, eles

também exibem um “falso self” ao mundo. Esse “falso self” *nikkei*, poderia ser “traduzido” como as estigmatizações atribuídas a esse grupo étnico que também, não estaria se expressando genuinamente.

É claro que, como complexo cultural, seus reflexos, ou melhor dizendo, talvez, seus sintomas poderiam ser, por exemplo: a baixa autoestima, as ambiguidades e os sentimentos de inadequação e de culpa. Também é inegável que os aspectos elencados no capítulo 3 podem ser compreendidos como “substratos” que permanecem no inconsciente coletivo *nikkei*, que fazem parte dos conteúdos formadores de um “modo *nikkei* de ser no mundo” e ainda, associados a uma forte característica nipônica, muito diversa da ocidental, que é a transmissão desses conteúdos não verbalmente.

8.3. Descendentes de okinawanos

Embora já tenhamos citado a ilha de Okinawa no capítulo três (p.30), cabe fazermos aqui um breve acréscimo de informações. Como já dissemos, essa ilha faz parte do arquipélago de Rykyu que foi devolvido ao Japão em 1972, após ter ficado sob jurisdição norte americana desde o final da Segunda Guerra Mundial. Ryukyu era um reino independente, que foi incorporado ao Japão como província em 1879. (SAKURAI, 2007).

As hostilidades entre *okinawanos* e japoneses vai muito além da questão territorial. Há também uma grande diferença das línguas. O dialeto dos *okinawanos* é incompreensível para os japoneses, pois trata-se de uma combinação do chinês com o coreano e línguas ocidentais, como o holandês (SAKURAI, 2007). E existe também uma visível diferença fenotípica entre eles (tonalidade da pele, tipo de cabelo, estatura média e outras) que também dá margem às discriminações mútuas.

Jeffrey Lesser (2001) colheu informações sobre os *okinawanos* nas listas de desembarque mantidas na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo. Segundo essas informações:

Os okinawanos (ryukyuanos) eram considerados um grupo minoritário de baixo *status*. Falavam um dialeto relacionado com o japonês antigo que era incompreensível para a maioria dos japoneses das ilhas principais (*naichi-jin*). Entre 1908 e 1912, quase 17% de todos os japoneses que entraram no Brasil vinham de Okinawa (746/4.540), fazendo dos okinawanos o segundo maior grupo, depois dos de Kumamoto (24%; 1083/4.540), e mais numerosos que os de Hiroshima (14%; 629/4.540). (LESSER, 2001, p. 198, nota 35).

Em nossa amostra de 31 pessoas, havia cinco (16%) participantes de ascendência *okinawana*, ou casados com *okinawanos*. Embora se trate de uma amostra numericamente diminuta, coincidentemente é um percentual próximo às informações encontradas por Lesser nessas listas de desembarque.

Houve uma situação quase anedótica ocorrida logo na primeira chegada do *Kasato-Maru* em 1908, envolvendo o inspetor da Agricultura de São Paulo na época, J. Amândio Sobral e um grupo de imigrantes oriundos de Okinawa:

ao contrário dos asiáticos imundos que Sobral esperava, os japoneses traziam os cabelos “penteados com cuidado, perfeitamente em harmonia com a gravata que todos usam”. Os alojamentos e o refeitório do *Kasato-Maru* estavam em “estado de absoluta limpeza”, e todos traziam “roupas limpas” e eram “do maior asseio com seu corpo. [...]O inspetor ficou particularmente satisfeito com o fato de os recém-chegados terem gostado de “nossa alimentação, feita à nossa moda e com os nossos temperos”, sem se dar conta de que a maioria dos que se encontravam a bordo do *Kasato-Maru* vinham de Okinawa, uma região tropical onde a carne de porco e a comida temperada eram comuns. (LESSER, 2001, p. 161).

Será que se a pesquisadora fosse de origem *okinawana*, teria dado alguma atenção ou algum destaque a essa questão em relação às situações de preconceito que seriam trazidas pelos participantes? Acredita-se que, por ser “descendente de Tóquio”, a pesquisadora só tomou tento depois que já havia encerrado a pesquisa de campo, já na etapa em que se começou a organizar o capítulo de resultados.

8.4.A senhora K e o papel feminino na cultura japonesa

Quisemos incluir o depoimento da senhora K, pois pareceu-nos que ela foi capaz de elaborar, pelo menos naquela ocasião, o estigma da japonesinha silente e passiva, que pode ser submetida a agressões verbais sem que isso tenha consequências.

Diferentemente da participante 2, ao relatar, como vimos no capítulo anterior (pp.74-75), quando foi vítima do assédio e do abuso de seu professor, de etnia diversa da sua:

“observei que [o professor só] ia nas japonesas, que eram mais quietas e tal, e não falavam nada”. (participante 2)

Houve mais uma circunstância grave de agressão ocorrida no período de infância de outra participante:

“Na minha infância a gente era muito protegida, porque na época estava tendo muito estupro de nisseis [na cidade em que eu morava] porque elas ainda eram novidade lá. Falavam que nissei era atravessado e raso, entendeu? Tanto que a mãe da minha melhor amiga foi estuprada. Ela levava a minha amiga de bicicleta [para a escola]. Moravam no sítio, e para salvar a filha, ela foi estuprada. Então, na casa do meu pai tinha oito ou nove cachorros, que se vissem gaijin, arrancavam pedaço. E para ir para a escola também, a gente ia em grupo, mas isso graças a Deus passou. Foi só uma fase.”. (participante 17)

De acordo com o que ela nos explicou, essa cidade do interior do estado de São Paulo onde morava na época, recebeu os imigrantes japoneses e suas famílias tardiamente, portanto seus habitantes ainda não estavam acostumados com sua presença e se deixaram levar por ideias preconceituosas e estigmatizantes. Mesmo que com o tempo as agressões tenham parado de ocorrer, pois a população provavelmente se acostumou com a presença *nikkei* em seu território, não podemos ignorar que isso foi extremamente sério.

Mudando para outro enfoque: duas das entrevistadas, casadas e com curso superior, uma delas com pós-graduação, responderam ao questionário de identificação que são ‘do lar’. Nenhuma delas parece se incomodar com essa situação, por lhes parecer normal. Uma delas disse:

“E depois o meu marido achava que era melhor eu ficar com elas [as duas filhas] sem trabalhar, então... foi assim”. (participante 5)

A outra participante sequer fez menção à situação. Ambas entrevistadas têm uma condição financeira boa, pois seus maridos têm ótimos empregos, salários altos e vivem em bairros nobres da cidade de São Paulo. Seus filhos puderam estudar nas melhores escolas e atualmente, já adultos, também estão em muito boa situação profissional.

Até que ponto consideramos este achado normal, dentro dos padrões brasileiros? Ou até que ponto podemos pensar que se trata de um valor tipicamente nipônico? Vimos no terceiro capítulo (p.40) que as mulheres japonesas param de trabalhar depois do casamento, se não logo depois, assim que começam a ter seus filhos, para cuidar melhor deles, de sua casa e do marido.

Um outro aspecto feminino que também nos chamou atenção, foi a questão da baixa autoestima de algumas mulheres, conforme vimos no capítulo anterior. Este sentimento se relaciona com a insatisfação com a sua aparência, pois a mulher “japonesa” não se enquadra nos padrões de beleza ocidentais. Esta afirmação nos remete à dissertação de mestrado de Ishimori (2005) que aborda essa mesma problemática. Embora seu estudo tenha sido realizado com adolescentes, não podemos desprezar a importância da autoimagem como elemento formador de identidade e, portanto das possíveis consequências de vivências negativas no passado de mulheres maduras.

8.5. Ganbatte! E outras “japonicidades”

Através das entrevistas foi possível constatar que, de fato, foi necessário ser resiliente para o imigrante conseguir enfrentar e sobreviver a tantas adversidades. Ousamos aqui, afirmar que o “espírito japonês” também atravessou os oceanos e continua vivo no inconsciente coletivo cultural de seus descendentes. Aqueles que se despediram ao embarcar nessa aventura sem volta que empreenderam, trouxeram na alma, o “*ganbaré*” que seus familiares e amigos lhes desejaram ao ficar na terra-mãe.

Mesmo com fortes características de mutismo em sua “japonicidade”, muitos imigrantes conseguiram verbalizar para seus filhos e netos, ainda que na língua japonesa, sobre o verdadeiro sentido de *ganbaru* em terras estrangeiras. Ainda que seus descendentes não considerassem estar vivendo em terra estrangeira, mas em sua própria pátria.

“Ah, na infância a gente sentiu bastante porque, por ser japonês, por ter obrigação de ir bem [nos estudos], de ter obrigação de uma série de coisas. E [fomos]

cobrados, tanto pelos brasileiros e muito mais pela comunidade, pelos familiares.”. (participante 28)

“Quando eu entrei na escola. Meu pai me chamou e foi uma situação traumática. Não traumática de ruim, mas muito marcante. Ele me chamou no escritório dele que tinha lá em casa. Não entrei com medo mas entrei pensando: ‘Nossa Senhora, o que é que vai acontecer aqui?’ E aí, ele me fala assim: ‘você vai entrar numa escola onde não tem nenhum japonês. Então você vai ter que se comportar muito bem – querendo dizer: ‘eu não quero passar vergonha’ – e em segundo lugar, você vai ter que ser duas vezes melhor que todo mundo para que as pessoas te vejam como igual. Terceiro ponto: não me arruma nenhuma briga lá, porque eu nunca vou dar razão para você, mesmo que você tenha razão. Porque nós somos japoneses, nós não somos vistos como pessoas iguais a eles, não sei o que e tal’. Essa foi a primeira vez que eu tive essa ideia de que a gente [era diferente] Eu pensei: ‘então tá bom. Eu entendi a mensagem, eu vou entrar e eu vou me comportar’.”. (participante 25)

Porém, nem tudo é só perfeição. Pois algumas vezes, esse “jeito japonês de ser” tem o seu “lado B”. O que poderia ser resiliência, também pode se expressar como intransigência, como rigidez.

“Porque ele [meu pai] chegava, chamava no erro e falava o que tinha que falar. Eu chegava a chorar por causa do erro cometido e até pela lição de moral que ele dava. Isso daí é um negócio que eu sempre trago comigo. É a questão da cultura da família mesmo, que educou a gente dessa forma. Isso aí foi um negócio que marcou bastante. A questão da mentira, da omissão, essas coisas. Isso é um negócio que eles não aceitavam.”. (participante 8)

Além do mais, não podemos nos esquecer das regras de conduta que permeiam a cultura nipônica e que, certamente foi trazida ao Brasil e herdada por seus descendentes. Existem muitas situações em que vigoram o cumprimento da honra e do dever cumpridos:

“Eu sempre fui muito esforçada na escola. Então eu sempre tirava boas notas, sempre tive o meu caderno organizado, sempre recebia muitos elogios. Era uma escola de madres e elas sempre elogiavam o meu caderno. Eu acho que, indiretamente, isso impunha um certo respeito perante as outras pessoas.

Eu gostava [de estudar]. Eu sentia como uma obrigação. Eu tinha que estudar. Consequentemente eu tinha notas boas. Então eu sempre me dediquei.”. (participante 3)

Mesmo entre aqueles que por alguma razão não puderam ou não quiseram estudar além do ensino médio, há essa espécie de “obstinação” em fazer, seja a tarefa que for, bem feita. Dar o melhor de si, no seu melhor estilo *samurai*.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo sobre os resultados, comentamos sobre a duração das entrevistas. Como dissemos, as presenciais chegaram a ter uma média de aproximadamente uma hora e meia, e as realizadas por meio eletrônico duraram em média cerca de uma hora. Embora o tema fosse uma questão difícil, pesada, talvez até de foro muito íntimo, os participantes pareciam estar bastante à vontade para contar suas experiências de vida. Independentemente do local onde tenham sido entrevistados.

Provavelmente o fato da pesquisadora também ser *nikkei* pode ter gerado um clima empático, menos defensivo e que tenha proporcionado uma atmosfera favorável para que os participantes não se intimidassem. Foi possível perceber também, os momentos em que rememoravam lembranças desagradáveis e/ou dolorosas, assim como se divertiam com situações engraçadas, ou que puderam rir agora, diante de fatos que outrora tenham vivido como trágicos. Enfim, a interação foi bastante positiva.

Quanto aos resultados, constatamos que os nipo-descendentes se veem de fato diante de uma série de confrontos provocados pela sua origem ancestral, como problemas de maus-tratos e xingamentos devido à discriminação e ao preconceito que sofrem por causa de traços físicos diferentes, por causa das sonoridades incomuns de seus nomes ou sobrenomes estrangeiros. Esses episódios são percebidos como piores/mais doloridos da infância ao início da vida adulta, pois é justamente nessa fase da vida que se fundamenta, que se estrutura a identidade.

No nosso ponto de vista a identidade se constrói através de relações, isto é, é processual e relacional e, portanto, capaz de se adaptar às transformações sociais e pode ser vista como uma construção social de pertencimento. E, em uma época de tantas divisões, é sempre oportuno lembrar que a identidade marca distância, mas também aproximações. (SANTOS, 2010, p. 40)

A literatura teve a importante função de nos dar o suporte necessário para as reflexões que puderam ser desenvolvidas neste estudo. Sabemos que a mobilidade humana e as migrações existem há muito tempo, e que os conflitos provocados por esse fenômeno têm se intensificado cada vez mais. À medida

em que a densidade demográfica do planeta aumenta, a tendência a aumentar a tensão vai se complicando. Os migrantes têm cada vez menos espaço para se realocarem e, desse modo, a intolerância parece também ganhar dimensões cada vez maiores, pois vai aumentando a proximidade em relação ao “outro” que ameaça suas chances de sobrevivência.

Aparentemente a capacidade evolutiva dos seres humanos em desenvolverem seus potenciais na resolução de conflitos de inúmeras ordens, não acompanha a velocidade com que as desavenças se alastram. Torna-se cada vez mais indispensável que as ciências possam trabalhar conjuntamente no desenvolvimento de ferramentas eficientes para lidar com tudo isso. Sejam ferramentas de ordem teórica ou prática. As psicologias não têm como prescindir do apoio, por exemplo, das ciências sociais que nos ajudam a compreender os contextos em que se inserem, em que se relacionam os indivíduos e como se afetam mutuamente.

Salientamos então, que a amostra estudada nos demonstrou a necessidade premente da tomada de consciência em relação aos dados que foram aqui levantados. Observa-se uma tendência dos *nikkeis* de evitação de conflitos, de uma postura evasiva e de não envolvimento em confrontos. Tanto em situações externas, em que há envolvimento de “um outro”, quanto em situações internas, por exemplo quando se vê diante de alguma ambiguidade interior, como a dupla raiz de origem.

Não queremos dizer com isso que os *nikkeis* sejam “problemáticos” e que todos precisem passar por processos psicoterapêuticos. O que sugerimos aqui, é que possamos divulgar mais essas questões que aqui encontramos. Seja através de mais pesquisas, de publicações de artigos, não só em revistas científicas ou especializadas, mas de uma divulgação bastante ampla entre a população em geral, em diversos veículos de comunicação, e que não seja voltada exclusivamente para descendentes de japoneses.

O Coletivo Oriente-se e outros grupos similares têm realizado trabalhos muito interessantes nas mídias sociais. Mas serão esses trabalhos realmente eficientes? Qual é o alcance? Quem é o público que está sendo atingido? Pode-

se pensar que eles estejam pelo menos tendo a iniciativa de buscar a conscientização sobre as questões de racismo e discriminação. Mas há um grande risco de se repetir erros já cometidos no passado por outros grupos, cujo efeito pode ser uma segregação maior e um aumento de hostilidade.

Gostaríamos imensamente que o presente estudo possa servir como incentivo para que se desenvolvam outras pesquisas que a amplifiquem, como por exemplo as que acabamos de sugerir. Que nos ajudem a melhorar cada vez mais a capacidade de aceitação das diversidades, que nos auxiliem a olhar para o outro como algo muito além de uma tela de projeções de nossos próprios conteúdos, com suas singularidades e idiossincrasias. Ou que pelo menos ajudem a nos abrir para tudo isso.

REFERÊNCIAS

ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO. **Cultura japonesa**: São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. São Paulo, 1994].

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERRY, J. W., Migração, aculturação e adaptação. In: DE BIAGGI, S.D.; PAIVA, J.G. (Org.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CROCHÍK, J. L., **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DANTAS, S.D.; UENO, L.; LEIFERT, G.: SUGUIURA, M. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília: Ano XVIII, nº34, p.45-60, 2010.

DE BIAGGI, S.D.; PAIVA, J.G. (Org.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ENNES, M. A. **A construção de uma identidade inacabada**: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ªed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GONZÁLEZ-REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HAGA, E. Y. **A “cultura samurai” em Terra Brasilis**. um estudo junguiano sobre a identidade do nipo-brasileiro. Monografia (Especialização em Abordagem Junguiana). COGEAE – PUC/SP, São Paulo, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (orgs.). **Cem anos da imigração japonesa**. História, Memória e Arte. São Paulo: UNESP, 2008.

HOLLIS, J. **A passagem do meio**: da miséria ao significado na meia-idade. São Paulo: Paulus, 1995.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss**. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br>> acessos de 12.out.2016 a 12.jul.2018. [2012?].

ISHIMORI, K. M. **Viver num corpo estrangeiro**: Sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotípias. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). PUC/SP, São Paulo, 2005.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Vol. 8/1, 12ª ed., Petrópolis: Vozes, 2012a.

_____. **A natureza da psique**. Vol. 8/2, 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **A vida simbólica 1**. Vol. 18/1, 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011b.

_____. **A vida simbólica 2**. Vol. 18/2, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011c.

_____. **Aion**: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Vol. 9/2, 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011d.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vol. 9/1, 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 2012b.

_____. **Símbolos da Transformação**. Vol. 5, Petrópolis: Vozes, 2011e.

_____. **Tipos psicológicos**. Vol. 6, 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011f.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Uma diáspora descontente**. Os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LIN, M.H.; KWAN, V.S.Y.; CHEUNG, A.; FISKE, S.T. Stereotype content model explains prejudice for an envied outgroup: Scale of anti-asian american stereotypes. **Personality and Social Psychology Bulletin**, Lawrence (Kansas): v.31, n.1, p.34-47, 2005.

LISBOA, L.C.; ARAKAKI, M.R. **Namban**: O dia em que o Ocidente descobriu o Japão. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Estação Liberdade, 1993.

LIU, C.; SUYEMOTO, K.L. The effects of racism-related stress on asian americans; anxiety and depression among diferent generational statuses. **Asian American Journal of Psychology**, Hilo (Hawaii): vol. 7, nº2, p.137-146, 2016.

MIETTO, L. F. M. R. **Kojiki ou “Relatos de Fatos do Passado”**. Apresentação com notas analíticas da mais antiga crônica histórica japonesa do século VIII. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo: 1996.

MONTEIRO, I. S.; MAIA, A. Propriedades psicométricas da versão portuguesa do instrumento de avaliação do sentimento de pertença. **Revista de Ciências da Saúde de Macau**, v.9, n.1, 2009.

MORAES, F. **Corações sujos**: a história da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NAKANE, C. **Japanese Society**. Berkeley and Los Angeles, California, USA: University of California Press, 1970.

PEREIRA, R. A. Religiosidade japonesa: sincretismo e tolerância. In: ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO. **Cultura Japonesa**: São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. São Paulo, [1994].

PHINNEY, J.S. Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos. In: DE BIAGGI, S.D.; PAIVA, J.G. (Org.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RAMOS, D. G. Creativity and art as part of the elaboration of trauma brought on by slavery. In: STEIN, M.; JONES, R. A. (ed.), **Cultures and Identities in Transition**. Jungian Perspectives. Hove: Routledge, 2010.

SAKURAI, C. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, M. O. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, Brasília: ano XVIII, n. 34, p. 27-43, 2010.

SAWAGUCHI, G. C. T. **Resiliência e migração**: um estudo sobre as crianças que retornaram do Japão. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC/SP, São Paulo, 2013.

SINGER, T.; KAPLINSKY, C. Cultural complexes in analysis. In: STEIN, M.; JONES, R. A. (ed.), **Cultures and Identities in Transition**. Jungian Perspectives. Hove: Routledge, 2010.

SINGER, T.; KIMBLES, S.L. (ed.), **The Cultural Complex**. Contemporary Jungian Perspectives on Psyche and Society. Hove: Routledge, 2004.

SOARES, R.G; NERY F.C.; SILVEIRA, P.S.; NOTO, A.R; RONZANI, T.M. A mensuração do estigma internalizado: revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá: v.16, n.4, p.635-645, 2011.

STEIN, M.; JONES, R. A. (ed.), **Cultures and Identities in Transition**. Jungian Perspectives. Hove: Routledge, 2010.

SUDA, J. R.; SOUZA, L. Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES). **Psicologia e Sociedade** (Impresso); Belo Horizonte: v.18, n.2, p. 72-80, 2006

TAKEUCHI, M. Y. A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. **Revista USP**, São Paulo: n.79, p.173-182, 2008.

VÉRAS, M. P. B. **DiverCidade**: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. São Paulo: EDUC, 2003.

YAMASHIRO, J. **História dos samurais**. 2ª ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Massao Ohno Editores, 1987.

YAMASHIRO, J. **Japão** – passado e presente. 3ª ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1997.

YAMAZATO, A. **História ilustrada do Japão**. 1ª ed. São Paulo: Editora 5 Cores, 1967.

GLOSSÁRIO

Aikidô – Modalidade de arte marcial.

Akita – Raça de cão.

Amaterasu Omikami – Deusa do sol, nascida do olho esquerdo do deus primordial *Izanagi*. Segundo a mitologia, ela deu origem à família imperial japonesa.

Bonsai – arte/técnica japonesa de miniaturizar árvores mantendo as proporções naturais; miniatura de planta produzida por essa arte.

Bachan ou *baachan* – Modo informal para *obaachan*, que é avó.

Bushido ou *Bushidô* - Código de honra e de ética dos guerreiros samurai. No século XVI, o escritor e samurai Daidoji Yuzan tratou de fazer o registro escrito desse código.

Chonan ou *chounan* – Filho primogênito.

Dekassegui ou *dekasegi*- Trabalhador japonês temporário, em território estrangeiro. Atualmente a situação se inverteu e é como os brasileiros que vão trabalhar temporariamente no Japão estão sendo chamados.

Doryô – Colega, do mesmo nível hierárquico nas relações sociais/familiares.

Futon - Manta acolchoada usada para dormir sobre o *tatami*. A espessura varia conforme a estação do ano. Similar aos atuais edredons.

Gaijin – Estrangeiro. Literalmente, “pessoa de fora”. *Gai* é outra leitura para fora (*soto*). *Jin*, é pessoa (*hito*).

Ganbaru/ganbatte – O primeiro é verbo (*ganbaru*) e o segundo é sua forma imperativa. Significa esforçar-se.

Gatebol - Esporte coletivo de taco, similar ao *croquet*.

Giri – Não tem uma tradução direta, mas significa dever; em relação aos pais, ao senhor, aos superiores, inferiores, aos parentes e amigos, à sociedade em geral.

Gô – Jogo de salão japonês, disputado sobre um tabuleiro.

Harakiri – Literalmente “cortar barriga”, é a prática do suicídio por evisceração.

Hiragana - Forma de escrita fonética/silábica japonesa.

Hokkaido – Uma das quatro principais ilhas do arquipélago japonês. Situada mais ao norte.

Honshu – A maior e mais populosa das quatro principais ilhas arquipélago japonês.

Ijime – *Bulling* na língua japonesa.

Ikebana - Arte de arranjo floral.

Inu – Cachorro.

Izanagi – Nome do deus primordial que, segundo o *Kojiki*, junto com sua esposa *Izanami*, foi responsável pela criação do arquipélago japonês. Significa o primeiro homem, ou aquele que convida.

Izanami - Nome da deusa primordial que, segundo o *Kojiki*, junto com eu marido *Izanagi*, foi responsável pela criação do arquipélago japonês. Significa a primeira mulher, ou aquela que convida.

Jichan ou *jiichan* – Modo informal de *ojiichan*, que é avô.

Jinja – Santuário xintoísta.

Jinmu – Primeiro imperador e fundador da dinastia que perdura atualmente no Japão. Considerado descendente direto dos deuses primordiais.

Jiu-jitsu - Modalidade de arte marcial.

Judô - Modalidade de arte marcial, derivada do *jiu-jitsu*.

Kachigumi – Autodenominação dos membros da *Shindo-Renmei* para os “esclarecidos” que não aceitaram a rendição do imperador japonês ao término da Segunda Guerra Mundial.

Kai - Reunião, encontro, assembléia, festa, associação, clube.

Kai-kan – Associação cultural e/ou esportiva.

Kaishakunin – Espécie de “padrinho” ou “assistente” no ritual de *seppuku*.

Kami – Palavra utilizada genericamente para deuses e divindades. Pode também significar espírito ou sagrado.

Kanji - Ideogramas; caracteres ideográficos chineses adotados pelo Japão.

Karatê - Modalidade de arte marcial.

Katakana - Forma de escrita fonética/silábica japonesa.

Kendô – Modalidade de arte marcial, que se utiliza de espada; espécie de “esgrima”.

Kohai ou *kouhai* – Categoria hierárquica social/familiar japonesa, à qual pertencem os mais jovens, ou inferiores hierárquicos.

Koi – Carpa.

Kojiki – Literalmente, pode-se traduzir por mendigo ou pedinte. É o nome dado à narrativa histórica mais antiga do Japão, também conhecida como Relatos de Fatos do Passado ou Registros dos Assuntos Antigos. Nela estão registradas as origens mitológica/histórica do Japão. (Vide: MIETTO, L. F. M. R. em Referências).

Kun – Sufixo utilizado após o nome, para designar alguém em posição hierárquica inferior nas relações sociais/familiares.

Kyushu – Ilha mais meridional e ocidental das quatro principais do arquipélago japonês.

Makegumi – Literalmente: “derrotistas”. Denominação dada pelos membros da *Shindo-Renmei* aos japoneses que aceitaram a rendição do Japão como fato, no final da Segunda Guerra Mundial.

Meiji (1868-1912) – Período iniciado com a reforma que derrubou o período feudal no Japão. Restaurou o poder do Imperador como chefe de estado, anteriormente nas mãos dos shogun (ou xógum).

Miai ou *omiai* – Costume tradicional japonês, no qual um homem e uma mulher são apresentados um ao outro, para levarem em consideração a possibilidade de matrimônio.

Naichi, *naichijin* ou *naichi-jin*– Como os *okinawanos* chamam os japoneses (ou gente/descendente de Tóquio) na língua *okinawana*.

Nhan-nhan - Onomatopeia para gato (*neko*).

Neko – Gato.

Nihon – Nome do Japão na língua japonesa.

Nihonjin – O japonês/a japonesa.

Nihongakko ou *Nihongako* - Escola japonesa.

Nikkei ou *Nikkei* – Denominação genérica dada ao descendente de japoneses.

Nissei – Filho do imigrante japonês.

Ofurô ou *furô*- Banheira para imersão; segundo o costume japonês, o banho propriamente dito (lavar o corpo) é um ato obrigatoriamente anterior à imersão na banheira.

Okinawa – Capital e maior ilha do arquipélago de *Ryukyu*.

Okinawano ou *okinawano* – Pessoa nascida em *Okinawa*.

Origami - Arte de dobrar papel (dobradura).

Oterá – Templo budista.

Ryukyu – Arquipélago atualmente pertencente ao território nacional japonês, cuja capital é *Okinawa*.

Sakura – Tanto a cerejeira, quanto sua flor.

Samurai – classe de guerreiros do período feudal japonês (1192-1868).

San – Sufixo usado após o nome, para designar alguém em posição hierárquica superior nas relações sociais/familiares.

Sansei – Neto do imigrante japonês.

Sashimi - Iguaria de peixe fresco e cru, servido fatiado, pode ser ingerido com molho de soja (*shoyu*) e raiz forte.

Senpai – Categoria hierárquica social/familiar japonesa, à qual pertencem os mais velhos (sênior/seniores), ou superiores hierárquicos.

Sensei – Professor/professora.

Seppuku – Prática do suicídio por evisceração, forma mais elegante que seu sinônimo, *harakiri*.

Shiba – Raça de cão.

Shikoku – Menor e menos populosa das quatro principais ilhas do arquipélago japonês.

Shindo Renmei - Liga do Caminho dos Súditos. Grupo de fanáticos políticos que se autodenominavam “esclarecidos”, por não acreditarem na rendição do Japão no final da Segunda Guerra Mundial.

Shodô - Arte caligráfica.

Shogun ou *xógun* – Significa comandante-chefe ou generalíssimo. Chefe de estado do Japão na era pré-Meiji (1185-1867), empossado pelo imperador, com quem muitas vezes alternou o poder.

Shogunato ou *xogunato* – Reinado do shogun (xógun)

Softbol - Espécie de beisebol adaptado para recintos cobertos.

Soroban – Ábaco japonês.

Sumi-ê - Arte de pintura com carvão.

Sushi - Denominação genérica para iguaria preparada com arroz e recheio de legumes e/ou peixe cru, enrolados em folha de alga marinha desidratada.

Taisho (1912-1926) Período que se seguiu à era-Meiji (1868-1912). Embora tenha sido breve, teve várias mudanças culturais, sociais e políticas.

Tatami - É um tipo de esteira mais grossa, equivalente aos carpetes ocidentais. Usado como medida para os cômodos de uma casa, serve de base para o japonês dormir. Também é utilizado para forrar o assoalho de academias de artes marciais.

Uchinaguchi ou *uchinaaguchi* – Idioma de *Okinawa*.

Uji – Comunidades formadas por clãs do mesmo ramo familiar entre os séculos III ao VII.

Wan-wan - Onomatopeia para cachorro (*inu*).

APÊNDICE A – Questionário de identificação

1. NOME (somente iniciais): _____
2. Idade/data de nascimento: _____
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. () Nissei () Sansei
(Considera-se a descendência pelo ramo paterno. Por exemplo: filho(a) de pai imigrante e mãe nissei é nissei; filho(a) de pai nissei e mãe imigrante é sansei.)
5. Local de nascimento (cidade e estado): _____
6. Reside na cidade de São Paulo desde: _____
7. Local de residência atual (bairro): _____
8. Estado Civil:
() Solteiro(a) () Casado(a) () Separado(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a)
() União Estável
9. Seu(sua) parceiro(a) também é nipo-descendente?
() Sim () Não
10. Seu(sua) parceiro(a) é mestiço(a)?
() Sim () Não
11. Tem Filhos?
() Sim () Não
12. Profissão: _____
13. Escolaridade:
() Fundamental I () Fundamental II () Ensino Médio () Técnico
() Tecnólogo () Superior () Pós-graduação (Especialista/Mestre/Doutor)
() Outros _____

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada

1 - Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado pelas feições orientais?

2 - Ou pelo nome/sobrenome japonês?

3 - Ou por algum outro motivo relacionado com a ascendência?

(Você tem algum episódio em que isso aconteceu, e que possa me relatar?)

4 - Em qual das culturas você se sente mais inserido/identificado?

(brasileira ou japonesa) (por que? como?)

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo convidado(a) para participar deste estudo, que tem como objetivo pesquisar se o(a) *nissei* e o(a) *sansei*, respectivamente, filho(a) e neto(a) de imigrantes japoneses, se sente discriminado ou já se sentiu discriminado em algum momento de sua vida, devido às suas feições orientais, ou devido ao nome/sobrenome japonês. Tem também o objetivo de pesquisar o sentimento de pertencimento, isto é, saber em qual das culturas ele(a) se sente mais incluído(a) (japonesa ou brasileira).

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento ou em qualquer fase do estudo, seu nome será divulgado. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória.

Como sua participação é voluntária, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de um questionário, com risco ou desconforto mínimo, e estará contribuindo para aumentar o conhecimento científico. Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

A pesquisadora se compromete a reverter em benefícios aos colaboradores os resultados da presente pesquisa, uma vez que permitirá conhecer esta população. A pesquisadora se compromete ainda a prestar contas dos resultados de suas pesquisas sempre que necessário, e estará à sua disposição para quaisquer esclarecimentos, através do telefone/Whatsapp (11) 9.9356-1618 ou pelo e-mail.

Atenciosamente,

Elizabeth Yuko Haga
Orientanda/Pesquisadora PUC/SP

Profª Drª Denise Gimenez Ramos
Orientadora PUC/SP

Eu, _____ declaro estar
ciente e devidamente esclarecido(a) do inteiro teor deste TERMO DE
CONSENTIMENTO, e concordo em participar do estudo proposto. Autorizo a
gravação da entrevista, assim como a divulgação de seus conteúdos somente
para fins de pesquisa e ensino; sabendo que dele poderei desistir a qualquer
momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

São Paulo, _____ de _____ de 201-.

Assinatura do Participante

Número do Parecer: -----

PUC SP - Pontifícia Universidade Católica.

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Rua Ministro Godói, 969 - sala 63C - Perdizes - São Paulo - SP

Fone: (11) 3670-8466

APÊNDICE D – Depoimento Senhora K

6 de junho de 2017

Sra. Elizabeth Yuko Haga

Saudações!

Como tenho 68 anos, infelizmente não poderei participar da sua interessante e válida pesquisa.

Mesmo assim, gostaria de apresentar este modesto depoimento, apenas como uma ideia de preconceito ligeiro que sofri, após o final da segunda guerra.

Em toda minha infância senti o fantasma do término da segunda guerra, que parecia que envolvia como uma névoa nossa vida familiar.

Fui crescendo sempre ouvindo aqui ou acolá alguma referência jocosa à minha origem japonesa, amarela, olhos puxados, etc.

Mas o que gostaria de registrar é um fato que ocorreu na minha adolescência e que acho moldou personalidade que tenho desde então.

Certo dia, voltando do colégio, era começo de inverno por isso já estava escurecendo eu tinha que passar em frente daqueles bares típicos que haviam nos bairros antigamente. Eram dois rapazes postados com copo na mão visivelmente embriagados e como todo bêbado, sem mais, começaram a fazer comentários jocosos para o fato de eu ser japonesa.

Passei lívida por eles. No dia seguinte, eram 3 rapazes e os comentários que tinham começado no dia anterior foram aumentando.

Agüentei firmemente durante vários dias, até pensei em mudar o trajeto, mas o fatídico bar ficava na mesma rua e na mesma quadra de casa!

Até que um dia, resolvi enfrentar a situação por mim mesma, pois aquilo estava ficando insuportável.

Falar em casa, estava fora de cogitação, não queria causar mais uma preocupação à dura vida cheia de preconceitos que meu querido pai já enfrentava todos os dias na administração dos ignorantes operários que ele tinha que comandar.

Pensei: - É hoje! Nem quero saber, mas isto vai acabar!

Naquele entardecer, quando comecei a chegar perto do bar, vi que o que estava de "plantão " me avistou e chamou os amigos. Ótimo, pensei.

O bar ficava dois degraus acima do nível da rua. Como estanquei em frente a eles, dois degraus abaixo, os 3 ficaram surpresos!

Então comecei: “como eu sei que vcs nunca vão parar com estas ‘gozações’ e por isso, eu vou enfrentar vocês no tapa, mas vocês não vão ser tão covardes de vir todos juntos. Vou enfrentar um de cada vez! Certo? Pode vir o primeiro!”

Para minha surpresa! Eles me olharam boquiabertos e deram meia volta.

Retornaram ao fundo do bar sem dizer uma palavra! Aqueles covardões cheios de coragem e preconceitos, deram para trás!

No dia seguinte passei em frente ao bar e eles não estavam me esperando. Então pela primeira vez olhei para dentro do bar e eles estavam jogando bilhar fingindo que não me viam!

A partir deste dia passei a olhar sempre para dentro do bar. Afinal eles poderiam me emboscar de alguma forma e eu precisava me precaver. Mas o que mais me surpreendeu é que eles sumiram na semana seguinte.

Creio que quando foram confrontados e recuaram covardemente, naquele ambiente machista a barra deve ter pesado.

Nunca mais os vi na redondeza.

Este fato moldou minha personalidade.

Apreendi que não tenho que ter medo, que é preciso enfrentar os problemas conforme eles vão se apresentando e que de uma forma ou outra vai ser resolvido.

Seja no tapa ou apanhando!!!! Kkkk...

Cordialmente,

K

APÊNDICE E

Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado pelas feições orientais?

PARTICIPANTE	SIM	NÃO
<p>1 Sansei Homem Separado Ñ desc 2 filhos h</p>	<p>Uma vez eu estava na fila para comprar McDonald's para os meus filhos e a caixa atendeu [primeiro] a pessoa de trás porque era uma senhora. Tudo bem, não tem problema nenhum ela passar uma senhora, uma idosa na frente. Mas depois, passar outro, passar outro. Eu falei: "minha filha, virei um fantasma, você não está me vendo aqui?" "Ah, sim. Só um minutinho, já te atendo." Aí vem alguém pela lateral... Um colega dela lá do shopping... Passou ele também na frente, aí eu falei: "Eu vou ter que falar com o gerente, isso é discriminação". Porque eu sou japonês, ou porque eu sou homem, eu não sei. Mas houve uma discriminação. Eu não sei porque que ela fez isso comigo... ficou muito claro que foi uma implicância com a minha pessoa, mas eu nunca a tinha visto na vida. Provavelmente pela minha aparência... deduzo eu. Eu acho que essa moça tem algum problema com orientais. Ou com homem. Mas acho que com homem não, porque ela atendia outros homens.</p> <p>Tem também um "preconceito às avessas". Depois que eu casei, me separei e tudo, descobri que existem mulheres que gostam, que têm simpatia por orientais, e existem mulheres que não. Nessa coisa de paquera, de sair com as pessoas. Em termos de relacionamentos amorosos. Então, quando uma mulher demonstra algum interesse, geralmente é porque já tem simpatia por orientais.</p>	
<p>2 Sansei Mulher</p>	<p>Eu acho que foi na infância, na época de primário (atual fundamental 1), ou no ginásio (atual fundamental 2), mas aquelas brincadeiras, das outras crianças ficarem puxando os olhos e tal.</p>	

<p>Divorciada Descendente (ex-marido) s/filhos</p>	<p>Foi só isso mesmo. Mas eu não me senti dessa forma, discriminada. Era brincadeira mesmo. Não me incomodava.</p> <p>Eu achava que o fato da gente ser japonês ou descendente, ou eles [a família] serem japoneses, eles discriminavam mais do que a gente era [discriminado]. Eu via muita discriminação, preconceito, das minhas tias. Ah, aquela coisa de falar mal, do tipo: “<i>gaijin</i> não é bom, <i>gaijin</i> não...” essas coisas. Até há um tempo atrás, quando o meu irmão começou a namorar brasileira... "Não pode namorar <i>gaijin</i>", aquela coisa toda... Então, em casa eu sentia que a gente discriminava mais do que era discriminado.</p>	
<p>3 Nissei Mulher Casada Descendente 1filho h 1 filha m</p>		<p>Quando eu era pequena, eu nunca senti. Claro, chamar de japonesinha, isso existe, mas acho que nunca me doe, nunca senti que fosse num tom pejorativo, nunca me doeu não.</p>
<p>4 Sansei Mulher Divorciada Descendente (ex-marido) 2 filhos h</p>		<p>Sabe que eu não tenho nenhuma experiência de discriminação. Acho que o que acontece é que quando era criança, acho que não é que me discriminavam, talvez eu que me sentisse diferente.</p>
<p>5 Sansei Mulher Casada</p>	<p>n/c¹⁶</p>	<p>n/c</p>

¹⁶ n/c = utilizamos esta notação para indicar que o participante não se manifestou sobre a questão.

<p>Descendente 2 filhas m</p>		
<p>6 Nissei Homem Divorciado Descendente (ex-esposa) 2 filhos h</p>	<p>No final do meu estágio, eu queria tentar fazer uma pós-graduação e tentar ficar como professor assistente, essas coisas. Mas aí eu senti uma certa barreira, uma certa dificuldade, que hoje interpreto como racismo ou coisa parecida, discriminação contra japoneses. Porque só aquele pessoal descendente de europeu (italiano, português, espanhol), é que chegava aos níveis de mestrado, doutorado e contratação pela instituição.</p>	
<p>7 Sansei Homem Separado Descendente (ex-esposa) 1 filha m</p>	<p>Eu e meu primo tínhamos uma certa habilidade jogando bola. A gente foi jogar numa parte da Mooca, [o time] tinha eu e o meu primo como descendentes e tinha dois brasileiros: um goleiro que era negro, e o seu Osvaldo, pai dele, que era italiano. A gente estava ganhando o jogo e repente começou uma gritaria na quadra: “Quebra a perna do japonês! Quebra o japonês, quebra o japonês!” A pressão era muito grande e começaram a chutar a gente. Então acabou o primeiro tempo e nós fomos pro vestiário. Mas tinha um grupo querendo pegar o japonês, os dois japoneses e o negro. Aí o que nós fizemos? Pegamos um caibro, cada um de nós pegou um: “deixa o pessoal vir, porque japa o apanhou, tem que bater também”. A sorte nossa foi que chegou um pessoal de lá mesmo, que falou: “vocês vão embora pra casa, acabou o jogo, a gente vai segurar o pessoal aqui” Mesmo assim agrediram o seu Osvaldo, porque o filho dele era negro, e saímos de lá correndo.</p>	
<p>8 Nissei Homem Ñ desc (2ªesposa) 1 filho h</p>		<p>Até me surpreendeu o fato de você ter falado sobre a questão da discriminação. Eu fiquei pensando: “será que tem pessoas que tiveram essa discriminação?” Porque, sinceramente, eu não tive essa discriminação por ser filho de japonês ou ter essa cara de japonês, ou por ser brasileiro também. Em todo lugar que eu vou,</p>

		eu sou muito bem recebido. Eu nunca tive essa questão da discriminação.
9 Sansei Mulher Casada (2ºmarido) Ñ desc s/filhos	n/c	n/c
10 Sansei Mulher Divorciada Descendente (ex-marido) 2 filhos h	<p>Quando ficava num grupo com brasileiros, eu pelo menos não me sentia discriminada. Mas o que às vezes acontece é que a turma olhava pra mim — até hoje olham pra mim — “Você é japonesa muito brava, né?” Mas só de olhar para a cara. Mas não tem nada a ver. Eu não sou assim, brava.</p> <p>Eu não lembro de discriminação, mas sei que minha família, ficava mais com o pessoal japonês mesmo. Tentava não se misturar. Isso eu lembro. Mas era difícil [misturar], pelo menos no jardim da infância, eu não ia muito na casa de gente brasileira, não. Como eu sou a mais velha, meus pais ficavam em cima de mim. Não deixavam eu fazer muita coisa. Então, sempre me podavam. Sempre falavam para ficar mais com japonês, não se misturar muito. Mas eu não ficava muito intrigada não. Achava... normal. Normal ficar entre nós mesmo. Eu também não era de ficar muito com os outros.</p> <p>Acho que, nesse sentido [da discriminação], eu é que me colocava pra fora do grupo, porque eu acabo não me envolvendo muito com os outros.</p>	
11 Sansei	n/c	n/c

<p>Mulher Divorciada Descendente (ex-marido) 1 filho h 1 filha m</p>		
<p>12 Sansei Homem Casado Descendente 2 filhas m (gêmeas)</p>	<p>A questão cultural, realmente sempre foi bem difícil. No primário (atual fundamental 1) eu tive esse problema: “Ah, japonês sai daqui, o que você está fazendo aqui?” Eu sempre tive esse problema, deles só me chamarem de japonês e serem contra mim. Porque eu brigava: “não quero que me chamem de japonês eu tenho nome, sou brasileiro!” Fui vivendo desse jeito e aprendendo a lidar com isso. Só que depois, na época do colégio técnico eu fiz a federal. O pessoal discriminava mais ainda, e lá no cursinho [para a federal] me falavam: “Ô japonês!” e antigamente sempre falavam: “se você matar um japonês você tem uma vaga garantida na federal”.</p>	
<p>13 Nissei Mulher Casada Descendente 2 filhos h</p>	<p>n/c</p>	<p>n/c</p>
<p>14 Sansei Mulher Casada Descendente (mestiço) 1 filho h</p>	<p>Chegaram a me xingar, o pessoal a me maltratar... Quando eu era criança o pessoal chamava a gente de pasteleira: “ah, filha de pasteleiro, teu pai tem pastel? Teu pai vende pastel?” Ficavam falando assim: “abre o olho!” Ficavam contando piadinha de mau gosto, sabe? Na faculdade, o pessoal ficava tirando sarro: “ah, você é baixinha”, então eu achava que era [discriminada] por eu ser baixinha, por eu ser descendente.</p>	

<p>15 Nissei Homem União estável Descendente s/filhos</p>	<p>Eu diria que eu devo ter sofrido o que atualmente se chama <i>bullying</i>, por questão da raça, da etnia, da aparência e tal. Mas eu, particularmente, diferente dos meus colegas, nunca dei muita bola para isso. As pessoas tentavam me fazer <i>bullying</i> ou gritavam: “Ô, japonês, não sei quê...” Eu não sei se é minha natureza, se é alguma coisa da educação dos meus pais. Eu não sei te explicar o motivo da minha atitude, mas eu nunca me senti impedido de frequentar o ambiente que eu quisesse. Existem ambientes em que eu sentia que não era muito bem-vindo por ser diferente, mas eu também não me importava com isso. “Vocês, se quiserem, me expulsem. Eu não saio enquanto eu estiver aqui”. Eu sempre tive essa postura, e não sei de onde veio isso.</p> <p>Eu comecei a tomar consciência de que existia esse <i>bullying</i>, que as pessoas realmente se doíam com esse tipo de coisa, quando a gente começou com o Coletivo, que as pessoas contavam as histórias que mais afetavam. Então, eu falei: “Puxa vida, bom, eu tenho que respeitar. A mim, não me tocou, mas se as pessoas dizem que existe esse tipo de coisa...”</p>	
<p>16 Sansei Mulher Solteira s/parceiro(a) s/filhos</p>	<p>Fiquei pensando se eu já senti alguma discriminação. Eu acho que sim. Por exemplo, não é assim explícito, mas é claro que é porque a gente é japonês. Acho que sou mais tímida do que as outras pessoas, eu sou menos falante. Então, na carreira, eu não sei se fui discriminada. Mas acho que perdi algumas oportunidades por conta disso.</p> <p>Na minha casa, só se falava português. Tanto que eu tinha bastante dificuldade no <i>nihongakko</i>. porque o pessoal conversava mais e eu não falava muito <i>nihongo</i> não. Eu era um pouco diferente porque não falava <i>nihongo</i>. Mas assim, discriminada, não. Tanto que fiz muitos anos de <i>nihongakko</i>, convivi bastante</p>	

	com o pessoal do <i>kaikan</i> . Então é difícil avaliar, porque a gente vive muito com japonês, né?	
17 Nisei Mulher Casada (2ªvez) Ñ desc (chinês) 2 filhos h 1 filha m	<p>Na minha infância eu e minhas irmãs fomos muito protegidas, porque na época, estava tendo muito estupro de nisseis porque elas eram novidade [na minha cidade natal]. Falavam que nisei era... que era atravessado e raso. Tanto que a mãe da minha melhor amiga foi estuprada. Ela levava a minha amiga de bicicleta [para a escola]. Moravam no sítio, e para salvar a filha, ela foi estuprada. Então, na casa do meu pai tinha oito ou nove cachorros, que se vissem <i>gaijin</i>, arrancavam pedaço. E para ir para a escola também, a gente ia em grupo, mas isso graças a Deus passou. Foi só uma fase.</p> <p>Uma vez, eu estava no metrô voltando de uma viagem com meu marido. Acho que metade dos passageiros no metrô era de negros. Eu entrei no metrô, sentei e só via o pessoal olhando feio, até levemente agressivo... E eu sou de falar muito. Daí sentou uma menina e eu falei: “bom dia”. Até há uns poucos anos atrás, o pessoal era muito simpático. Porque pode ser negro ou o que for, pode ser azul, rosa, gordo, magro... Mas se a pessoa tiver mais idade do que eu, e eu ver que está cansada, já falo: “senta aqui um pouco”, eu levanto, enquanto a perna tá boa, sabe? Aí começa-se a conversar, trocar ideias, tem pessoas muito simples. Mas agora não. Pelo menos foi o que eu senti. Era assim, falavam baixo alguma coisa e ficavam olhando meio agressivamente. Foi a única vez que eu realmente me senti assim, lá dentro de um [vagão do] metrô... Mas me marcou muito. Porque eu fiquei muito preocupada. Fiquei bastante preocupada.</p>	
18 Nisei Mulher	n/c	n/c

Casada Descendente 1 filho h 1 filha m		
19 Nisei Mulher Divorciada Descendente (ex-marido) 2 filhas m 1 filho h	n/c	n/c
20 Nisei Mulher Casada Descendente s/filhos	n/c	n/c
21 Nisei Mulher União estável Ñ desc s/filhos	<p>Por exemplo, as pessoas falam: “ô, olhinho fechado, abre seu olho”. Uma vez ou outra, todo mundo [fala]. Mas não ligo. Não me sinto nem um pouco ofendida. Eu mesma brinco, né?: “Puxa, você está vendo que eu não enxergo direito? Tenho olho pequeno.” Eu mesma falo. Mas não me sinto assim. Acho que a maioria das coisas que falam é: “ah, mas japonês é inteligente”, “ah, roubaram vaga da faculdade, você vai lá, só tem [japonês]”. Eu sempre vejo elogios. Agora, entre os meus amigos, uma vez ou outra eles brincam assim: “mas, você enxerga alguma coisa com esse olhinho aí?”, essas coisas. “Ah, você é muito branca”. Tipo assim, somos amarelos. Eles falam, mas também não ligo não. Nem um pouco. Não me sinto discriminada.</p>	

<p>22 Sansei Mulher Casada Descendente 2 filhos h</p>	<p>Hoje eu sou casada também com um descendente, minha sogra é super tradicional, mega tradicional. Ela me trata bem porque eu sou <i>nihonjin</i>. Mas graças a Deus o meu marido já tem a cabeça mais aberta. O meu filho mais velho, quando era criança, ele detestava ser chamado de japonês. Detestava. Eu fiquei preocupada com isso, [porque] ele tem cara de japonês. Então, como é que fica?</p> <p>Hoje, na minha profissão, eu tenho algumas pessoas que me ligam [por telefone]. Não me conhecem, e me perguntam: "Você é japonesa? Porque eu acho que para esse tipo de trabalho tem que ser japonesa." Então, hoje, de forma alguma me sinto discriminada. Pelo contrário, me sinto valorizada. O fato de ser descendente, não é sempre óbvio, mas acaba até passando mais confiança para os pacientes pelo fato da minha ascendência.</p>	
<p>23 Sansei Homem Separado Ñ desc (ex-esposa) 1 filho h 1 filha m</p>	<p>Eu tenho uma história de preconceito. Alguns anos atrás, eu fui impedido de fazer um <i>casting</i> por ser oriental. Então, a maioria fala: "ah, não tem preconceito contra japonês". Mas eu fui preterido no papel, por uma agência que anunciou: "queremos um homem de 40-45 anos (na época) para apresentar um comercial de carro", eu cheguei no teste, parei na frente do cara que estava na mesinha. Parei na frente dele e ele olhou para mim. Eu disse: "é, eu vim fazer o teste da Fiat". Aí o cara olhou assim, virou e falou: "escuta, tem papel para japonês nesse filme?", respondi: "meu, eu sou homem. Sou um homem de 40-45 anos." E ele: "é, mas você é japonês, cara", então, eu não podia nem fazer o teste. Aí o cara: "ah, deixa fazer". Sabe? Tipo "deixa fazer, que o cara não vai pegar mesmo". Então, ali foi "não queremos japonês". Então ali foi um negócio de excluir mesmo.</p>	
<p>24 Sansei</p>	<p>Provavelmente, eu devo ter passado por situações que eu não percebia que era de discriminação, e que eu fui negando e</p>	

<p>Mulher Casada Ñ desc 2 filhos h</p>	<p>tentando ir pro lado “não-oriental”. Então, eram coisas do tipo assim:” olhos rasgados”... os comentários de sempre: “você come o que?” Como se eu fosse um objeto estranho.</p> <p>Quando minha família mudou para o Espírito Santo, tinha poucos japoneses lá. Eu já era grande [tinha 18 anos], eu passava e as pessoas ficavam olhando, como se eu fosse um bicho estranho.</p> <p>E isso acontece comigo também no trânsito, além de ser mulher, ainda sou japonesa, as duas! Me lembro de uma vez que eu fui entrar em casa e, para variar, tinha um cara parado em frente da [minha] garagem e eu buzinei. Enfim, começamos uma discussão lá, eu buzinando e ele falando que não ia sair, até que ele se virou e falou assim: “ô japonesa, você acha que você está onde? Você está no Brasil”. E eu falei: “você está vendo a placa lá? Está dizendo que, independente de onde você esteja, você é proibido de estacionar, você não sabe ler?”. Eu acho que ele conseguiu me deixar mais raivosa quando falou: “você acha que está no Japão?”. Porque, na verdade, ele não me xingou, ele não fez nada contra mim. Eu é que soltei um monte de palavrão [pois me senti ofendida].</p>	
<p>25 Sansei Mulher Separada Ñ desc (ex- marido) 1 filho h 1 filha m</p>	<p>Onde eu sofri discriminação foi na escola, porque no resto, por exemplo, na brincadeira na rua não tinha. E também em situações em que você passa a rua e: “ih, japonesa, não sei o que e tal”. Quando eu entrei no primário, eu era a única japonesa da escola. Aí meu pai me chamou e foi uma situação traumática. Não traumática de ruim, mas muito marcante. Ele me chamou no escritório dele que tinha lá em casa. Não entrei com medo mas entrei pensando: “Nossa Senhora, o que é que vai acontecer aqui?” E aí, ele me fala assim: “você vai entrar numa escola onde não tem nenhum japonês. Então você vai ter que se comportar muito bem – querendo dizer: ‘eu não quero passar vergonha’ – e em segundo</p>	

	<p>lugar, você vai ter que ser duas vezes melhor que todo mundo para que as pessoas te vejam como igual. Terceiro ponto: não me arruma nenhuma briga lá, porque eu nunca vou dar razão para você, mesmo que você tenha razão. Porque nós somos japoneses, nós não somos vistos como pessoas iguais a eles, não sei o que e tal”. Essa foi a primeira vez que eu tive essa ideia de que a gente [era diferente] Eu pensei: “então tá bom. Eu entendi a mensagem, eu vou entrar e eu vou me comportar”.</p> <p>Aí lá foi quando eu senti isso pela primeira vez. Um dia, uma das meninas no recreio, que era mais velha, organizou uma brincadeira de figurinha, que tinha que bater figurinha e que ela falou “não, você não vai porque você é japonesa”.</p> <p>A segunda coisa que aconteceu lá foi a professora de música que me pôs fora da bandinha. Eu não podia tocar nenhum instrumento, não podia tocar nada. A bandinha ia fazer uma apresentação, e quando chegou na festa do final de ano, foi a hora que eu me dei conta. Eu fiquei um pouco envergonhada, me senti exposta na verdade... estavam todos os pais lá. Tinha umas mesinhas bonitinhas com castiçal. E lá na frente os alunos todos em cima do palco apresentando a banda, cantando não sei o que e tal, e eu... sentada sozinha. Então essa foi a primeira situação que eu fiquei um pouco assim, “meu Deus do céu, o que é que está acontecendo aqui?” Mas até sem entender...</p>	
<p>26 Nissei Homem Casado Ñ desc 2 filhas m</p>	<p>Quando eu fui para o Rio Grande do Sul pela primeira vez... lá não tem japonês, então, eu passei numa cidade vizinha [à da minha esposa] para conhecer e aí, os meninos lá olhavam: “ô, japonês, olha o japonês”. Era, assim: “ô, japonês, que está fazendo aqui?”. Eu me senti discriminado. Mas, foi uma vez só. Só lá... aqui em São Paulo, não.</p>	

<p>27 Nissei Homem Solteiro Descendente (namorada) s/filhos</p>	<p>Fui [ao Japão] fazer estágio com bolsa de província por parte da família do meu pai. Então foram dez meses, aí... talvez aí eu tenha sentido não discriminação, mas sentido o que é ser um... o que o japonês chama de <i>shakaijin</i>, que é um profissional, um trabalhador, e não um estudante-bolsista, ou um estagiário. Porque aí é uma discriminação ao contrário, é um tratamento diferenciado entre a pessoa que trabalha e a pessoa que não trabalha. (...) num sentido altamente positivo, valorizado.</p>	
<p>28 Nissei Mulher Casada Descendente 1 filha m 2 filhos h</p>	<p>n/c</p>	<p>n/c</p>
<p>29 Sansei Mulher Casada Ñ desc s/filhos</p>		<p>Não lembro de ter vivido essa coisa da discriminação. Talvez porque eu era boa em matemática, então eu nem sentia na época, muito pelo contrário, sentia que era inteligente... aquelas coisas, né... o poder de ser boa em exatas.</p>
<p>30 Sansei Mulher Solteira s/filhos</p>	<p>A respeito da discriminação, eu senti na escola. Porque até então a gente não sentia, porque em casa era tudo falado em japonês... Aí, quando a gente entrou na escola é que nós sentimos. Porque ali, nenhum de nós sabia bem o português... e às vezes quando chamavam pelo nome, a gente respondia em japonês.</p> <p>Uma coisa que eu ficava com raiva, era que às vezes era gente que nem me conhecia, crianças que não nos conheciam, olhavam pra gente e falavam assim: “ô olho rasgado!” Xingavam de “olho rasgado”.</p>	

	<p>Eu lembro que nós três [eu e meus dois irmãos] íamos brincar no vizinho, que lá tinha muitas crianças da nossa idade e eu brincava só com o pequenininho, porque ele era o caçula [também], né. E então, quando os meus irmãos brigavam com os outros meninos, eles me chamavam pra ir embora, e aí nós corríamos pro portão da nossa casa, e eles ficavam no portão da casa deles xingando a gente assim: ‘japonês, calabrês, come sapo todo mês’. [Eu] ficava ofendida. E aí os meus irmãos me ensinaram a responder. E aí, nós tínhamos o nosso verso pra responder: ‘brasileiro, feiticeiro, toma murro no chiqueiro’.</p> <p>[A gente foi discriminado na escola] porque a gente era diferente mesmo, pela feição mesmo.</p>	
<p>31 Sansei Mulher Casada Descendente 1 filho h</p>	<p>Quando a gente é criança, acho que a gente sente mais e, sim, as pessoas falam: “ah, japonesa! olho rasgado!” “japoneusa”, sabe, brincadeiras assim? Ou te chamam “ô japão”, então, a gente se sente um pouco contrariada, mas não que seja uma coisa que você fique ofendida, mas quando era criança, sim.</p> <p>Coisas assim: “haha olho puxado, você é japonesinha, diferente da gente”, quando a gente é criança, né.</p>	

APÊNDICE F

Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado (a) pelo seu nome/sobrenome japonês?

(os participantes que não aparecem aqui, não mencionaram nenhuma experiência em relação a esta questão)

PARTICIPANTE	SIM	NÃO
2		Não senti. Eu via [que], em relação ao nome, só se o nome fosse muito estranho. Aí, sempre tinha as brincadeiras. Mas comigo, eu não senti não.
9	Ah, às vezes brincavam com o meu sobrenome. O pessoal falava que parecia cocada ¹⁷ . Mas isso, [eu achava] uma coisa normal. Eu não chegava a me ofender.	
11	Quando eu era pequena, o pessoal gozava do meu sobrenome. Mas não é uma coisa que me marcou tanto que eu ficava com tanta vergonha, eu acredito que tinha outras coisas que talvez me afetassem mais, não isso.	
14	Então eu acho que com o que eu mais sofri foi com o meu nome. Porque o meu nome tem L e ficavam falando com R, sabe? Tirando sarro. Então eu sofri... nossa, eu odiava... Tanto é que eu tenho trauma do meu nome, [por isso só uso] o segundo [nome]. Porque eu detesto. Isso é trauma de infância. Sempre, na minha infância inteira, na escola, o pessoal tirando sarro. Então nossa, eu falava para minha mãe: “pelo amor de Deus, por que você me pôs, eu queria trocar o nome”, eu sofri muito.	
31	Na escola eles gozavam do sobrenome da gente, né. Por exemplo, me falavam: ‘aí, vaca!’ ¹⁸	

¹⁷ O nome/sobrenome desta entrevistada rima com “cocada”.

¹⁸ O nome/sobrenome desta entrevistada rima com “vaca”.

APÊNDICE G

Você se sente, ou alguma vez já se sentiu discriminado por algum outro motivo relacionado com a ascendência? Você tem algum episódio em que isso aconteceu e que possa me relatar?

(aqui estão incluídas tanto ações dos outros em relação a(o) entrevistada(o); como do entrevistado em relação aos outros)

PARTICIPANTE	PRECONCEITO	ESTIGMATIZAÇÃO	IDENTIDADE	AUTO-ESTIMA	QUESTÃO DE GÊNERO (desvalorização da mulher)
1	<p>Uma vez [meu irmão] foi na padaria - ele devia ter uns 8, 9 anos; eu devia ter uns 6 ou 7 anos - e eu lembro dele voltar chocado, porque um homem na padaria começou a gritar com ele, dizendo que ele era japonês e que os japoneses estavam tirando os empregos de alguma maneira. Não lembro o linguajar que o homem usou, né, mas que os japoneses estavam ocupando um território que não era deles. Estavam invadindo o Brasil. Eu achei um absurdo. Por que? Quem é brasileiro? Brasileiro é índio, índio é amarelo, é mongol(...)</p>	<p>Então era bastante frequente eu ser chamado de japa, japonês, ou acharem que eu sabia lutar caratê, esse tipo de coisa. Ou o preconceito de que a gente é inteligente, de que é certinho, correto. Tem o pinto pequeno, é baixinho, é feio, ferrinho, não sabe se divertir, não é espontâneo. Muito sério... Bobo. Não é descolado, não tem malandragem.</p> <p>Às vezes é bom [ser japonês]. Por exemplo, se estou dirigindo e aparece uma blitz policial, raramente sou parado. Eu faço questão de baixar o vidro para que o policial veja que sou oriental,</p>	<p>Eu venho com esse resquício muito forte, com essa marca: a minha aparência. Eu não tenho mistura. Meus quatro avós vieram do Japão. Meus pais, enquanto <i>nisseis</i>, falavam japonês. Eles estavam muito mais ligados à cultura dos pais deles, a japonesa, do que a dos brasileiros. Eles não estavam tão adaptados aqui. Eu não. Eu já sou da terceira geração, [ainda] trago o resquício, mas a minha vivência e experiência no Brasil, enquanto brasileiro, é mais forte. Então, estou na transição. Mas os meus</p>		

	<p>Eu tive contato com chineses no ensino médio, e eles faziam as panelinhas deles. Era um contato amistoso, de coleguismo, mas... chineses não se misturavam com japoneses. E os japoneses criavam as panelinhas dos japoneses. Também no ensino médio, eu vi uma coisa de japoneses tentarem ganhar espaço entre os brancos, entre os de outras etnias, e eu assisti a umas coisas muito esquisitas, de preconceito de japonês com japonês, porque, uma vez um japonês entrou numa panelinha de brancos, quando eu me aproximava, eu via o preconceito desse japonês contra mim. Do tipo me olhar feio, começar a me pôr de lado... E eu sentia que era uma concorrência. Tinha uma disputa do tipo, "eu ganhei esse território, eles são meus amigos".</p>	<p>porque isso é uma vantagem, segundo o preconceito deles. Geralmente eles me deixam passar. E até ponho os óculos, que aí fico mais sério ainda.</p> <p>Éramos em mais ou menos 37 alunos [no fundamental 1 e 2]. E mais de cinquenta por cento eram orientais. Os professores diziam que gostavam da nossa classe... porque era uma classe que se saia bem. Os alunos eram esforçados e disciplinados, talvez pela cultura, por serem descendentes. Então a gente recebia muitos elogios dos professores, por ser uma turma de orientais.</p> <p>A psicóloga que fez a [minha] orientação vocacional falou que eu tinha vocação para a área de exatas. Humanas nem pensar. E falei: "não acho, não".</p>	<p>filhos já não tem a cultura japonesa. É diferente do negro que está, sei lá, há cem gerações aqui.</p> <p>Na minha adolescência principalmente, eu me sentia perdido nesse sentido: "quem eu sou?" Eu me via brasileiro, porque nasci aqui, mas era chamado de japonês pelos meus amigos. Eu gostava de estar entre japoneses, era mais fácil de estar com eles. Mas eu tinha amigos negros também. Então era uma coisa maluca, ficava uma mistura que me deixava confuso. Eu sentia que tinha uma identidade japonesa, ou que era de origem japonesa. Mas também não era japonês-japonês. E era brasileiro, mas também não era brasileiro-brasileiro. Mas no fim, o</p>		
--	---	---	---	--	--

			que fica hoje de toda essa mistura, sou eu.		
2	<p>Acho que [quando eu tinha] onze anos, observei que [o professor só] ia nas japonesas, que eram mais quietas e tal, e não falavam nada. Só que, saindo da escola... claro que eu não falei pra minha mãe porque eu sabia que [em casa] eles iam acabar abafando uma situação, que na época eu achei grave. E aí eu fui falar com a mãe de uma colega minha, que era italiana, daquelas que faziam o maior furdúncio. E aí sim, ela tomou uma atitude. Foi falar lá na diretoria. E na época, esse professor até foi expulso e tudo. E o professor era negro. Então, eu não sei relacionar isso com discriminação, só me veio esse fato. Que eu lembrei porque me chamou atenção: “por que ele só vai em japonesa”?</p>	<p>Ah, sim, daquela coisa de submissão... de ir bem na escola, ser inteligente.</p>			<p>A única coisa que me lembro agora é na época de escola, de assédio do professor... A carteira era grande, era de dupla. Então sentavam duas pessoas em cada carteira. E eu lembro desse professor de música, ele sentava perto das japonesas, inclusive aconteceu comigo. Ele sentou e começou a passar a mão na [minha] perna. A gente usava uniforme, aquela saia xadrez. E ele sentava e passava a mão na perna. Como aconteceu comigo, depois eu fiquei prestando atenção se acontecia com outras pessoas. Quando ele fez isso, eu não tive reação nenhuma.</p>

<p>3</p>	<p>Eu não trago nada muito forte de preconceito. Eu cresci dentro da colônia, e depois, quando eu fui para a escola pública, eu já tinha os amigos que eram do <i>nihongakko</i> também. Então a gente sempre formava uma panelinha de <i>nihonjin</i>, porque a gente tinha umas duas ou três amigas que caíam sempre na mesma sala, então a gente ficava junto. E a gente conseguia sempre se sobressair nas atividades, nas notas. Mesmo lá, a gente nunca teve nenhum tipo de constrangimento por ser japonês.</p> <p>Sempre joguei [vôlei]. Então, sabe o time da sala? Elas sempre me colocavam nele. Eu era baixinha, mas nunca tive nenhum tipo de preconceito mesmo... elas me respeitavam muito... E eu participava dos grupos, elas</p>	<p>Eu sempre fui muito esforçada na escola. Então eu sempre tirava boas notas, sempre tive o meu caderno organizado, sempre recebia muitos elogios. Era uma escola de madres e elas sempre elogiavam o meu caderno. Eu acho que, indiretamente, isso impunha um certo respeito perante as outras pessoas.</p> <p>Eu gostava [de estudar]. Eu sentia como uma obrigação. Eu tinha que estudar.</p> <p>Consequentemente eu tinha notas boas. Então eu sempre me dediquei.</p> <p>Então, eu acho que isso acabou fazendo com que não tivesse nenhum tipo de piadinha. Por mais que eu fosse baixinha, a primeira da fila porque era baixinha, eu nunca senti nenhum tipo de piadinha para cima de mim.</p>	<p>É, era muito confuso, porque... Meus pais, dois japoneses. Minha mãe falava um pouco melhor o português, mas tudo enrolado. Aí ia pro nihongako, aprendia nihongo. Aí ia pra a escola e falava português. E, em casa, na verdade, era uma mistura, porque meus pais são de Okinawa. Então falavam o dialeto de Okinawa, falavam kougen, uchinaguchi. Aí eu ficava muito confusa. Aí eu ia para o nihongako, falava “mas sensei, não é assim?” Aí ela olhava pra mim e dava risada, provavelmente ela sabia.</p>	<p>[Minha filha] às vezes não consegue entender essa diferença. Ele [meu filho] é homem, “ele tem cinco anos a mais que você, e a gente ainda precisa conhecer melhor os seus amigos”. Mas ela se coloca muito comparada com relação a ele, e ela não vê que tem algumas diferenças que ela precisa considerar. Então é muito difícil trabalhar a cabecinha dela.</p> <p>E <i>nihonjin</i> é muito assim, o homem é, a mulher não é. A mulher tem que abaixar a cabeça... O meu pai mesmo falou para mim, “mas por que você vai fazer faculdade?” Eu fiz porque eu quis fazer. Mas na cabeça dele, eu tinha que casar e seguir a vida do meu marido... Eu nunca pensei dessa forma, mas ele também nunca me</p>
----------	--	---	--	---

	<p>me colocavam sempre no meio.</p> <p>Conversando [com meu marido], a gente chegou à conclusão de que talvez o que esteja incomodando [nossa filha], seja que a gente não gosta dos amigos dela, que a gente recebe melhor os amigos do [meu filho] em casa e não tanto os amigos dela. Eu acho, né. Porque ela não me falou.</p> <p>Mas eu sempre tratei educadamente [os amigos <i>gaijin</i> dela], talvez não com tanto carinho, mesmo porque a gente não tem uma relação frequente, não dá para ter carinho ainda, mas [sim] respeito.</p>				<p>impediu. Então quando decidi fazer a faculdade, meu pai só questionou, mas depois me apoiou. Eu acho que em muitas famílias isso é muito forte ainda, da mulher não precisar [estudar], não tem que ser mais do que isso.</p>
4	<p>O meu ex-marido era descendente de Tóquio, japonês de Tóquio. E quando eu comecei a namorar com ele, teve um preconceito da minha família. Porque okinawanos casavam só entre eles. Eu nem sabia dessas coisas. De</p>		<p>Quando é criança a gente se sente diferente mesmo. Na adolescência, eu tinha muito o complexo da minha cor porque geralmente os japoneses são clarinhos. E eu não era nem uma coisa nem</p>	<p>É, eu falava "nossa, eu sou feinha, né?" Cabelão... Mas o pessoal gostava. Era cabelo preto, preto azulado, liso, comprido. Então o pessoal falava "Ah, como é bonitinho", aquele cabelão. Mas eu via as</p>	

<p>onde que é, de que região... porque a gente não tem esses preconceitos. Mas eles tinham. Eu não entendia como é que era essa história que todo mundo olhava meio esquisito.</p> <p>Imagina, todos com cara de japonês mas falam que são de outra cultura, que eles são diferentes. Então teve sim essa discriminação. Praticamente eu fui a primeira [na família] a namorar alguém que não era de Okinawa.</p> <p>Eu fui a ovelha negra para tudo. Eu era a moreninha, fui namorar o que não era de Okinawa.</p> <p>Depois com dezenove anos, eu tinha entrado na USP, eu fazia Letras na USP. Eu namorava desde os dezesseis anos e aí engravidei. Nossa Senhora! Aí virei ovelha negra de novo. Nós casamos e eu tive o meu filho mais velho. Ah, com dezesseis anos, eu</p>		<p>outra. Eu tinha um problema de identidade. Eu não queria ir na praia tomar sol com as minhas irmãs que eram mais clarinhas. Eu ficava debaixo do guarda-sol. Eu e a minha irmã que temos a pele que puxamos mais para o meu pai e os outros três puxaram mais a minha mãe.</p> <p>"Não, tem alguma coisa diferente aqui". Mesmo porque eu não me sentia..., não era brasileira, não era <i>gaijin</i>, mas eu também não tinha uma identidade japonesa.</p>	<p>minhas amigas brasileiras, e eu achava elas [mais] bonitas. Pelo tipo físico. E eu sempre fui muito morena, moreninha. Aí eu já tinha complexo por isso. Nós somos de Okinawa, onde o pessoal é mais escurinho. E aí eu tinha o maior complexo, eu nem gostava de ir para a praia porque ficava negra. Eu morria de complexo.</p>	
---	--	--	--	--

	<p>comecei a trabalhar no banco A [onde tive mais contato com japoneses]. E quando engravidei, senti muito preconceito daquele ambiente.</p> <p>Gostavam de mim, mas depois que engravidei, vejo que passaram a me tratar diferente. Então, eu senti discriminação lá.</p> <p>Eu vejo que a minha história foi muito fora da curva, então acho que acabei sofrendo muitos preconceitos, mas por essas questões.</p>				
5	<p>As minhas filhas estudaram em escola bilíngue. [Os alunos dessa escola] são pessoas de famílias ricas. Só que você convive só com brasileiro. Então, [as pessoas] não deixam você falar.</p> <p>Elas querem falar pra caramba, mas o <i>nihonjin</i> não. [Se] você está com <i>nihonjin</i>, uma pessoa fala, aí outra pessoa fala, e outra pessoa fala, todo mundo</p>	<p>O que eu acho que há de discriminação é que o japonês fala baixo, ele fala pouco, né.</p>			<p>E depois o meu marido achava que era melhor eu ficar com elas [as duas filhas] sem trabalhar, então... foi assim.</p>

	<p>escuta todo mundo. Só que nesse meio [de <i>gaijin</i>], eu vejo que elas não conseguiam parar para ouvir você. Então eu senti uma certa dificuldade. Agora o <i>nihonjin</i> já não. O <i>nihonjin</i> fala e escuta, né. É por isso que é mais fácil você conviver com <i>nihonjin</i>, porque você consegue falar...</p>				
6	<p>A impressão que dá é que o pessoal da colônia japonesa não tem tantas oportunidades no meio acadêmico. Não sei se é da USP [toda]. Mas, lá onde eu fiz o estágio, existe uma certa dificuldade para [japonês] ser contratado...</p>		<p>O que [um colega japonês, lá no Japão] quis me explicar, no final da história foi o que eu entendi: é que eu sou brasileiro. Não adianta ter cara de <i>nihonjin</i>. Eu sou brasileiro e acabou. Por ter nascido aqui. E que eu não teria tanta liberdade no Japão para fazer o que eu quisesse.</p>		
7	<p>E eu sofri um tipo de preconceito... sabe aquela história de Japão e Okinawa ter algumas divergências? Eu fui numa festa uma vez, e fui a única pessoa do</p>	<p>O japonês geralmente é mais quieto, [o pessoal de Okinawa] tem o comportamento mais solto. [O pessoal do Japão</p>			

	<p>banco a ser convidada pelo Fulano para o aniversário dele. O Fulano também era <i>nihonjin</i>, mas era de outra parte do Japão. Quando eu cheguei, tinha uma mesa, onde várias mulheres falavam [mal] do pessoal de Okinawa, meio que criticando. O meu sobrenome não é de Okinawa, é mais do Japão. Então achavam que eu também fosse descendente do Japão. O Fulano falou assim pra mim na época: “fica tranquilo, que essas mulheres são meio doidas”. Falei: “Fulano, não esquenta a cabeça, deixa a festa rolar”. Aí alguém vem e fala: “ó, pessoal, esse aí é descendente de Okinawa, viu?” “Mas M.?” [meu sobrenome] “É, mas ele é.” Aí elas ficaram meio assim: “Puxa, desculpa”.</p>	<p>é] um pessoal mais racional, mais frio, né. Mais analítico.</p>			
8	<p>Eu lembro que teve um tio meu que levou para casa uma moça que não era japonesa mesmo. E eu</p>	<p>Eu lembro que em algumas entrevistas de emprego, me deixavam por último, e eu ficava</p>			

	<p>presenciei uma discussão entre o meu avô e ele, por causa daquela moça.</p> <p>Na época me incomodava, [porque japa] era um termo meio pejorativo quando eu era criança. Depois que entrei na escola, as pessoas me chamavam pelo nome mesmo. Mas muitas vezes, em discussão, a pessoa chegava e falava assim: "Seu japonês", como se estivesse falando de um negro, de um índio, alguma coisa assim. Adolescente ainda me incomodava, sim.</p>	<p>pensando: "ué, mas por quê?" É que eles queriam entrevistar primeiro todas as pessoas que estavam lá, e conversar comigo por último. Teve até uma pessoa que me falou que algumas empresas têm preferência por descendentes dos japoneses. Pela cultura mesmo, pela dedicação e pelo trabalho.</p> <p>Na faculdade, eu via que as pessoas olhavam pra mim com uma certa diferença. "Ah, o cara é japonês? O cara deve ser aquele ferrinho, né?"</p>			
9	<p>Quando era mais nova, eu tinha uma coisa boba de sentir que as pessoas não iriam me atender bem. Então eu me discriminava, porque a discriminação estava comigo. Um dia já adulta, fui e entrei numa loja e uma japonesa que me atendeu, super bem. Eu fui com a cara e a coragem,</p>	<p>Quando adolescente, eu era muito doidinha para os padrões orientais. Então os orientais se esquivavam de mim. Você percebia que a pessoa olhava meio estranho, meio torto. Lá no colégio, tinha aquele grupinho, e às vezes eu estava bagunçando, e aí eu via que o pessoal ficava</p>			

	<p>entrei na boa e a menina, uma oriental, me atendeu bem. Eu discriminava minha própria origem, de orientais.</p> <p>Meu tio mais velho era bem tradicional e não aceitava [casamento inter-racial]. Quando ele se sentava à mesa com seus filhos, todos tinham que falar em japonês. E o meu primo mais velho também exigia isso. Um outro primo e uma prima, filhos desse tio também, namoravam com brasileiros, só que a família não aceitava esse tipo de relacionamento.</p>	<p>olhando. Fazer o que, né? Eu era assim, eu era doida e não estava nem aí com nada. Mas hoje em dia nem tanto. Eu era muito solta para os orientais, que são mais reservados. Só que hoje, acho que estou mais reservada do que eu era antes, mais ou menos.</p> <p>Eu acho que eu não tenho muita coisa em termos de características orientais não. A não ser aquela coisa de não roubar, de ter horário certinho para as coisas. Eu sou daquele tipo que, se chegar atrasada no serviço, me sinto mal. Se eu tiver que faltar, eu me sinto mal, entendeu? Porque japonês tem que fazer tudo dentro do horário, não se atrasar e fazer tudo certinho, né?</p>			
10	<p>Não sei, se for pensar, eu sou racista. Eu prefiro que [meus filhos] namorem japonesas.</p>	<p>Eu sentia que [no trabalho] eles respeitavam a gente, porque, para eles, japonês é aquele que</p>			<p>No meu serviço, eu sempre trabalhei com homem. Tinha quarenta homens, e três mulheres. E olha lá. E eu</p>

		<p>produz mais, é quietinho, mas trabalha.</p> <p>Daí eu fui trabalhar no Banco X e a maioria ali era brasileiro. Se bem que a minha chefe era japonesa. Tinha mais alguns japoneses. E japonês era o que mais trabalhava mesmo. Tem essa fama, né? Essa fama boa, de que é dedicado, trabalhador.</p>			<p>era uma delas. Desde que comecei a trabalhar na área de processamento de dados, sempre foi isso. Tanto é que, nessa última [empresa que trabalhei], também era uma equipe de trinta homens e três mulheres. Sempre trabalhei com homem. O que eu tinha que fazer era trabalhar muito mais que os homens. Eu tinha que fazer muito mais pra ser vista. Pelo menos, eu sentia dessa forma.</p>
11					<p>Acho que a maior discriminação que eu tive foi em relação ao meu pai mesmo. Ele me discriminava por ser mulher, porque ele queria que eu fosse mais submissa e eu não era. Até os quase vinte anos ele me batia, não com força, mas se eu respondia alguma coisa, ou se eu estava com cara</p>

					feia, ou se ele não estava bem, era motivo [para ele me bater]. Agora que eu entendo.
12			<p>Nunca tive esse problema, sempre me sinto como um brasileiro que é descendente de japoneses e que, como você falou, quer entender de onde veio, as suas origens. E a gente acaba não entendendo porque a família não tem a informação.</p> <p><i>Jichan e Bachan</i> “foram embora” [=faleceram] e quando você começa a se interessar, não tem mais quem te passe a informação e você acaba perdendo mesmo. Mas eu não tive esse problema não.</p>		
13	Nessa época que a gente estava namorando, a minha mãe, por ser de Okinawa, não queria que a gente namorasse o povo de Tóquio, que a gente chama				

	<p>de “<i>Naichi</i>”. Minha mãe queria que a gente casasse com uma pessoa de Okinawa também.</p> <p>Eles tinham, na época, muita restrição com relação aos brasileiros, principalmente negros. Brasileiros e descendentes do pessoal de Tóquio. Mas depois acostumaram, conviveram bem, não teve mais problema nenhum. Mas que existia, existia.</p>				
14	<p>Quando a gente tinha os amigos japoneses, nossa, minha mãe adorava, tratava bem. Quando era brasileiros, aquela coisa, né? Assim, ela olhava diferente.</p>	<p>Porque [os japoneses] eram muito competentes, tinham que ser, né, dedicados.</p> <p>Eles acham que a gente é muito fechado, que é muito centrado, que a gente não é flexível.</p> <p>E eu tinha uns embates mesmo, de querer tudo certo. Acho que a gente foi criado assim, né?</p> <p>No meu tempo, não tinha jeitinho. Tá certo ou tá errado.</p> <p>Eu acho que o japonês é mais tímido, mais fechado,</p>			

		<p>então é difícil você bater boca.</p> <p>Depois o que você faz? Você tira ótimas notas. Aí você é inteligente, você vai bem, você tem que ser mais competente do que todo mundo para superar tudo isso. Quando eu cheguei na adolescência, que eu fui para [uma] escola que era super forte, eu tirava ótimas notas. E aí o pessoal pedia ajuda. Aquela discriminação ao contrário, né? “É, só podia ser japonês para ser inteligente” Então, aí vem o inverso, né? Aquela coisa: “ah, precisamos matar dez japoneses para pegar vaga”. Aí já invertem os conceitos, a forma do pessoal pegar no seu pé, mas já um pouco diferente. [Tem que] demonstrar competência, ir melhor. A gente tem que ser muito, muito melhor do que os brasileiros.</p>			
--	--	---	--	--	--

15	<p>Mas na mídia, quando eu vou fazer um teste, por exemplo, se tem um <i>casting</i>: “Precisa-se de homens com aparência de cinquenta a sessenta anos.” Eu vou lá mas dizem: “Você é oriental.” “É, mas eu sou homem!”</p>				
16	<p>Eu vejo que ainda dentro da família, às vezes a minha mãe fala assim: “ah, esses <i>gaijin</i>, não sei o quê e tal” Falo: “mãe, não pode ficar falando assim, porque [tem o] pessoal que casou com <i>gaijin</i>”. Ela fica falando essas coisas quando tem festa, boa coisa não dá, né? Minha mãe fala, até hoje: “Ai, <i>gaijin</i> assim, <i>gaijin</i> assado”. Se chega atrasado: “parece <i>gaijin</i>, não sei o quê”.</p>		<p>Eu acho que a minha família sempre viveu muito no meio de japonês, de descendente. Hoje, ainda convivo bastante. Mas no trabalho, já não. No trabalho é ambiente normal. Mas círculo de amizade, assim, tenho muito amigo japonês mesmo.</p> <p>Eu acho que ainda convivo bastante no meio de descendentes, viu? E também com parentes. Eu tenho alguns sobrinhos que são casados com ocidental. Mas a maior parte da família é de <i>nihonjin</i>.</p>		<p>Difícil separar, né? Se é porque é mulher ou se é por causa dessas características que a gente tem como descendente.</p>

			<p>Mas eu sinto que tenho muita coisa de <i>nihonjin</i>. Muita coisa do tipo: não vou chegar aqui, não conheço você, então não vou me esparramar quando sentar, acho que tem muito aquela coisa de fazer cerimônia.</p> <p>A gente ainda faz missa japonesa, leva <i>koden</i>... Quando vai à casa de alguém, a gente tem o costume de levar alguma coisa. Então tem algumas coisas assim, que eu acho que é de japonês, né?</p>		
17	<p>Na minha infância a gente era muito protegida, porque na época estava tendo muito estupro de nisseis [na cidade em que eu morava] porque elas ainda eram novidade lá. Falavam que nissei era atravessado e raso, entendeu?</p>	<p>O pessoal tem admiração e respeito pela disciplina. Pra toda gente que vem na escola, você geralmente se sobressai no trabalho. Sempre foi assim. Nunca tive problema. Nessa profissão até ajudou muito ser oriental, porque já teve caso, quando eu estava ali na Vergueiro, trabalhando numa das galerias ali, de gente que passava falando</p>	<p>É, eu gosto muito da cultura japonesa. Mas eu gosto muito da brasileira também. Mas eu nunca quis ir para o Japão, nem trabalhar, nem passear. Não, porque, com essa cara de japonesa, falando um japonês mal falado, aí você é discriminada lá. Você sofre discriminação lá também. Eu não vou tirar férias pra ir num</p>		

		assim: “nossa é japonesa! É bom, vou ficar aqui”.	lugar que o pessoal espera de você outras atitudes. Que eu sou brasileira, não sou japonesa.		
18	[Quando eu morava naquela cidade do Rio] acho que eu tinha preconceito de ser japonesa, não eram eles que tinham preconceito. Por um bom tempo, eu achava que nada que era japonês prestava muito. Eu acho que eu não gostava de ter a minha cara de japonesa, então eu achava que tudo que era japonês não prestava muito. Então, eu namorava com brasileiro, esse tipo de coisa, mas com dezesseis anos eu fui trabalhar numa escola de português para estrangeiros. A maioria dos alunos era de executivos japoneses. E foi mais ou menos nessa época que eu comecei a ver que os japoneses não eram essa chatura toda que eu imaginava que era, que	Eu nunca senti preconceito nesse sentido. A não ser aquelas coisinhas bobas de criança, que japonês tem quatro filhos, coisinha assim. Abre o olho, coisinha assim. Mas fora isso, não. Até a gente era bastante considerado na escola. O prefeito da cidade [que eu morava] conhecia a gente. Acho que quando se é uma coisa meio ET, todo mundo conhece. Mas isso não foi nem no Rio, foi mais aqui em São Paulo... eu sei que a gente veio com uma certa defasagem de conhecimentos de escola, porque eu acho que aqui em São Paulo era mais forte ou alguma coisa assim. E aí a professora chegou e falou: "Mas			

	<p>tinha gente muito legal nesse meio. E foi logo em seguida que eu conheci o meu marido. Então, foi aquela zona de transição de uma coisa com outra, e eu acabei ficando encantada com tudo que era japonês.</p>	<p>como você não sabe isso? Você é japonesa. A tua irmã vai tão bem em matemática." Então, nessa hora, eu senti uma certa discriminação. Como se todos os japoneses devessem ser inteligentes e ser bons em matemática.</p>			
19	<p>[Meus irmãos] foram como dekasegui e eles moraram muitos anos lá... Mas logo no início, eles não conseguiam falar japonês... o meu cunhado que era brasileiro e não tinha cara de japonês, era tratado melhor que os meus irmãos que foram discriminados. Mas por quê? Porque eles falavam assim: 'você tem cara de japonês e não fala japonês... ele tem cara de estrangeiro e ele não tem obrigação de falar japonês, então a gente vai dar atenção só para ele, não para vocês'!</p>		<p>Era aquela coisa assim: "você tem que fazer tudo certo! Não pode fazer errado! Não pode mentir! E não pode isso! Não pode aquilo! Você tem que ser exemplo! Ó, você é <i>nechan</i>, tem que ser exemplo para seus irmãos! Você é <i>nechan</i> dos seus primos também! Você! Você!"</p> <p>Sabe aquela coisa de você acreditar nisso e crescer com tudo incutido dentro de você... e você passa a agir a vida inteira assim... aí o problema dele era meu, o problema dela era meu, sabe? Eu cresci assim. Até muito pouco</p>		

			tempo eu achava que todos os problemas era eu que precisava resolver...		
20	<p>Meu pai tinha uma coisa que <i>gaijin</i> tem e que eu achava ruim nele. Ele adorava se vangloriar dos filhos, e eu ria de vergonha. Nossa, como eu ria de vergonha. “Não, porque ela fez GV, não, porque ela fez USP, não, porque ele fez GV, porque ele fez POLI”. Nossa, aquilo era a morte.</p>		<p>Então ao mesmo tempo que [meu pai] tinha um dicionário do folclore brasileiro, ele preservava a comunidade japonesa. Mas eu mesma me sentia fora do ninho, com síndrome de estrangeiro. Era isso que sentia, eu tinha olho puxado, mas era grandona.</p>	<p>Eu sempre fui muito grandona. Com sete anos, já tinha um metro e sessenta e dois. Então, além do meu nome ser um dos últimos, eu era a última da fila. E eu morria de vergonha da minha condição física. Primeiro japonesa, segundo grandona desse jeito... imagina, era totalmente fora do padrão japonês. O que isso gerou em mim? Muita timidez. Como nasci em julho, eu só pude ir pra escola com sete anos e meio. Me sentia péssima porque já estava velha. Então eu falava menos ainda. E eu lembro que um dia, acabei fazendo xixi nas calças. E a professora, a partir do dia seguinte, começou a me</p>	

				perguntar se queria ir ao banheiro. Era tamanha a vergonha que eu tinha dessa condição. Eu não sentia que era vergonha de ser japonesa, mas era da minha condição física mesmo, de ser grandona.	
21	<p>Meu pai não gostava [de brasileiro]. A minha irmã, com menos de dezoito anos, ficou grávida do meu cunhado, que é capixabano. [Meu pai] não queria que ninguém se envolvesse com brasileiro. Com <i>gaijin</i>, né? Não queria de jeito maneira. Ele não gostava. Não que ele não gostasse de <i>gaijin</i>, mas ele não queria que as filhas casassem com <i>gaijin</i>... Foi o maior borogodó, quando nasceu minha sobrinha, nossa senhora! Mas aí, depois ele acabou aceitando, mas no começo foi muito a contragosto.</p>				

22			<p>Acho que durante a adolescência, eu não queria ser japonesa. Aí eu falei pro meu marido: "A gente tem que dar um jeito, porque senão a gente vai ter problema com isso daqui a pouco." Dele [nosso filho] não aceitar o que ele é, a origem dele. Os dois [filhos] têm nome japonês também. Isso eu fiz questão de manter. A gente levou ele pro kendô, judô. Kendô, porque tinha espada. Foi a melhor coisa que fiz. Nossa. Aí ele começou a ter orgulho de ser japonês. Então, foi bem legal e depois foi pro judô, aikidô. O pequeno também fez as mesmas coisas. Hoje no trabalho ele é o japa e está tudo bem.</p>		<p>Somos dois irmãos, eu sou a mais velha. Aí tinha aquela cobrança de ter que falar [japonês] porque era a filha do <i>chounan</i>, tem uma coisa toda assim. E por outro lado, nunca fui muito valorizada pelo fato de ser mulher em uma família japonesa. Isso é uma coisa que [meu irmão] que ia continuar com o sobrenome da família e eu não. Tanto é que eu fiz questão de não continuar com o sobrenome da minha família. "Já que é assim, então... Não quero também."</p>
23		<p>Está aí um problema de <i>nihonjin</i>, não é? Fica muito em cima do muro "Bicho,</p>			

		<p>não quero saber. Não quero saber...”</p> <p>Financeiramente, o homem japonês é visto como bem-sucedido, entendeu?</p> <p>E eu estudava por causa do meu pai. Sempre tive boas notas, sempre fui um bom aluno, com um pouco de mau comportamento. Não tem saída, eu sempre estava no meio das coisas erradas lá dentro.</p> <p>Eu já cheguei a aprontar dentro da sala de aula e ir para a diretoria. Mas aí tem aquela coisa dos dois lados. Eu merecia ser expulso. Mas não fui porque eu sou japonês.</p>			
24		<p>A gente sempre fala que o japonês é todo correto, todo certo e todo formal. Eu não vejo isso [no meu pai]. Mas os valores de honestidade e tudo o mais, eu vejo nele e ele tentando passar isso para mim.</p>	<p>Na faculdade eu não me lembro de me sentir discriminada. O que eu acho que aconteceu na faculdade é que eu fiquei mais introvertida, talvez até tenha relação, não sei. O fato de eu me sentir</p>	<p>Por que eu acabava me interessando por não orientais? Eu acho que tinha essa busca de me sentir um pouco mais valorizada. Todo mundo falava que filhos mestiços eram filhos bonitos, como</p>	

		<p>Eu me lembro de ter ido muito bem no pré-primário, da professora elogiar bastante o meu desempenho. E também me lembro dela, da didática horrorosa. Dela chegar para mim e falar: “senta do lado de Fulano de tal para você ajudar, porque ele não está conseguindo aprender”. E eu me sentia muito orgulhosa de fazer isso Até que teve um dia que eu fui muito mal numa lição da cartilha. E ela ficou muito decepcionada comigo. Ela me chamou lá na frente, achando que eu ia dar um show e não consegui. Ela ficou muito brava comigo, me mandou voltar a sentar na carteira. Então, isso foi uma coisa muito traumatizante, porque ao mesmo tempo que ela inflou meu ego até..., quando chegou nas últimas lições que eu não consegui</p>	<p>meio que única, sei lá. Eu tinha poucos amigos na faculdade, diferente do colégio. Realmente não tinha nenhuma [colega] que era japonesa.</p> <p>O que eu sinto é que os valores que eu mais tento preservar são os valores que meu pai me passou. De ser honesta, de não pegar dinheiro que não é seu, coisas que não são suas. Eu não me lembro do meu pai falando exatamente isso para mim, mas é como se essas coisas estivessem vindo dele, porque o lado da minha mãe não era muito assim. A minha mãe, a gente brinca muito, que se ela puder levar vantagem em alguma coisinha, ela fica muito feliz.</p> <p>E isso me incomodava muito, quando ela saía, às vezes sem querer do mercado, com alguma coisa que ela botou</p>	<p>se os japoneses não fossem. Tanto que eu nunca me senti bonita. Eu lembro que quando eu comecei a ficar um pouco mais vaidosa, olhava no espelho e minha prima vinha com umas histórias de pôr <i>band-aid</i> no olho para você ter a dobrinha, porque eu não tinha a dobrinha no olho.</p>	
--	--	--	---	---	--

		<p>[dar conta], ela me botou lá para baixo.</p> <p>Então eu não sei se essa coisa do estudo era uma coisa por conta de eu ter sido muito elogiada, mais do que por conta de ser uma oriental.</p> <p>É, eu acho que também meio que inconscientemente as pessoas me cobravam essa coisa de ir bem na escola, de ser boazinha, e por aí.</p>	<p>debaixo do braço, passou no caixa, e esqueceu [de pagar]... e só se dá conta disso lá fora.</p>		
25	<p>O pessoal [na escola que entrei para fazer o ginásio] era muito preconceituoso. Aí, tinham os meninos da minha classe que ficavam perguntando: “você levou uma panelada na cara? Você tem uma cara achatada. Você não sei o quê” e daí ficavam rindo e fazendo... [bullying]. “Ei, japona, não sei o quê”, E as meninas do semi[-internato] eram bem poderosas. Elas vinham atrás de mim porque eu era a única japonesa da escola. Eu sofri mesmo porque elas</p>	<p>Então, eu passei a ser a primeira aluna da classe, se eu não era a primeira, era a segunda, eu só tinha nota azul. E também tinha uma nota de comportamento que eu nunca tive menos que dez. Tinha que ser boa aluna, tinha que estudar e pronto, acabou. Era eu num ano, e minha irmã no ano logo abaixo. E éramos as únicas japonesas da escola.</p>			<p>A gente já tinha 18 anos, eu e [meu amigo G.] de carro, com os carros cheios. A gente estava indo para algum lugar com a turma. E aí, quando eu estava na frente dele, fechou o sinal, ele veio e deu uma encostadinha no meu carro, fez uma careta, fez uma graça e tal. Daí ele passou na minha frente e no outro sinal eu fui fazer a mesma gracinha que ele fez comigo. Quando eu encostei, ele desceu</p>

	<p>vinham: “ei, você, ei menina, você consegue falar?” Me beliscando, e eu escapando e fugindo. A minha irmã que entrou um ano depois, no segundo dia de aula, comprou uma briga com uma menina e rolou de tapa... ela é assim, mas resolveu [e não sofreu mais <i>bullying</i>].</p> <p>[Perguntavam] se eu usava quimono e como que eram os hábitos, os costumes, se falava japonês em casa ou não. E o que para mim fica sempre desagradável, é essa coisa de falar: “ô, <i>arigatô</i>, vem aqui”, sabe esse tipo de coisas?</p> <p>Os meus pais eram bem racistas, embora o meu pai fosse mais reservado nisso e a minha mãe mais explícita, eles eram bem racistas. Eles não gostavam de preto. Preto e chinês. Eles abominavam. Eu fui entrar num restaurante chinês com 21 anos de idade, achando</p>				<p>do carro como se não me conhecesse: “a senhora é louca? A senhora não viu que fechou o sinal?” e começou a gritar na rua. E eu falava: “G., para de gritar, pelo amor de Deus”... que foi me dando uma vergonha. Ele repetia: “a senhora é completamente louca, não sei que”. Tinha um bar na esquina, e saiu de lá um cara totalmente bêbado e falou para o meu amigo: “calma, meu filho, calma. Você está muito nervoso”. “Mas é que o senhor não viu, ela bateu no meu carro”. “Ih não fica nervoso, olha para ela, coitada, ela é mulher e japonesa. Você quer que ela guie bem?” Daí o G. olhou e falou “o senhor tem toda razão”, e entrou no carro, e eu falei: “ah, agora eu vou bater nele de verdade.”</p>
--	---	--	--	--	---

	<p>que estava fazendo quase um sacrilégio. Estava na faculdade e todo mundo ia no restaurante chinês. Eu fui junto e adorei a comida.</p> <p>Até então eu nunca tinha entrado em um restaurante chinês porque a minha mãe falava que era um lugar sujo, horroroso, que eles eram muito porcos por isso não se come, que não sei o que e tal. Eu nunca tinha comido em restaurante chinês, porque tinha esse preconceito [dos meus pais].</p>				
26	<p>Como eu fazia supletivo, não querendo discriminar, mas lá tinha... era mais empregada doméstica, essas baianinhas, as pretinhas, estava cheio de pretinhas e pretinha não era do meu feitio. As únicas branquinhas eram [minha atual esposa e a irmã dela], sendo assim, a gente conheceu a família, tal, família de respeito, tudo...</p>		<p>Eu estudei no <i>kaikan</i>, eu lutava <i>sumô</i>, jogava <i>yakyu</i>... Tudo de moleque, porque tinha lá onde eu nasci.</p>		

	aí, depois de um mês começamos a namorar.				
27		<p>Quando eu entrei na UNICAMP, tinha uma coisa muito estúpida. Eu tive colegas que no grupo, no refeitório, no estudo, na classe, e também na república que eles moravam só conversavam em japonês. Eles não eram muito fluentes em japonês, mas conversavam em japonês, para ser um grupo fechado mesmo. Não eram nem <i>nisseis</i>, já eram <i>sanseis</i>.</p> <p>Então, uma boa parte da frase era em português, eles colocavam algumas palavras em japonês, para o pessoal não entender, e eu era incluído, porque estudava junto com eles. Fiquei sabendo disso porque fui na república deles [estudar] e lá eles também conversavam em japonês. Na escola eu sabia que era assim, mas fora eu</p>			

		<p>não sabia que eles tinham esse mesmo tipo de atitude.</p> <p>Eu tinha que estudar de alguma maneira, e sozinho eu não ia conseguir, então eu ia estudar nas repúblicas, e numa dessas se reunia o grupo minoritário desses <i>nihonjins</i> aí, que tinham essa atitude.</p>			
28	<p>[Meus pais] se recusavam a aprender uma outra língua. E até porque se achavam superiores à língua local, se achavam melhores.</p> <p>É muito preconceito entre os próprios japoneses, porque os meus pais perderam tudo, então nós éramos muito pobres. E a gente convivia com os filhos dos donos e todos com muitos recursos. E a gente viveu com os recursos que a prefeitura nos dava, dos recursos públicos. Mas que</p>	<p>Ah, na infância a gente sentiu bastante porque, por ser japonês, por ter obrigação de ir bem [nos estudos], de ter obrigação de uma série de coisas. E [fomos] cobrados, tanto pelos brasileiros e muito mais pela comunidade, pelos familiares.</p> <p>Então não teve essa questão de muita zombaria. A gente era tratado assim, mas era positivo: os professores valorizavam porque japonês estuda, japonês isso e aquilo. Não tinha</p>			<p>Mas a mulher não tem valor nenhum para os japoneses. Meu pai me falou a vida inteira que ele devia ter me matado, me afogado no rio. Somos três mulheres e o caçula é menino. E todas as três estudaram, foi a gente que conseguiu fazer [nossos pais] sobreviverem depois que a gente ficou adulta. O preconceito, é a criação de japonês.</p>

	<p>foram suficientes. Eu acho que não deveu nada.</p> <p>Não [acho melhor que meus filhos convivam com <i>nikkeis</i>], porque essa comunidade aqui tem muita gente falsa, muita gente arrogante, muita gente prepotente. O japonês é... pelo menos o japonês daqui, ele se acha melhor. Então, esse lado é muito ruim, eu não gosto.</p>	<p>tanta questão nessa situação.</p> <p>Eu até falo, até muitos amigos falam que eu sou uma japonesa mais paraguaia, porque a maioria dos japoneses que eu vejo são muito mais tímidos, mais recatados, não sei.</p>			
29					<p>[Meu pai] sempre quis ter [filho homem], mas nunca lamentou não... ele nunca reclamou da gente ser mulher, mas eu sempre soube que ele queria ter, quando era mais novo... eu acho até que ele falava assim, que tem quatro [filhas] mulheres aqui que dão conta, então... Ele sempre deu força pra gente, independente se era homem ou mulher, e tinha que estudar.</p>

<p>30</p>	<p>Eu tenho a história dessa tia [irmã do meu pai], que foi expulsa de casa porque casou com um brasileiro. Depois teve um outro tio, irmão do meu pai também, que foi trabalhar na construção de uma Usina lá em Minas, e quando ele voltou, o meu tio já chegou com uma enteada e com uma esposa negra, e grávida. Então a rejeição foi enorme. Ele recebeu a porta na cara. Demorou um tempo, até que as crianças nasceram, daí minha avó passou a aceitar. Daí passou a ser uma das melhores noras para ela. Tinha uma outra tia, a penúltima, que quando eu nasci, ainda [morava com a gente e] ficava namorando no portão, e o namorado era brasileiro. Foi um casamento que meu avô também não aceitava porque ele era um brasileiro.</p>		<p>Não me custa ver um branco, ou ver um negro, ou ver um índio em sofrimento, que eu posso ajudar. Eu sofro, mas não é o mesmo sofrimento quando eu vejo um japonês. Por exemplo, eu fiz residência num hospital. Uma vez, quando cheguei na sala de recuperação e tinha aquele monte de gente doente para ser operada, tinha um japonês. Fui imediatamente até o japonês e perguntei como é que ele estava, o que ele estava precisando... E acho que ele sentia a mesma coisa né. Ele falava assim: “mas eu vi uma enfermeira japonesa aqui, chama ela”. Aí me chamavam e ele falava tudo em japonês, porque achava que ele ia ser entendido, né.</p>		
------------------	--	--	--	--	--

<p>31</p>	<p>Quando eu era adolescente e ainda namorava [com o meu marido], eu ainda estudava no colegial (atual ensino médio) e a gente tinha uma turma. Quando eu fui me dar conta, era só casal japonês. A gente saía em quatro ou cinco casais, tudo japonês. Aí eu olhava e não me encaixava naquele grupo, me achava esquisita, achava tudo esquisito, porque eles ficavam falando mal de <i>gaijin</i>, que é uma coisa que eu não gosto. Como se japonês fosse melhor do que <i>gaijin</i>. E eles só ouviam música japonesa, saíam para assistir só coisa japonesa, ficavam só falando japonês... e aí eu cutucava o meu marido assim, e falava: “ah, essa não é minha turma não, eu não gosto disso”.</p> <p>Dentro de casa, [meus pais] falavam que não gostavam muito de preto. “Ah, preto não-sei-o-que... se não faz</p>	<p>Acho que eles fazem <i>bullying</i> com a gente, mas elogiam: “ah, japonês é inteligente”. Nunca fui muito inteligente. Eu aprendo as coisas, mas sou bastante esforçada. Eu não tenho aquela coisa de “vou aprender rápido”. Então, isso, ao mesmo tempo me ofendia. Eu pensava assim “só porque sou japonesa vou ter que ser a primeira da sala?”. Tive uma professora de português que era japonesa, e me falou assim: “como você vai mal na minha matéria? A Fulana é super boa. E você assim, só tirando nota baixa?” Tipo assim, olha a ascendência da gente! Mas aí eu pensava: “só porque você é descendente de japonês, você tem que ser ‘o <i>must</i>’?” Eu não era, nunca fui. Sempre fui mediana e tinha que correr muito pra passar de ano.</p>	<p>Acho que se eu nasci aqui no Brasil, eu sou brasileira. Eu sou descendente de oriental, de japonês. Isso, pra mim é uma honra, não é uma coisa ruim. Porque eu acho que tem muita coisa inserida na gente geneticamente que a gente não percebe, e que querendo ou não, o brasileiro não tem. Que é esse negócio de não jogar lixo [no chão], de recolher... ninguém ensinou a gente, parece que tá embutido na gente. Não é uma obrigação. Você faz porque tem que fazer. Nisso sim. Mas no contexto de morar no Brasil, eu me sinto mais brasileira... uma descendente de oriental, mas brasileira.</p>	<p>Quando eu repeti o segundo ano, eu me sentia burra, porque depois vi como era fácil aquilo lá: “mas como que eu repeti de ano?”</p> <p>E quando eu era adolescente, uma menina chegou e me falou assim: “ah, você é feia porque você é japonesa”. Então, eu pensava: “será que eu sou mesmo tão feia?” Se a gente não tem auto estima, porque na adolescência a gente [é muito insegura] nem é criança e nem é adulto ainda...</p> <p>[Na escola] sempre tinham aquelas meninas, as loiras... as bonitas, que tinham o cabelo assim, que se vestiam bonitinhas, que os meninos gostavam mais delas... e você era sempre a última a ser vista... aí, você começa a se questionar se realmente é porque você é</p>	
------------------	--	--	--	---	--

	na saída, faz na entrada...” essas coisas assim.	Também sempre tive essa coisa das pessoas falarem: “como que você que é japonesa não fala japonês?” Daí eu respondia: “mas eu sou brasileira!”		descendente, ou se você é mesmo feia.	
--	---	--	--	--	--

APÊNDICE H

Em qual das culturas você se sente mais inserido/identificado? (brasileira ou japonesa) (por que? como?)

(os participantes que não aparecem aqui, não mencionaram nenhuma experiência em relação a esta questão)

PARTICIPANTE	BRASILEIRA	JAPONESA
3		<p>A gente talvez tenha tendenciado os dois [filhos], frequentando o [clube] Nippon, porque a gente também sente uma certa tranquilidade.</p> <p>Na minha adolescência eu não conhecia as músicas brasileiras, conhecia música japonesa. Acompanhei muito a música japonesa. Eu cresci mesmo no meio da colônia, no meio das coisas japonesas.</p> <p>[Me identifico mais] com a [cultura] japonesa.</p> <p>Mas é um conflito também, porque a nossa vida, a minha vida profissional não é japonesa. Então eu tenho que fazer algum esforço para me adaptar a um meio não nipônico. Eu fico mais à vontade no meio de japoneses, no Festival do Japão, em encontro de japoneses, no almoço com os meus amigos, fico muito mais à vontade.</p> <p>A gente tem um grupo de <i>happy hour</i> de colegas de uma empresa onde a maioria é <i>nihonjin</i>. É impressionante, que a gente vai lá e todo mundo põe suco e refrigerante. Aí você vai no <i>happy hour</i> de um grupo de amigos que não são, eu vou também, mas o pessoal enche a cara. Eu falo: “gente, vocês vão dirigir”. Sabe, eles não têm essa preocupação.</p> <p>Eu com certeza fico mais à vontade num grupo de japoneses. É certo ou é errado? Porque ali, a maioria é assim [fechado, tímido], então eu não sou diferente, eu sou igual. Posso até ser um pouco menos, mas sou igual. No meio de <i>gaijin</i>, eu sou muito</p>

		<p>diferente, eu sou tímida. Então eu tenho muita dificuldade de me a igualar a eles. Agora, eu nunca vou ser como eles, mas acho que o respeito que eu consegui adquirir faz com que o meu espaço esteja garantido.</p> <p>A gente não tem uma alimentação muito japonesa não. De japonês, japonês, a gente gosta de <i>gohan</i>. <i>Shirogohan</i> pra gente é essencial. Mas a gente gosta de feijoada, de macarrão, de pizza... A gente come de tudo e na cidade de São Paulo tem de tudo, então a gente tem que experimentar. A gente não restringe a nossa alimentação só pra comida japonesa. A gente gosta muito, mas não é só comida japonesa.</p>
5	<p>Ao mesmo tempo que... eu vejo que a gente vai amadurecendo... por exemplo, hoje eu sinto que consigo conversar muito mais. Sou mais assim, prolixa. E talvez pelo fato de viver nessa sociedade, às vezes eu sinto que sou mais brasileira do que japonesa. Talvez, né.</p> <p>O problema é que eu não falo japonês. Então é talvez por isso que eu me sinto mais brasileira.</p>	<p>E eu acho que talvez quando você convive com <i>nihonjin</i> é mais fácil. É mais fácil.</p> <p>Então, tanto pela igreja quanto pelo atletismo, convivi bastante com japonês. Então eu vejo que é mais fácil.</p> <p>A gente come mais comida brasileira. Mas eu gosto muito mais de comer comida japonesa.</p>
6	<p>Com a brasileira, a brasileira. No <i>Nihon</i>, eu morei, vivi lá, mas eu não moraria no Japão.</p> <p>Eu sou um brasileiro. Com cara de japonês. Mas eu sou 80% <i>gaijin</i>. Talvez 20% <i>nihonjin</i>. Tipo pontualidade. Estresse com o relógio, com pontualidade. Isso foi que o meu pai [sempre cobrou] desde que eu era criancinha: o horário. Chegar antes, ser pontual.</p>	
7	<p>Olha, eu diria pra você que eu acabei me adaptando tanto a muitas coisas por causa da situação de vida. Com os amigos todos, que eu me sinto muito bem dentro de uma cultura</p>	

	<p>européia. Me sinto muito bem. Na japonesa não seria tão bem, até porque... acho que as pessoas são muito regradadas, né. Em excesso. E eu sempre fui assim, muito intolerante a muitas regras. Eu gosto de quebrar regras. Sempre com uma razão específica, mas eu gosto.</p>	
<p>8</p>	<p>Como eu sou brasileiro mesmo, nascido aqui, tem algumas coisas que se misturam entre a cultura brasileira e a cultura japonesa. Mas eu me identifico com a cultura do Brasil mesmo. Mas [também] com determinadas coisas da honestidade dos japoneses, da questão do trabalho, da dedicação. São coisas que eu via na minha família. Mas pra te falar a verdade, eu não sinto vontade de chegar e falar assim: "Ah, eu tenho vontade de ir ao Japão."</p> <p>Então, eu me identifico mais com a cultura brasileira mesmo. Até porque eu sou nascido aqui, eu sou brasileiro. Eu me sinto brasileiro mesmo. Acho que me sentiria um intruso se eu tivesse que ir lá. Eu sei falar, me desenrolar um pouco com o japonês, mas, chegando lá, eu vou me sentir diferente. Minha cultura oriental está muito longe, tá muito longe. Então eu me identifico mais com o brasileiro mesmo.</p> <p>O meu vocabulário é o básico pra falar em japonês. [Serve] pra não morrer de fome e pra quando for na Liberdade, encontrar um japonês e conversar com ele. Mas fora isso, nada. Acho que se eu fosse para o Japão, eu me sentiria bastante deslocado.</p>	<p>[Eu e meu irmão fomos criados] como japoneses mesmo. Tanto é que eu aprendi a falar o português só no pré-primário. Na verdade, eles [minha família] conviviam dentro da colônia. Então, dentro da colônia, não tinha outra coisa a não ser viver entre os próprios japoneses mesmo.</p> <p>Na época [que entrei na escola] em casa era só japonês. E depois eu ainda frequentei a escola japonesa da Vila Mariana. Eu fiz até os seis anos de idade, eu frequentei a escola japonesa dos quatro aos seis [anos]. E só falava japonês.</p> <p>[...] o meu pai ainda conseguia entender um pouquinho melhor [o português do que minha mãe], porque ele tinha que trabalhar. Então, a convivência [dele] com as pessoas era um pouquinho maior [do que da minha mãe].</p> <p>A minha primeira namorada foi uma nissei. Aí depois a segunda foi uma <i>gaijin</i>. A gente tinha uma boa convivência entre os não-descendentes e os descendentes. Mas eu via que a preferência [dos meus pais] na época evidentemente era por descendente de japonês mesmo.</p> <p>Porque ele [meu pai] chegava, chamava no erro e falava o que tinha que falar. Eu chegava a chorar por causa do erro cometido e até pela lição de moral que ele dava. Isso daí é um negócio que eu sempre trago comigo. É a questão da cultura da família mesmo, que educou a gente dessa forma. Isso aí foi um negócio que marcou</p>

		bastante. A questão da mentira, da omissão, essas coisas. Isso é um negócio que eles não aceitavam.
9	<p>Porque [quando era mais nova] eu me sentia mal se entrasse numa loja e fosse atendida por uma oriental. Mas acho que isso estava na minha cabeça... eu ficava meio sem graça. Aí depois quando eu fui trabalhar numa butique, tinha o pessoal do Banco A, as meninas, entravam na butique porque me viam e eu era uma oriental(...)</p> <p>Só que também tem aquele lado, tem coisas que japonês faz que eu não faço. É jogar coisa no lixo. Às vezes eu joga no chão.</p>	
10		Na faculdade, eu também vivia no meu grupinho, que era mais a turma japonesa. Eu acho que é mais porque acostumei assim. Ficava mais na turminha de japoneses. Família... Eu sempre fiquei no meio de japoneses.
11	[Meu avô] sempre falou em português, então eu sempre achei que tinha muito mais da cultura brasileira mesmo.	
12	Eu vou dizer que sou brasileiro e entendo muito bem a cultura japonesa. E estou aprendendo e entendendo a cultura okinawana. Então, o que eu posso dizer é que sou um brasileiro que se adapta muito bem a essas situações.	<p>Meu pai sempre foi o mais abrasileirado, por isso eu sou mais assim também. Ele nunca seguiu essa tradição. O que a gente fazia muito era, sempre, quando <i>Ojichan</i> e <i>Obachan</i> eram vivos, ir de final de semana encontrá-los, né? Tanto do papai quanto da mamãe.</p> <p>E eu pensava que nem <i>gaijin</i>, esse era o problema... não estava preocupado com a cultura japonesa, né?</p> <p>Mas quando eu tinha quinze anos mais ou menos, eu falei: “Vou frequentar <i>kaikan</i>, porque eu gosto de conviver com japonês”. Então, foi aí que eu comecei a conviver mais com japoneses, porque até então eu só convivía com brasileiros.</p>

		<p>Foi depois de casado que eu fui entender a importância disso. Então, foi aí que eu comecei a ver realmente como funciona a cultura japonesa. Meu sogro [okinawano] não gostava de quem nascia no Japão. Então, eu fui o primeiro descendente de japoneses a entrar na família deles e eles geralmente são muito fechados.</p> <p>Eu sempre determinei na minha vida, que eu preferia conviver no meio de japoneses devido a limitações e tudo mais, educação... do que com <i>gaijin</i>, né? Isso é uma coisa minha. Eu acho que o <i>gaijin</i> não pensa como o <i>nihonjin</i>, daí fica mais fácil lidar com o parceiro mesmo. Então, eu tive essa preferência.</p>
13	<p>Ah, eu falo que sou descendente de japoneses. Aí falam: “vai jogar Brasil e Japão, para quem você torce?”, eu torço para o Brasil, porque aqui eu fiz minha vida e aqui... eu sou descendente. Eu gosto dos japoneses, mas eu torço para o Brasil porque é aqui que eu fiz minha família e é aqui que eu nasci.</p>	
14	<p>Mais brasileira. Exatamente porque nasci aqui, já sou neta, então eu tenho ascendência, até brinco: eu sou pura, porque eu não tenho mistura de raça. Mas eu me sinto brasileira, porque eu adoro comida brasileira. Noventa por cento dos meus amigos, são brasileiros, eu não faço parte de nenhuma associação. Tenho poucos amigos japoneses.</p> <p>Mais brasileiro do que japonês, não sei fazer tantas coisas, não sei falar japonês, não sei escrever, né? Comida, de vez em [quando], algumas... Não sei cortar um <i>sashimi</i>.</p>	<p>Na época em que eu estava na faculdade, até gostava de ir nos karaokê, porque a época que eu peguei foi o auge do karaokê. Eu conheci o meu marido no karaokê. Ele cantava música japonesa. Eu gostava. Essa parte japonesa é muito legal.</p> <p>A única coisa que a gente mantém a tradição é o ano novo. A gente faz o <i>ozoni</i>. A gente fazia <i>moti</i>, porque minha avó e meu avô faziam <i>moti</i> naquele pilão de amassar. Aí depois compramos a máquina, então a gente faz essa festa todo ano, de fazer o <i>moti</i>, churrasco...</p> <p>Eu gosto de ser descendente, por mais que tenha pessoas que na época, quando eu era criança, me discriminaram e tudo, mas eu tenho orgulho de ter ascendência japonesa. Tenho orgulho de ter nome japonês, o sobrenome, de manter a</p>

		tradição japonesa, entendeu? Eu fui pro Japão e fiquei maravilhada com a educação, de como tratam as pessoas. Como eu gostaria que o brasileiro tivesse dez por cento disso, de jogar um papel no lixo, né? De cuidar do filho, de agradecer, não roubar, não tirar as coisas dos outros. Então isso eu acho maravilhoso na cultura japonesa.
16		Eu acho que é mais com a japonesa... a japonesa daqui.
17	[Me sinto mais inserida] na [cultura] brasileira.	Aí a vida toda eu senti que dá até um certo privilégio você ser descendente de oriental.
18	Com a brasileira. Porque eu não sou aquela pessoa que segue muito a tradição.	
19	<p>Aí eu falava: “papai, a gente foi criado que nem brasileiro, os meus hábitos são de brasileiro. Se eu fosse criada no <i>Nihon</i> e eu chegasse aqui com o jeito de lá, eu ia ter problema com a família daqui. Se eu casar com japonês que tem o jeito de lá, aí que eu vou ter problema.”</p> <p>Eu acho que eu escolheria a cultura brasileira porque eu nunca me senti fora, porque eu conheço descendentes de japoneses, ou até mesmo de outras ascendências, que se sentem assim: “para que eu nasci aqui, que porcaria é aqui.”</p>	
20		<p>Eu tenho muita identificação com a cultura japonesa e até aceito, mas também tenho o meu lado crítico em relação a tudo isso. Eu acho que o japonês, japonês é muito metido a besta. Orgulhoso.</p> <p>Eu sinto que a comunidade <i>nikkei</i>, comunidade <i>sansei</i>, eles preservam muito mais a cultura do que o próprio japonês. Que a gente vai pro [clube] Nippon, vai pra exposição do Japão, né.</p>

22	Eu acho que pelo meio do caminho. Eu gosto de ser brasileira, eu tenho orgulho de falar que eu sou brasileira, apesar dessa [situação que a gente vive hoje].	Pros meus filhos, eu gosto de ensinar as coisas que fazem parte da nossa tradição [japonesa] que eu acho legais.
23	Agora, o meu jeito, vamos dizer assim, o temperamento é muito mais, muito mais ocidental.	A parte cultural, educação, essa coisa assim, é muito mais com o oriental. O meu jeito de pensar a coisa do certo e do errado, não é? Certo e errado não digo, mas assim, por que fazer mal feito se eu posso fazer bem feito? Então muito mais com o oriental mesmo.
24	Eu acho que com a brasileira. Hoje em dia eu admiro muito a cultura japonesa. Eu gostaria de ter aproveitado um pouco melhor, talvez eu tivesse mais facilidade, mas eu acho que eu estou muito bem adaptada. Eu estou adaptada na cultura brasileira. Tanto que em casa eu até que gosto de cozinhar, então às vezes me arrisco a fazer alguma coisa da culinária japonesa, mas o meu dia a dia é brasileiro.	
26		É japonês, parece que está no sangue. E assim, a gente frequenta associações japonesas também, tem o grupo também do <i>Shimbukan</i> , todos <i>nihonjin</i> . E são de diversas religiões, tem o pessoal do <i>Mahikari</i> , mas ninguém fala que a minha religião é melhor que a sua, ninguém se mete, todos nos respeitam. <i>Nihonjin</i> se respeita, então é uma coisa que um ajuda o outro (...) <i>O nihonjin</i> tem esse lado bom da cultura que é a associação. <i>Ninhonjin</i> , um ajuda o outro, respeita-se, entendeu? Mesmo a culinária japonesa também, ela é super balanceada, tudo...
27	Pelo tempo de vida, na cultura brasileira.	Porém sempre questionando, não do jeito que está aqui [no inventário]: “onde é que estou? O que estou fazendo?” Não. No sentido de que tem certas coisas que eu trago da cultura japonesa, que eu acho estranho na cultura, no modo de vida brasileiro.
28	Ah, mais na brasileira porque tenho o domínio. O domínio da língua, o domínio da língua como um todo. Então, é o que eu	Acho que tem uma predominância muito forte do japonês, tanto a formação, como caráter, como pessoa, acho que japonês é mais

	pretendo conseguir voltando a estudar na cultura japonesa. Mas eu me sinto à vontade nas duas.	forte. Talvez por ser <i>nissei</i> , <i>sansei</i> já percebo muita diferença no distanciamento. Muito jeitinho, né?
30		Eu me identifico com a cultura japonesa mesmo. Eu sempre falo que eu sou japonesa e eu fui criada assim. Porque eu me sinto T. porque eu nasci T., né.
31	Objetivamente eu sou muito mais brasileira do que me sinto assim, japonesa... inserida na cultura japonesa.	<p>Eu sempre achei que a gente fosse bem 'abrasileirado', né, mas aí quando você vai olhar para as coisas que cozinha, que você faz, a gente é tão japonês quanto, e a gente também não percebe.</p> <p>[Minha mãe] fazia empadinha, coxinha, e eu ajudava... Ela fazia muito bolo, rocambole, muito pão... Então ela fazia abrasileirado também, né? Minha mãe é fanática por café com leite. Nesse sentido, minha mãe ficou bem abrasileirada. Ela tem que tomar o leiteinho de manhã, de tarde... pãozinho com manteiga... nesse sentido a gente ficou bem abrasileirado.</p> <p>Por exemplo, minha mãe sempre fazia coisas da culinária japonesa. A minha mãe fazia <i>onigiri</i>, fazia <i>sushi</i>, fazia muita conserva de pepino, de melão, <i>umeboshi</i>, de acelga... essas coisas... ou fazia aquele <i>banchá</i> para a gente comer com as coisinhas. Ela sempre fazia <i>tempurá</i>... Então a gente acha que não, mas isso tudo é da culinária japonesa.</p> <p>E eu faço <i>sukiyaki</i>, faço <i>karê</i>, faço <i>yakissoba</i>, apesar de <i>yakissoba</i> ser de chinês, né?</p>

APÊNDICE I

Relatos importantes/interessantes que podem estar relacionados a algum tipo de resgate identitário por parte do(a) entrevistado(a).

PARTICIPANTE	
1	Então, eu sou um estrangeiro para o japonês, eu sou um estrangeiro para o brasileiro. Mas eu achei um ponto que, nessas junções, eu achei um ponto em que eu me vejo. Sou eu. E eu consigo, e aí fica legal, porque eu consigo transitar pelos dois universos agora com tranquilidade. Mas isso já foi um problema.
2	n/c ¹⁹
3	n/c
4	<p>Como [meus pais] já eram brasileiros, a gente teve muito pouco contato com a cultura. E até foi bom. No ano passado eu fui lá para Okinawa, foi bem interessante que tem o festival dos okinawanos, a cada cinco anos. [Fui] para o festival com mais duas primas. E foi muito interessante resgatar aquela questão da crise de identidade.</p> <p>Eu me senti conectada, porque o okinawano é um povo muito afetivo. Eles são bem emocionais.</p> <p>Tinha momentos em que eu me sentia muito brasileira para os japoneses e eu era muito japonesa para os brasileiros. É onde eu estou quanto à identidade. Então essa viagem para Okinawa foi mesmo o resgate das origens. A gente foi na casa dos tios, tinha até uma prima do meu pai. Então, foi bem bacana. Receberam a gente, e eu vi o quanto eles são amorosos. Aí me identifiquei com o jeito de ser deles.</p> <p>Eu sou assim, eu sou isso, né. Porque eu sentia que o japonês do Japão era um tanto frio, distante. Não é que eles não sentem. Parece que a demonstração é muito bloqueada. Em Okinawa, o pessoal é muito efusivo. Tem lá nesse festival, na avenida principal, o desfile de início, de abertura do festival. É a coisa mais emocionante, porque lá tem muito idoso e eles também vão. Vai praticamente a ilha toda, a população toda lá em volta da avenida, e a gente desfilando. Então vai tudo por delegação, que nem as Olimpíadas. Foi super bacana, acho que tinha uns cinco mil brasileiros na delegação do Brasil. E todos de uniforme. Foi muito bonito, e cada país tem sua delegação. Praticamente toda a população estava lá em volta, com bandeirinha, aplaudindo a gente. É a coisa mais emocionante, nunca vi uma coisa daquelas. Então, eles estavam recepcionando a gente porque somos a população que imigrou para outros países do mundo para sobreviver e estava retornando. Visitando suas origens. Então é muito emocionante. Teve o desfile e a avenida lotada, e é toda cheia de lojas. E as lojas todas abertas, e todo mundo sai na rua para ver o desfile. É uma festa linda.</p>

¹⁹ n/c = utilizamos esta notação para indicar que o participante não se manifestou sobre a questão.

	Então eu me identifiquei com aquele povo. E eu falei: "essa é a minha origem, aí eu me reconheço, tem muito mais a ver com essa questão emocional do brasileiro", sabe? Então, para mim, foi uma viagem de resgate, resgate da identidade.
5	É, eu acho que o japonês, depois que amadurece, ele tem condições de conviver numa sociedade não oriental. Pelo menos, acho que essa é a minha experiência.
6	n/c
7	n/c
8	n/c
9	n/c
10	n/c
11	n/c
12	<p>Ah, a gente sempre fica incomodado, porque nós somos japoneses aqui no Brasil e quando a gente vai para o Japão somos <i>gaijin</i>, né? Não sabe <i>nihongo</i> e não sabe o alfabeto. Então, essas perguntas que você faz, o <i>dekasegui</i> sabe responder muito melhor, porque acabou perdendo a identidade. Porque no Brasil ele não é brasileiro, o pessoal chama de japonês, e no Japão os japoneses o chamam de <i>gaijin</i>. É meio complicado mesmo, realmente é muito difícil conviver com isso. Mas eu acabei absorvendo bem. Meu próprio jeito de ser de conseguir conversar com as pessoas, né? Assimilar, desconsiderar, ignorar as pessoas que acabam te criticando. E eu acabei deixando passar, sempre esqueci, não ligava e ignorava. Por isso eu consegui viver melhor desse jeito, né?</p> <p>Eu estou aprendendo muito com o okinawano. A tradição okinawana de manter a cultura é muito mais enraizada, muito mais forte do que a própria tradição japonesa. A gente vê que a tradição japonesa está morrendo. Enquanto isso o okinawano mantém até o dialeto vivo. Então, hoje eu pertencço muito mais a cultura okinawana porque eu participo ativamente. Sempre estou ajudando, colaborando com eles, e eu percebi que a cultura japonesa acaba morrendo. Como Okinawa sofreu demais devido à Segunda Guerra, então eles sentem que é uma alegria estar vivo. Hoje se você pode comer um grãozinho de arroz é uma forma de agradecer, porque você tem esse grão de arroz. Porque no passado eles passaram muita fome, sofreram muito.</p>
13	Ah, eu falo que eu sou descendente de japonês. Aí falam: "vai jogar Brasil e Japão, para quem você torce?" Eu torço para o Brasil, porque aqui eu fiz minha vida e aqui... eu sou descendente. Eu gosto dos japoneses, mas eu torço para o Brasil porque é aqui que eu fiz minha família e é aqui que eu nasci.
14	n/c
15	Eu estou no meio do caminho, porque, por exemplo, eu não chego dentro de um grupo de japoneses e falo: "Ah, estou em casa!" Também não me sinto totalmente inserido, principalmente do ponto de vista profissional-artístico, no meio artístico brasileiro: "Eu

	estou no Brasil”. Não. Eu tenho problemas para resolver com relação à sociedade brasileira. Eu tenho algumas questões que eu preciso reconsiderar da cultura oriental. Eu realmente estou no umbral, vamos dizer assim. Essa transição que em algum momento me deixa desconfortável, porque não existe ponto de apoio, você é obrigado a ficar equilibrado. Mas essa tensão é que move pra frente. De eu conhecer mais a cultura ocidental e de resgatar as culturas.
16	n/c
17	n/c
18	n/c
19	n/c
20	<p>Eu me conscientizei de que todas as suas culturas têm as suas deficiências. Então eu aceito a cultura japonesa, mas eu tenho plena consciência das deficiências dela também. Que é essa coisa do orgulho besta. Pisotear [pelos costas] e na frente ser polido.</p> <p>Eu acho que as duas [culturas] têm as coisas boas e as coisas ruins. A brasileira tem a amabilidade, tem o bem-querer, e a disposição, ela demonstra mais. Mas eu gosto muito da arte, da cultura, da questão de como conduz a educação japonesa. Do comprometimento. Eu acho o japonês bem comprometido, quando ele se propõe a fazer alguma coisa. Mas eu gosto muito da amabilidade, do jogo de cintura brasileiro. Isso eu gosto. Eu agradeço a Deus de ter nascido aqui no Brasil. Talvez no Japão não me adaptasse. Não sei.</p>
21	n/c
22	<p>Eu gosto muito do povo brasileiro, gosto do Brasil, gosto da cultura brasileira. E também gosto da cultura japonesa, me identifico também com a cultura japonesa. Então, não sei que lado que me puxa mais. É nesse intermediário. E me sinto confortável desse jeito.</p> <p>É, porque hoje realmente eu navego bem dos dois lados. Então, se eu for para uma reunião que só tem japonês, tudo bem. Como, às vezes... Onde eu fui que tinha bastante japonês? Sei lá, numa feira. Tem aquele bando de japonês, tudo bem. Assim como se eu for comer acarajé, em algum lugar, naquela casa do nordeste também, para mim também está tudo bem.</p>
23	n/c
24	<p>Eu nunca me questioneei sobre isso... só depois, quando cresci um pouco mais, que comecei a perceber que tinha algumas coisas que eu tentava meio que negar da minha origem oriental.</p> <p>As pessoas me perguntavam se eu falava japonês. Eu respondia que não, mas falava com um certo orgulho. Porque... depois que eu percebi isso... porque eu não sou japonesa! Eu nasci aqui, eu sou brasileira. Por que ficam me perguntando se eu falo japonês? Mas era engraçado, porque algumas vezes os orientais, os japoneses, os descendentes... me perguntavam em japonês e eu não sabia responder... Então, nessas horas, eu sentia um pouco de vergonha de não saber falar... Para os que não eram orientais e que me perguntavam, eu falava que não, como se dissesse: “eu sou igual a você!” Mas só fui perceber isso depois. Então, até hoje, se algum</p>

	<p>oriental vem e fala alguma coisa em japonês, eu ainda tenho vergonha de falar que “não entendi”. Talvez um pouco menos, mas ainda tenho. Acho que por muito tempo, eu não percebia que o fato de eu ser de origem japonesa me incomodava.</p> <p>Hoje em dia, eu vejo que tanto na família da minha mãe quanto do meu pai, com exceção da minha mãe e da minha tia mais velha, todos se casaram ou se relacionaram com não descendentes de japonês. Me dá a impressão que é uma tentativa de... negar ou de se adaptar. Seja lá o que for, porque tinha um incômodo, não sei.</p> <p>Na verdade eu só fui ver que perdi a oportunidade, justamente nessa fase da faculdade. Até porque eu acho que também tem a ver com o social. Nessa época, acho que foi uma época de valorização da cultura japonesa aqui no Brasil. “Poxa vida, eu perdi a chance de poder falar japonês ou pelo menos entender o japonês”. Porque primeiro, tinha a relação com o meu avô, que era uma coisa muito difícil, segundo que eu não queria ter sotaque, porque o sotaque era motivo de zombaria.</p>
25	<p>A gente teve uma vida muito separada da colônia japonesa, foi uma coisa intencional [dos meus pais] e que eu acho que me salvou.</p> <p>Eu e os meus irmãos, estudamos em escolas tradicionais de brasileiros e não de japoneses. Então nós fomos a vida inteira o primeiro e único japoneses da escola, ou só muito mais tarde, quando eu entrei no colegial que eu deixei de ser a única japonesa da escola.</p> <p>Por exemplo, tive um período na minha vida que fiquei doente, estava com hepatite. Então fiquei de cama muito tempo e o que eu podia fazer era ler. E li o Xogum, e foi quando eu punha um disco lindo do Jean Pierre Rampal que se chama Melodias Japonesas.</p> <p>Esse período foi muito transformador, porque foi uma coisa de um contato que eu tive com a cultura [japonesa]. E eu senti como se tivesse resgatado dentro de mim, uma coisa do Japão que foi muito importante. Porque daí eu tive vontade de aprender mais da língua, sabe? A minha mãe sempre me passou como era bonita a cerimônia do chá, <i>ikebana</i>, enfim, esses princípios e valores. Mas nesse período, foi uma coisa que me disparou um negócio... eu me matriculei na Sociedade Cultural, no <i>Bunka</i> que tinha aqui em Pinheiros, para fazer japonês. Fiz por um tempo, aí depois fui fazer <i>aikidô</i>. E aí acho que resgatei um pouco isso. E tem um encantamento sabe? Eu tinha vontade de voltar a fazer <i>kendô</i>, que eu acho lindo o negócio de espada, tem a espada, tem a saia, e tem toda a roupa e tal. Mas comecei a entrar muito no trabalho e nunca mais... E também montei um altar budista, sabe?</p> <p>Eu acho que o que eu desenvolvi com esse negócio de pertencimento nas culturas, é uma forma de me ajustar bem e relevar algumas coisas e levar na brincadeira, entendeu? Quero dizer, esse é “o” lugar. Então eu sinto que eu descubro um jeito de caber.</p> <p>Tem horas que eu sou capaz de fazer uma coisa dessas porque estou muito no meu lugar. Em outras tantas situações, eu sinto que não estou no meu lugar. Então, eu cavo um espaço que tenho certeza que sou dona daquele pedaço, sou merecedora, posso me sentir à vontade de fazer isso. Não sou capaz de fazer isso fora dali. Então, não é que eu sou assim, entendeu? Eu acho um nicho para funcionar desse jeito.</p>

26	n/c
27	Pelo tempo de vida, [me sinto mais inserido] na cultura brasileira. Porém sempre questionando. Não do jeito que está aqui: “onde é que estou? O que estou fazendo?” Não. No sentido de que tem certas coisas que eu trago da cultura japonesa e que eu acho estranho na cultura, no modo de vida brasileiro.
28	n/c
29	<p>Você sabe como japoneses são conservadores... a gente cresceu, foi pra escola japonesa. Aprendeu japonês, que foi a primeira língua... era como se fosse a minha cultura na época, né. Mas quando a gente entra pro ginásio (atual fundamental 2), já começa a discernir um pouco, a separar um pouco as coisas... que tinha duas escolas, que tinha a escola japonesa... e o grupo escolar (atual fundamental 1). Depois, a japonesa e o ginásio (fundamental 2), mas acho que eu vivi uns 15 anos frequentando aquele <i>Kai</i>... de japoneses e tal... enfim, eu não sei te falar, porque acho que a gente não separa muito... não vai separando muito. Talvez no colégio (atual ensino médio), que eu comecei a viver mais a turma, que eu parei de andar um pouco com o pessoal lá do <i>nihongakko</i>.</p> <p>Eu acho que estou bem dos dois lados, viu? É... Nunca me senti mal de ser oriental, e eu nunca me senti mal de ser muito ocidentalizada... eu sempre me senti muito ocidentalizada... Às vezes, eu me sinto um pouquinho mal entre os japoneses, de eu ser assim... entre os japoneses... talvez os da minha idade mesmo... às vezes eu sinto uma certa cobrança de eu ser um pouquinho mais... mais <i>nihonjin</i>, sabe? Eu acho que as pessoas estranham um pouco o fato de eu ser tão ocidentalizada.</p> <p>Eu gostaria agora, por exemplo, de voltar a estudar japonês, sabe? Mas porque eu peguei várias coisas lá em casa [de meus pais]... estava olhando... acho que é uma coisa que eu já aprendi uma vez na vida... e eu acho interessante... pode ser que seja interessante, voltar a estudar japonês...</p>
30	n/c
31	n/c

APÊNDICE J - ENTREVISTADOS

PARTICIPANTE	GERAÇÃO	SEXO	EST.CIVIL	PARCEIRO	FILHOS
1	Sansei	Masc	Separado	Ñ desc	Sim
2	Sansei	Fem	Divorciada	Desc	Não
3	Nissei	Fem	Casada	Desc	Sim
4	Sansei	Fem	Divorciada	Desc	Sim
5	Sansei	Fem	Casada	Desc	Sim
6	Nissei	Masc	Divorciado	Desc	Sim
7	Nissei	Masc	Separado	Desc	Sim
8	Nissei	Masc	Casado2	Ñ desc	Sim
9	Sansei	Fem	Casada2	Ñ desc	Não
10	Sansei	Fem	Divorciada	Desc	Sim
11	Sansei	Fem	Divorciada	Desc	Sim
12	Sansei	Masc	Casado	Desc	Sim
13	Nissei	Fem	Casada	Desc	Sim
14	Sansei	Fem	Casada	Desc	Sim
15	Nissei	Masc	UniãoEstável	Desc	Não
16	Sansei	Fem	Solteira	n/c	Não
17	Nissei	Fem	Casada2	Ñ desc	Sim
18	Nissei	Fem	Casada	Desc	Sim
19	Nissei	Fem	Divorciada	Desc	Sim
20	Nissei	Fem	Casada	Desc	Não
21	Nissei	Fem	UniãoEstável	Ñ desc	Não
22	Sansei	Fem	Casada	Desc	Sim
23	Sansei	Masc	Separado	Ñ desc	Sim
24	Sansei	Fem	Casada	Ñ desc	Sim
25	Sansei	Fem	Separada	Ñ desc	Sim
26	Nissei	Masc	Casado	Ñ desc	Sim
27	Nissei	Masc	Solteiro	Desc	Não
28	Nissei	Fem	Casada	Desc	Sim
29	Sansei	Fem	Casada	Ñ desc	Não
30	Sansei	Fem	Solteira	n/c	Não
31	Sansei	Fem	Casada	Desc	Sim

Legenda:

Fem = Feminino; Masc = Masculino

Casado(a)2 = Segundo casamento

Desc = Descendente Ñ desc = Não descendente n/c = não tem relacionamento atual

ANEXO A

Inventário de Avaliação do Sentimento de Pertencimento

(Monteiro, & Maia, 2009, adaptado de Hagerty et al., 1996)

Instruções:

A seguir, encontrará algumas afirmações com as quais poderá concordar ou não. Não há respostas certas nem erradas. Responda de acordo com a sua própria sensibilidade em relação a si mesmo(a), colocando um X numa das opções fornecidas para cada uma das afirmações.

Afirmação	Discordo totalmente	Não concordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.					
2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.					
3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.					
4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.					
5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.					
6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.					
7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.					
8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.					
9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.					
10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.					
11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.					
12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.					
13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.					
14. Sinto-me excluído(a) das coisas.					
15. Não sou valorizado(a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.					
16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.					
17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.					

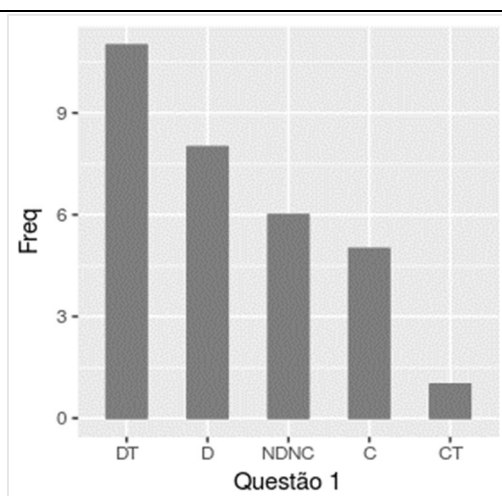
ANEXO B – ANÁLISE QUANTITATIVA

1. Análise descritiva das respostas do questionário

A seguir, análise descritiva de cada uma das questões do questionário.

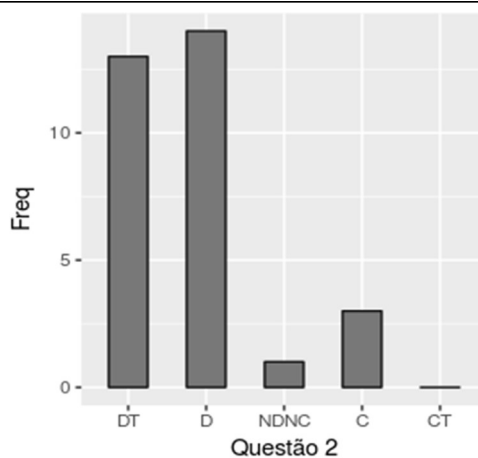
Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	11	8	6	5	1
Porcentagem	35	26	19	16	3



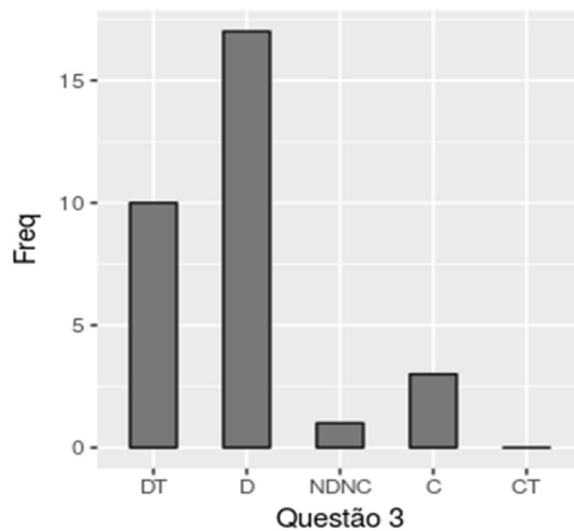
Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	13	14	1	3	0
Porcentagem	42	45	3	10	0



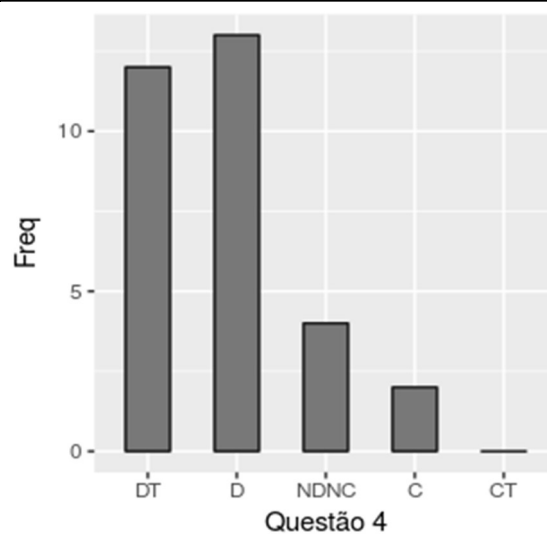
Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	10	17	1	3	0
Porcentagem	32	55	3	10	0



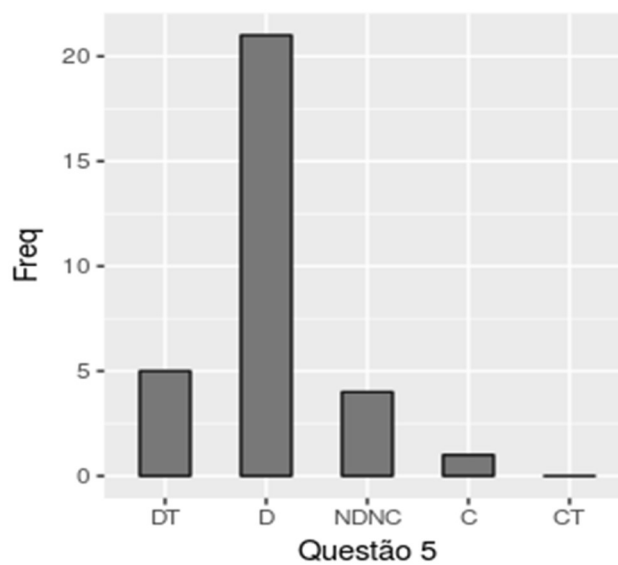
Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	12	13	4	2	0
Porcentagem	39	42	13	6	0



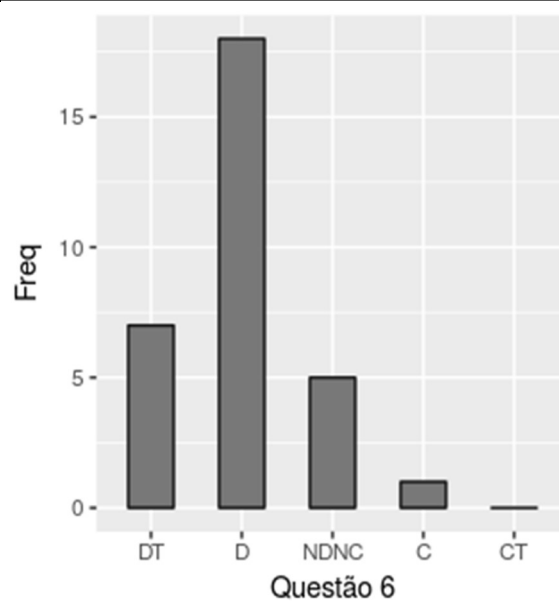
Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	5	21	4	1	0
Porcentagem	16	68	13	3	0



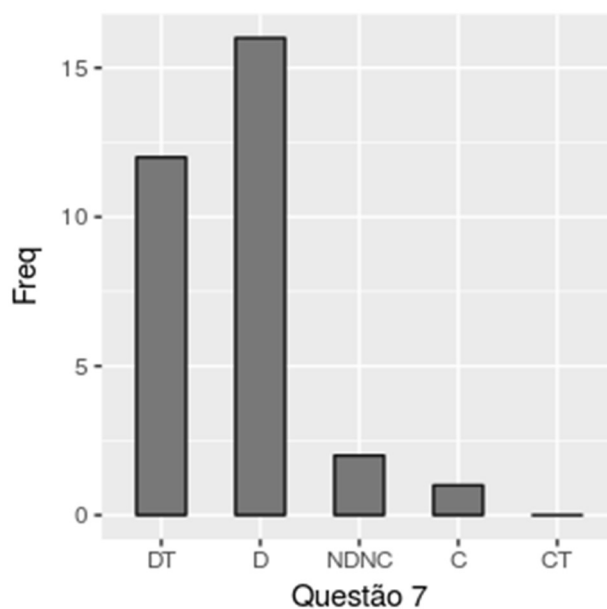
Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	7	18	5	1	0
Porcentagem	23	58	16	3	0



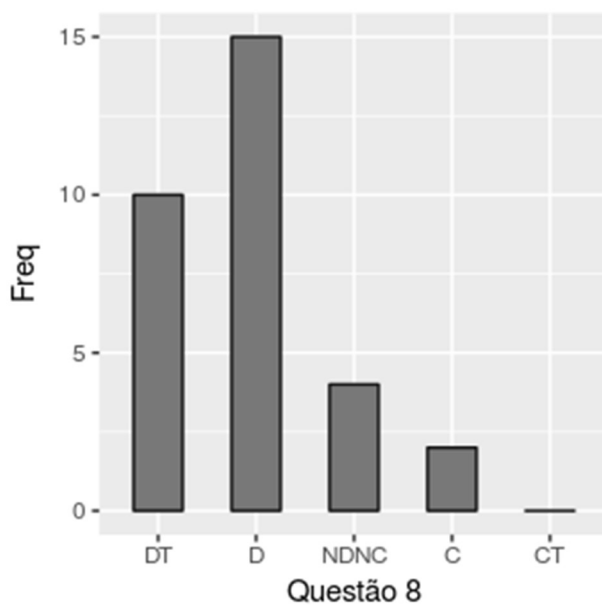
Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	12	16	2	1	0
Porcentagem	39	52	6	3	0



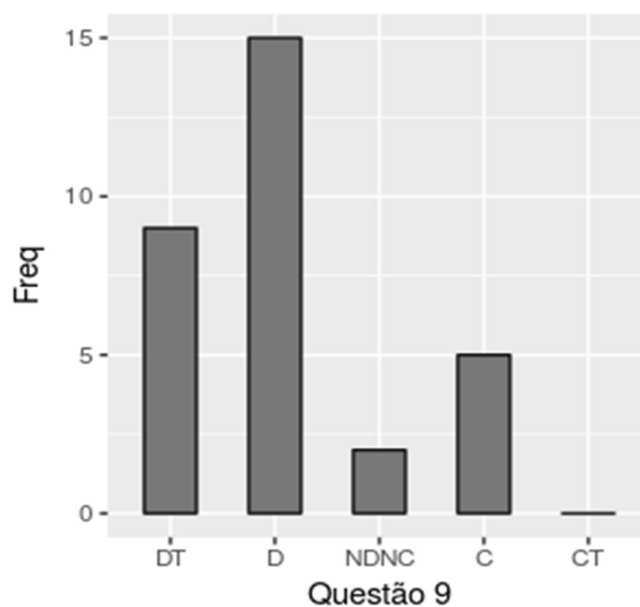
Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	10	15	4	2	0
Porcentagem	32	48	13	6	0



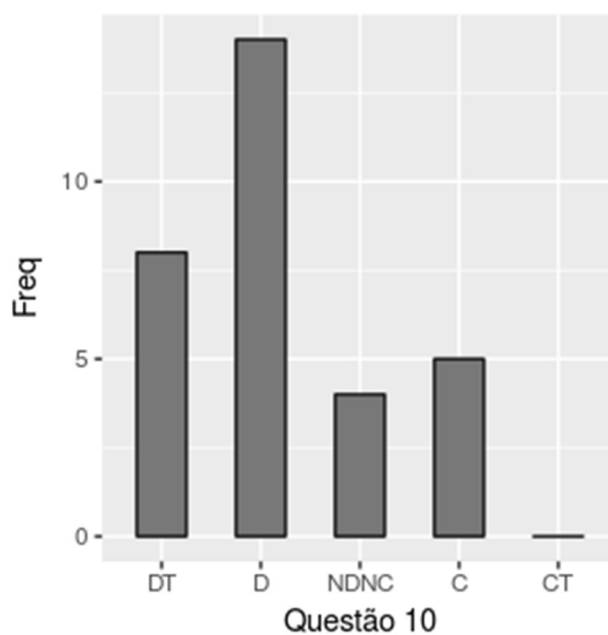
Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	9	15	2	5	0
Porcentagem	29	48	6	16	0



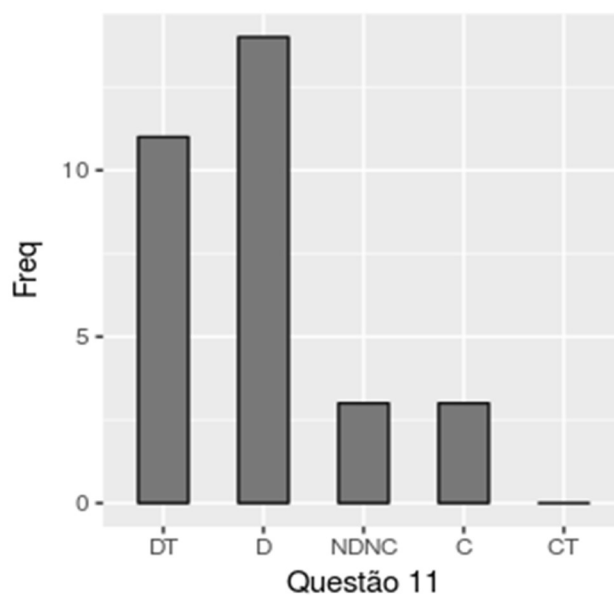
Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concorda	Concorda Totalmente
Núm.Respostas	8	14	4	5	0
Porcentagem	26	45	13	16	0



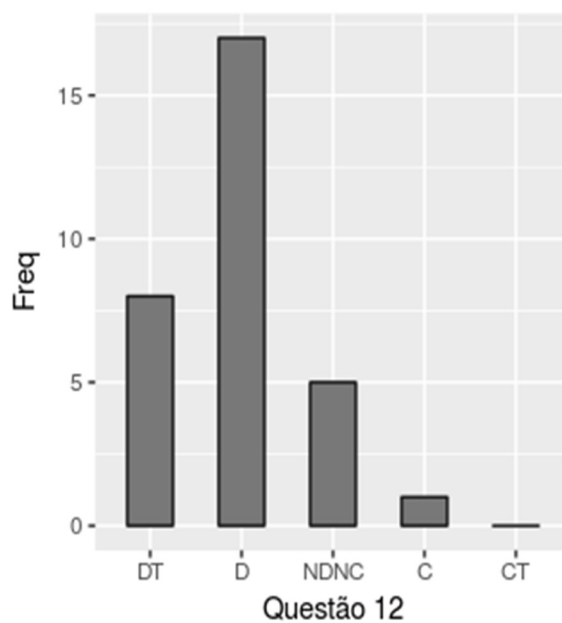
Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	11	14	3	3	0
Porcentagem	35	45	10	10	0



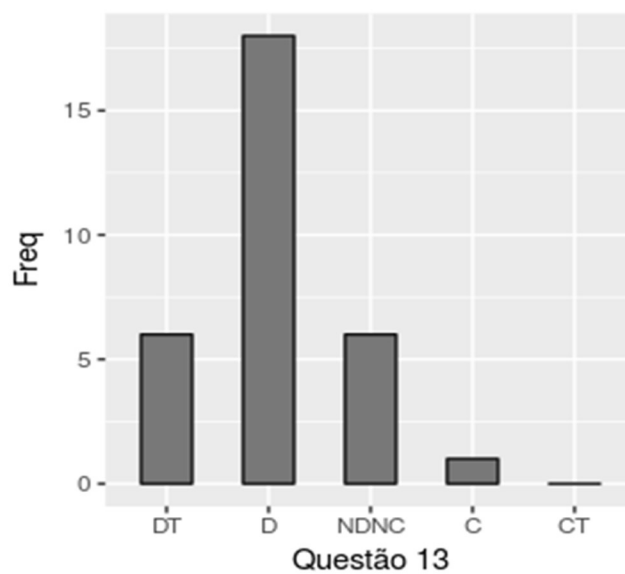
Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	8	17	5	1	0
Porcentagem	26	55	16	3	0



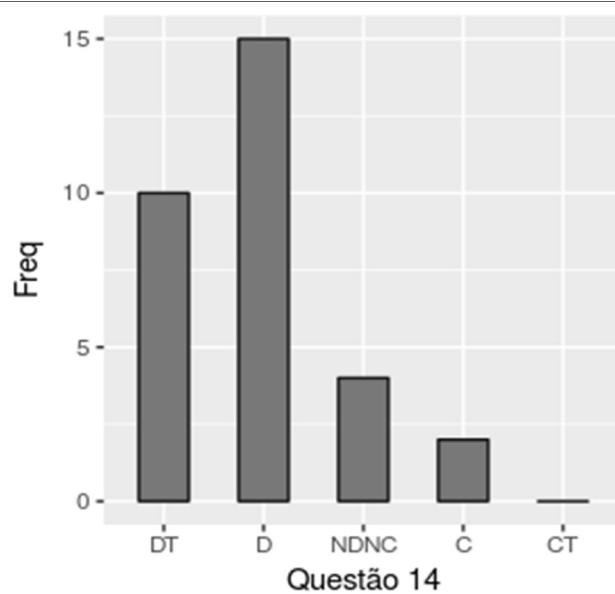
Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	6	18	6	1	0
Porcentagem	19	58	19	3	0



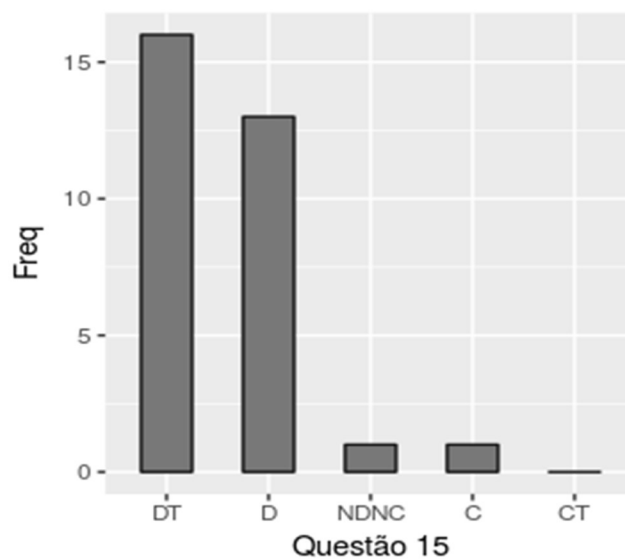
Questão 14. Sinto-me excluído (a) das coisas.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	10	15	4	2	0
Porcentagem	32	48	13	6	0



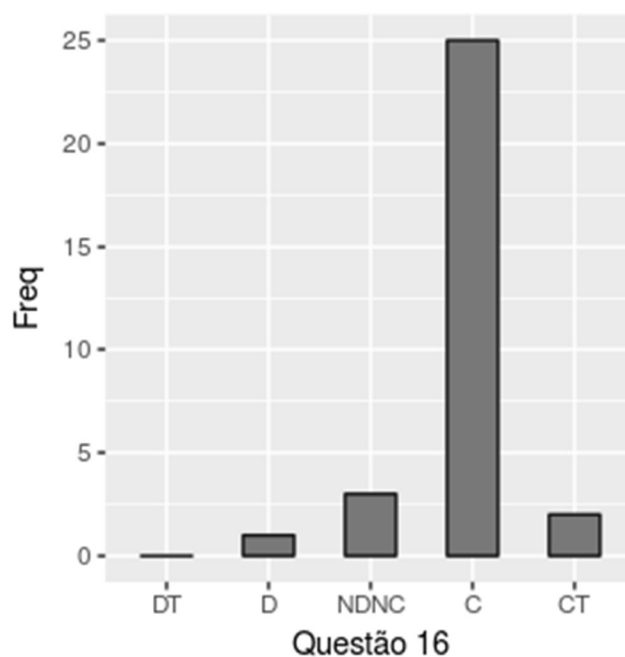
Questão 15. Não sou valorizado (a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	16	13	1	1	0
Porcentagem	52	42	3	3	0



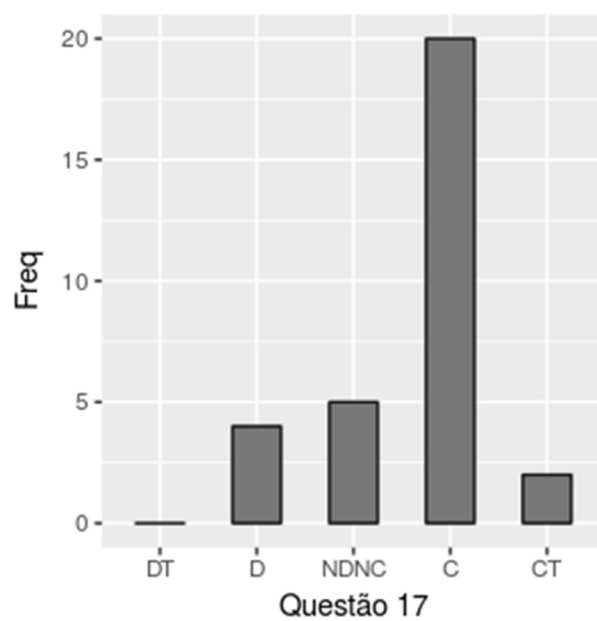
Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	0	1	3	25	2
Porcentagem	0	3	10	81	6



Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

	Discorda Totalmente	Discorda	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Núm.Respostas	0	4	5	20	2
Porcentagem	0	13	16	65	6



2. Avaliação do efeito da Geração e Parceiro Nipo-descendente nas respostas do questionário

Nesta seção são apresentadas tabelas descrevendo a frequência de cada uma das respostas (categorias da escala Likert) segundo Geração e Parceiro nipo-descendente. As tabelas fornecem as frequências absolutas e correspondentes frequência relativas (dentro de cada categoria de Geração ou Parceiro nipo-descendente). Abaixo de cada tabela apresentamos o teste exato de Fisher [Agresti, 1992], cujo objetivo é testar a hipótese de que as distribuições de frequência para as categorias de respostas da escala Likert são as mesmas em cada nível do fator Geração e em cada nível do fator Parceiro nipo-descendente.

2.1. Efeito da Geração

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

Geração	DT	D	ND/NC	C	CT	Total
Nissei	5 0.385	4 0.308	2 0.154	1 0.077	1 0.077	13 0.419
Sansei	6 0.333	4 0.222	4 0.222	4 0.222	0 0.000	18 0.581
Total	11	8	6	5	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.6843887

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	4 0.308	8 0.615	0 0.000	1 0.077	13 0.419
Sansei	9 0.500	6 0.333	1 0.056	2 0.111	18 0.581
Total	13	14	1	3	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.4896006

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	3	9	0	1	13
	0.231	0.692	0.000	0.077	0.419
Sansei	7	8	1	2	18
	0.389	0.444	0.056	0.111	0.581
Total	10	17	1	3	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.6449266

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	5	7	0	1	13
	0.385	0.538	0.000	0.077	0.419
Sansei	7	6	4	1	18
	0.389	0.333	0.222	0.056	0.581
Total	12	13	4	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.3007519

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	2	10	1	0	13
	0.154	0.769	0.077	0.000	0.419
Sansei	3	11	3	1	18
	0.167	0.611	0.167	0.056	0.581
Total	5	21	4	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.9144944

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	1	12	0	0	13
	0.077	0.923	0.000	0.000	0.419
Sansei	6	6	5	1	18
	0.333	0.333	0.278	0.056	0.581
Total	7	18	5	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.005628983

Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	5	8	0	0	13
	0.385	0.615	0.000	0.000	0.419
Sansei	7	8	2	1	18
	0.389	0.444	0.111	0.056	0.581
Total	12	16	2	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.6109543

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	4	9	0	0	13
	0.308	0.692	0.000	0.000	0.419
Sansei	6	6	4	2	18
	0.333	0.333	0.222	0.111	0.581
Total	10	15	4	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.0920179

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	3	7	1	2	13
	0.231	0.538	0.077	0.154	0.419
Sansei	6	8	1	3	18
	0.333	0.444	0.056	0.167	0.581
Total	9	15	2	5	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.9388489

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	1	9	2	1	13
	0.077	0.692	0.154	0.077	0.419
Sansei	7	5	2	4	18
	0.389	0.278	0.111	0.222	0.581

Total	8	14	4	5	31
-------	---	----	---	---	----

Valor-p para o teste exato de Fisher
 $p = 0.07369438$

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	6 0.462	6 0.462	0 0.000	1 0.077	13 0.419
Sansei	5 0.278	8 0.444	3 0.167	2 0.111	18 0.581
Total	11	14	3	3	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
 $p = 0.5148597$

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	2 0.154	9 0.692	1 0.077	1 0.077	13 0.419
Sansei	6 0.333	8 0.444	4 0.222	0 0.000	18 0.581
Total	8	17	5	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
 $p = 0.2308993$

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	2 0.154	9 0.692	2 0.154	0 0.000	13 0.419
Sansei	4 0.222	9 0.500	4 0.222	1 0.056	18 0.581
Total	6	18	6	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
 $p = 0.8109875$

Questão 14. Sinto-me excluído(a) das coisas.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	5	6	1	1	13
	0.385	0.462	0.077	0.077	0.419
Sansei	5	9	3	1	18
	0.278	0.500	0.167	0.056	0.581
Total	10	15	4	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.8864337

Questão 15. Não sou valorizado(a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

Geração	DT	D	ND/NC	C	Total
Nissei	7	5	1	0	13
	0.538	0.385	0.077	0.000	0.419
Sansei	9	8	0	1	18
	0.500	0.444	0.000	0.056	0.581
Total	16	13	1	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.824513

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

Geracao	D	ND/NC	C	CT	Total
Nissei	0	1	11	1	13
	0.000	0.077	0.846	0.077	0.419
Sansei	1	2	14	1	18
	0.056	0.111	0.778	0.056	0.581
Total	1	3	25	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 1

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

Geracao	D	ND/NC	C	CT	Total
Nissei	2	0	11	0	13
	0.154	0.000	0.846	0.000	0.419
Sansei	2	5	9	2	18
	0.111	0.278	0.500	0.111	0.581
Total	4	5	20	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.08423779

Resumo dos testes exatos de Fisher para comparação da resposta às questões segundo Geração

Questão	Valor-p	Obs.
1	0.684	
2	0.490	
3	0.645	
4	0.301	
5	0.914	
6	0.006	**
7	0.611	
8	0.092	*
9	0.939	
10	0.074	*
11	0.515	
12	0.231	
13	0.811	
14	0.886	
15	0.825	
16	1.000	
17	0.084	*

* : significante a 10%

** : significante a 5%

2.2. Efeito de Parceiro Nipo-descendente do respondente

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	CT	Total
Não	4 0.333	3 0.250	3 0.250	2 0.167	0 0.000	12 0.387
Sim	7 0.368	5 0.263	3 0.158	3 0.158	1 0.053	19 0.613
Total	11	8	6	5	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.9725001

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	7 0.583	4 0.333	0 0.000	1 0.083	12 0.387
Sim	6 0.316	10 0.526	1 0.053	2 0.105	19 0.613
Total	13	14	1	3	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.591804

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	5 0.417	6 0.500	1 0.083	0 0.000	12 0.387
Sim	5 0.263	11 0.579	0 0.000	3 0.158	19 0.613
Total	10	17	1	3	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.2524083

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	3 0.250	6 0.500	2 0.167	1 0.083	12 0.387
Sim	9 0.474	7 0.368	2 0.105	1 0.053	19 0.613
Total	12	13	4	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.602605

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	2 0.167	7 0.583	3 0.250	0 0.000	12 0.387
Sim	3 0.158	14 0.737	1 0.053	1 0.053	19 0.613
Total	5	21	4	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.4185472

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	2 0.167	6 0.500	3 0.250	1 0.083	12 0.387
Sim	5 0.263	12 0.632	2 0.105	0 0.000	19 0.613
Total	7	18	5	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.4211926

Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	4 0.333	6 0.500	1 0.083	1 0.083	12 0.387
Sim	8 0.421	10 0.526	1 0.053	0 0.000	19 0.613
Total	12	16	2	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.7084562

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	4 0.333	3 0.250	3 0.250	2 0.167	12 0.387
Sim	6 0.316	12 0.632	1 0.053	0 0.000	19 0.613
Total	10	15	4	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.05431248

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	3 0.250	7 0.583	0 0.000	2 0.167	12 0.387
Sim	6 0.316	8 0.421	2 0.105	3 0.158	19 0.613
Total	9	15	2	5	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.7974174

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	3 0.250	4 0.333	2 0.167	3 0.250	12 0.387
Sim	5 0.263	10 0.526	2 0.105	2 0.105	19 0.613
Total	8	14	4	5	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.6178169

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	3 0.250	6 0.500	1 0.083	2 0.167	12 0.387
Sim	8 0.421	8 0.421	2 0.105	1 0.053	19 0.613
Total	11	14	3	3	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.7574299

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	2 0.167	8 0.667	2 0.167	0 0.000	12 0.387
Sim	6 0.316	9 0.474	3 0.158	1 0.053	19 0.613
Total	8	17	5	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.7632152

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	2 0.167	6 0.500	3 0.250	1 0.083	12 0.387
Sim	4 0.211	12 0.632	3 0.158	0 0.000	19 0.613
Total	6	18	6	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.691569

Questão 14. Sinto-me excluído (a) das coisas.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	4 0.333	6 0.500	1 0.083	1 0.083	12 0.387
Sim	6 0.316	9 0.474	3 0.158	1 0.053	19 0.613
Total	10	15	4	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 1

Questão 15. Não sou valorizado (a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

Parceiro Nipo	DT	D	ND/NC	C	Total
Não	7 0.583	4 0.333	0 0.000	1 0.083	12 0.387
Sim	9 0.474	9 0.474	1 0.053	0 0.000	19 0.613
Total	16	13	1	1	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.5870222

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

Parceiro Nipo	D	ND/NC	C	CT	Total
Não	0 0.000	2 0.167	9 0.750	1 0.083	12 0.387
Sim	1 0.053	1 0.053	16 0.842	1 0.053	19 0.613
Total	1	3	25	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.7662653

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

Parceiro Nipo	D	ND/NC	C	CT	Total
Não	0	4	8	0	12
	0.000	0.333	0.667	0.000	0.387
Sim	4	1	12	2	19
	0.211	0.053	0.632	0.105	0.613
Total	4	5	20	2	31

Valor-p para o teste exato de Fisher
p = 0.04572532

Resumo do teste exato de Fisher para comparação da resposta às questões segundo Parceiro Nipo-Descendente

Questão	Valor-p	Obs.
1	0.973	
2	0.592	
3	0.252	
4	0.603	
5	0.419	
6	0.421	
7	0.708	
8	0.054	*
9	0.797	
10	0.618	
11	0.757	
12	0.763	
13	0.692	
14	1.000	
15	0.587	
16	0.766	
17	0.046	**

* : significante a 10%

** : significante a 5%

3. Regressão logística para avaliar efeitos de geração e parceiro nipo-descendente

Nesta seção consideramos as respostas do questionário interpretadas da seguinte forma:

- Respostas 3,4 e 5 indicando *Pertença*
- Respostas 1 e 2 indicando *Não Pertença*

Para cada questão foram ajustados modelo de regressão logística [Hosmer and Lemeshow, 2013] que procuraram averiguar se a *chance de pertença* é influenciada pela **geração** do respondente ou pelo fato de o parceiro ser ou não **nipo-descendente**.

As questões 16 e 17 tiveram os escores invertidos com a finalidade de manter a definição de pertença coerente segundo o esquema anterior.

Os modelos, ajustados para cada questão separadamente, incluíram a **Idade** como variável de controle, que foi mantida no modelo independentemente de sua significância estatística.

Na tabela a seguir encontram-se os valores-p para avaliação do efeito de Geração para cada questão. Maiores detalhes do ajuste estão apresentados no Apêndice A.

Questão	Valor-p
1	0.594
2	0.384
3	0.384
4	0.228
5	0.298
6	0.995
7	0.995
8	0.995
9	0.916
10	0.487
11	0.210
12	0.397
13	0.734
14	0.325
15	0.951
16	0.309
17	0.182

Não foi observado efeito estatisticamente significativo de Geração para nenhuma das 17 questões.

Consideramos o mesmo tipo de modelagem para avaliar o efeito **de parceiro nipo-descendente**. A tabela a seguir contém os valores-p resultantes do ajuste. Maiores detalhes são apresentados no Apêndice B.

Questão	Valor-p	Obs.
1	0.805	
2	0.555	
3	0.555	
4	0.542	
5	0.302	
6	0.137	
7	0.321	
8	0.031	**
9	0.532	
10	0.224	
11	0.540	
12	0.775	
13	0.272	
14	0.776	
15	0.728	
16	0.612	
17	0.685	

** : significativa a 5%

Observa-se da tabela que, para a Questão 8, o efeito de parceiro nipo-descendente se mostra estatisticamente significativo na chance de pertença. Do Apêndice B obtemos uma estimativa desse efeito, igual a -2.557. A interpretação é mais intuitiva se considerarmos a razão de chances comparando dois indivíduos, de mesma idade e sexo, sendo um deles com parceiro nipo-descendente e outro sem essa característica. A estimativa da razão de chances é $e^{-2.557} = 0.08$ [com IC(95%) = (0.01, 0.79)], isto é, considerando a questão 8, podemos afirmar que a chance de pertença do indivíduo com parceiro(a) nipo-descendente é 8% da chance de pertença do indivíduo sem parceiro(a) nipo-descendente. Note que o intervalo de confiança apresentado é bastante amplo, devido ao baixo tamanho da amostra e, portanto, essa conclusão deve ser vista com cautela.

Com a finalidade de explorar possíveis efeitos de interação (quando o efeito de uma variável se comporta de forma distinta dependendo do nível de outra variável) foram ajustados modelos de regressão logística para cada questão, sempre controlando por Idade, considerando a interação entre **Geração** e **Parceiro nipo-descendente** (Apêndice C), **Sexo** e **Parceiro nipo-descendente** (Apêndice D) e **Sexo** e **Geração** (Apêndice E). Não foram encontradas evidências estatísticas de efeitos de interação em nenhum dos casos, para nenhuma das questões.

4. Avaliação do efeito de geração e parceiro nipo-descendente no sentimento de Pertença global

Nesta seção combinamos os escores das 17 questões através da soma dos valores observados, sendo que para as questões 16 e 17 os escores foram invertidos por coerência com a formulação das outras questões.

Inicialmente avaliamos se o escore médio para respondentes com parceiro (a) nipo-descendente é igual àquele associado com indivíduos sem parceiro (a) nipo-descendente. Utilizando-se o teste t-Student [Magalhães e Lima, 2015], obtemos um valor-p igual a 0,655, indicando que não existem diferenças estatisticamente significantes entre os dois grupos.

A mesma abordagem foi feita para avaliar os escores médios de respondentes nisseis e sanseis. O teste t-Student forneceu um valor-p igual a 0,619, indicando que não existem evidências estatísticas para afirmar que a pertença global se altera com a geração.

Finalmente, consideramos uma análise conjunta de geração e parceiro (a) nipo-descendente, controlando por Idade. Foi realizada uma análise de variância (ANOVA)[Montgomery, 2012] considerando os escores totais calculados para as 17 questões. O modelo inicialmente ajustado considerou os efeitos principais de geração, parceiro e correspondentes interações de 1ª e 2ª ordens. Todos os testes de interação mostraram que tais termos não são estatisticamente significantes (valores-p > 0,300). Detalhes são apresentados no Apêndice F.

Um modelo aditivo, sem as interações foi então ajustado resultando os valores-p da tabela a seguir:

Efeito	Valor-p
Idade	0.924
Geração	0.787
Parceiro(a)	0.731

Da tabela concluímos que o sentimento global de pertença não é afetado por nenhuma das condições consideradas, isto é, o escore médio não varia conforme a idade, a geração e o fato do respondente ter ou não parceiro (a) nipo-descendente.

5. Referências

Agresti, A. (1992). A Survey of Exact Inference for Contingency Tables. *Statistical Science*. **7**, 131–153

Hosmer, D.W. and Lemeshow, S. (2013). *Applied Logistic Regression*. 3rd ed. Hoboken: Wiley, 528p.

Magalhães, M.N. e Lima, A.C.P. (2015). *Noções de Probabilidade e Estatística*. 7ª ed, 3ª reimpr. rev. São Paulo:Edusp. 408p.

Montgomery, D.C. (2012). *Design and Analysis of Experiments*. 8th ed, New York:Wiley. 752p.

Apêndice A – Ajuste dos modelos de regressão logística para avaliação do efeito de Geração na chance de pertença

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	2.02604891	6.8055969	0.2977033	0.7659296
Idade	-0.04927028	0.1179514	-0.4177166	0.6761543
Geracao1Sansei	0.44579880	0.8357876	0.5333877	0.5937653

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-8.26571126	10.7107815	-0.7717188	0.4402810
Idade	0.09936273	0.1817962	0.5465610	0.5846804
Geracao1Sansei	1.19096095	1.3667053	0.8714102	0.3835302

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-8.26571126	10.7107815	-0.7717188	0.4402810
Idade	0.09936273	0.1817962	0.5465610	0.5846804
Geracao1Sansei	1.19096095	1.3667053	0.8714102	0.3835302

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-2.069700605	8.9333757	-0.2316818	0.8167852
Idade	-0.007201565	0.1539902	-0.0467664	0.9626994
Geracao1Sansei	1.508176380	1.2501524	1.2063940	0.2276656

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-4.67343333	9.5835484	-0.4876517	0.6257966
Idade	0.03780879	0.1640513	0.2304693	0.8177272
Geracao1Sansei	1.34830650	1.2951223	1.0410650	0.2978454

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-24.11118303	2965.3812225	-0.008130888	0.9935126
Idade	0.07836793	0.1725425	0.454195039	0.6496885
Geracao1Sansei	19.12099355	2965.3641100	0.006448110	0.9948552

Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-27.3282384	2940.4430054	-0.009293919	0.9925846
Idade	0.1333281	0.2202737	0.605283702	0.5449905
Geracao1Sansei	18.3727186	2940.4143670	0.006248343	0.9950146

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-25.8672219	2950.5572637	-0.008766894	0.9930051
Idade	0.1084425	0.1744306	0.621694229	0.5341429
Geracao1Sansei	19.2236025	2950.5395148	0.006515284	0.9948016

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-0.19019742	7.7879978	-0.02442186	0.9805161
Idade	-0.01758971	0.1347779	-0.13050883	0.8961639
Geracao1Sansei	-0.10075117	0.9549967	-0.10549897	0.9159799

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-3.63508532	7.4693736	-0.4866654	0.6264955
Idade	0.04203854	0.1283493	0.3275323	0.7432653
Geracao1Sansei	0.63900341	0.9203063	0.6943377	0.4874704

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-3.44382000	9.0061644	-0.3823848	0.7021760
Idade	0.01659669	0.1546064	0.1073480	0.9145129
Geracao1Sansei	1.57957938	1.2597293	1.2539038	0.2098770

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-10.5921479	9.3540270	-1.1323623	0.2574821
Idade	0.1524471	0.1583871	0.9624968	0.3358001
Geracao1Sansei	0.9432745	1.1126443	0.8477772	0.3965621

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	7.2113134	8.1118186	0.8889885	0.3740093
Idade	-0.1563294	0.1431454	-1.0921023	0.2747881
Geracao1Sansei	0.3419713	1.0056006	0.3400667	0.7338063

Questão 14. Sinto-me excluído (a) das coisas.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-13.695312	9.8696934	-1.3876127	0.1652550
Idade	0.205030	0.1662725	1.2330963	0.2175398
Geracao1Sansei	1.127064	1.1448687	0.9844482	0.3248952

Questão 15. Não sou valorizado (a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-10.9454145	14.7384098	-0.74264555	0.4576963
Idade	0.1449178	0.2491521	0.58164378	0.5608066
Geracao1Sansei	0.1020241	1.6728181	0.06098933	0.9513677

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-12.3330747	11.3188604	-1.0896039	0.2758877
Idade	0.1684007	0.1904404	0.8842695	0.3765507
Geracao1Sansei	1.4291181	1.4040320	1.0178672	0.3087411

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-3.29319947	7.7583612	-0.4244710	0.6712223
Idade	0.02747821	0.1332848	0.2061616	0.8366647
Geracao1Sansei	1.33683642	1.0009121	1.3356182	0.1816741

Apêndice B – Ajuste dos modelos de regressão logística para avaliação do efeito de parceiro nipo-descendente na chance de pertença

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	3.77128926	6.0091075	0.6275956	0.5302689
Idade	-0.07368364	0.1074364	-0.6858352	0.4928170
ParcNipo1Sim	-0.18825116	0.7606218	-0.2474964	0.8045241

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-3.76246539	8.7940405	-0.4278426	0.6687657
Idade	0.02438152	0.1556409	0.1566524	0.8755188
ParcNipo1Sim	0.71947964	1.2199467	0.5897632	0.5553494

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-3.76246539	8.7940405	-0.4278426	0.6687657
Idade	0.02438152	0.1556409	0.1566524	0.8755188
ParcNipo1Sim	0.71947964	1.2199467	0.5897632	0.5553494

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	3.36590747	7.4038580	0.4546153	0.6493860
Idade	-0.08033919	0.1333021	-0.6026850	0.5467183
ParcNipo1Sim	-0.56228968	0.9226362	-0.6094381	0.5422341

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	0.68478846	7.9069226	0.08660619	0.9309845
Idade	-0.03200179	0.1416443	-0.22593073	0.8212553
ParcNipo1Sim	-1.03577957	1.0026516	-1.03304031	0.3015850

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	3.80812427	7.6360213	0.4987053	0.6179870
Idade	-0.08087923	0.1371946	-0.5895221	0.5555111
ParcNipo1Sim	-1.44475163	0.9722286	-1.4860205	0.1372737

Questão 7. Sinto-me perturbado (a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-0.38651993	9.772727	-0.03955088	0.9684512

Idade	-0.02194068	0.175083	-0.12531588	0.9002735
ParcNipo1Sim	-1.27652914	1.287366	-0.99158187	0.3214015

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	3.34580109	8.0893603	0.4136052	0.67916330
Idade	-0.06604064	0.1448979	-0.4557737	0.64855275
ParcNipo1Sim	-2.55719599	1.1865240	-2.1551995	0.03114622

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-0.80777230	6.9739008	-0.1158279	0.9077889
Idade	-0.01437437	0.1244125	-0.1155381	0.9080186
ParcNipo1Sim	0.58330587	0.9342768	0.6243394	0.5324047

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-0.800100383	6.4768298	-0.1235327	0.9016853
Idade	0.008302446	0.1154906	0.0718885	0.9426906
ParcNipo1Sim	-0.987261418	0.8127260	-1.2147531	0.2244603

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	2.39055912	7.3569820	0.3249375	0.7452284
Idade	-0.06272355	0.1321884	-0.4745011	0.6351426
ParcNipo1Sim	-0.56435906	0.9204280	-0.6131485	0.5397782

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-6.58497321	7.5851559	-0.8681395	0.3853180
Idade	0.08850268	0.1333062	0.6639052	0.5067510
ParcNipo1Sim	0.27622149	0.9645635	0.2863694	0.7745952

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	8.9520686	7.5895658	1.179523	0.2381899
Idade	-0.1739241	0.1372391	-1.267308	0.2050453
ParcNipo1Sim	-0.9954167	0.9069514	-1.097541	0.2724048

Questão 14. Sinto-me excluído (a) das coisas.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-8.6427585	7.7876249	-1.1098067	0.2670823
Idade	0.1247655	0.1361856	0.9161430	0.3595919
ParcNipo1Sim	0.2758722	0.9716280	0.2839278	0.7764657

Questão 15. Não sou valorizado (a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-10.1921793	12.430290	-0.8199470	0.4122463
Idade	0.1377257	0.215991	0.6376456	0.5237044
ParcNipo1Sim	-0.5133015	1.476742	-0.3475906	0.7281477

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-5.88220784	8.7858669	-0.6695080	0.5031715
Idade	0.07607453	0.1549073	0.4910970	0.6233578
ParcNipo1Sim	-0.54827963	1.0817286	-0.5068551	0.6122565

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	1.8936260	6.3800240	0.2968055	0.7666150
Idade	-0.0464156	0.1141591	-0.4065869	0.6843114
ParcNipo1Sim	-0.3274369	0.8065089	-0.4059929	0.6847478

Apêndice C. Avaliação do efeito de interação entre geração e parceiro nipo-descendente na chance de pertença

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-31.66457157	4533.6099981	-0.006984406	0.9944273
Idade	-0.06088222	0.1245131	-0.488962555	0.6248682
Geracao	17.62264811	2266.8020732	0.007774233	0.9937971
ParcNipo1Sim	35.24844444	4533.6042101	0.007774928	0.9937966
Geracao:ParcNipo1Sim	-18.10891510	2266.8022664	-0.007988749	0.9936260

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-43.2941298	7385.3467605	-0.005862166	0.9953227
Idade	0.1339129	0.2028107	0.660285364	0.5090707
Geracao	16.8788539	3692.6679655	0.004570910	0.9963530
ParcNipo1Sim	31.8739366	7385.3359048	0.004315841	0.9965565
Geracao:ParcNipo1Sim	-15.4468745	3692.6681351	-0.004183120	0.9966624

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-43.2941298	7385.3467605	-0.005862166	0.9953227
Idade	0.1339129	0.2028107	0.660285364	0.5090707
Geracao	16.8788539	3692.6679655	0.004570910	0.9963530
ParcNipo1Sim	31.8739366	7385.3359048	0.004315841	0.9965565
Geracao:ParcNipo1Sim	-15.4468745	3692.6681351	-0.004183120	0.9966624

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-33.57207539	4567.072978	-0.007350895	0.9941349
Idade	-0.01425681	0.153829	-0.092679578	0.9261581
Geracao	16.83212843	2283.531856	0.007371094	0.9941188
ParcNipo1Sim	31.29649151	4567.064025	0.006852650	0.9945324
Geracao:ParcNipo1Sim	-15.93356494	2283.532201	-0.006977596	0.9944327

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-35.61957203	4566.2029030	-0.007800698	0.9937760
Idade	0.01935051	0.1631277	0.118621842	0.9055750
Geracao	16.92964892	2283.0961107	0.007415215	0.9940836
ParcNipo1Sim	32.12401363	4566.1925574	0.007035186	0.9943868
Geracao:ParcNipo1Sim	-16.74768399	2283.0965462	-0.007335513	0.9941472

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-42.37792942	1.237578e+04	-3.424264e-03	0.9972678

Idade	0.05653528	1.738365e-01	3.252210e-01	0.7450138
Geracao	19.51854226	6.187887e+03	3.154315e-03	0.9974832
ParcNipo1Sim	1.03800472	1.411207e+04	7.355441e-05	0.9999413
Geracao:ParcNipo1Sim	-1.01329998	7.056034e+03	-1.436076e-04	0.9998854

Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-44.7312321	1.226651e+04	-3.646615e-03	0.9970904
Idade	0.1112222	2.175583e-01	5.112296e-01	0.6091903
Geracao	18.6554310	6.133251e+03	3.041687e-03	0.9975731
ParcNipo1Sim	0.8424135	1.399530e+04	6.019259e-05	0.9999520
Geracao:ParcNipo1Sim	-0.7856384	6.997652e+03	-1.122717e-04	0.9999104

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-43.74606221	1.235403e+04	-0.0035410362	0.9971747
Idade	0.07129018	1.853196e-01	0.3846876458	0.7004688
Geracao	20.02174006	6.177012e+03	0.0032413312	0.9974138
ParcNipo1Sim	2.32602822	1.408853e+04	0.0001651009	0.9998683
Geracao:ParcNipo1Sim	-2.29365592	7.044263e+03	-0.0003256062	0.9997402

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-33.06654485	4567.0017394	-0.007240318	0.9942231
Idade	-0.01335959	0.1390125	-0.096103493	0.9234384
Geracao	16.27474395	2283.4971189	0.007127114	0.9943134
ParcNipo1Sim	33.43729037	4566.9942390	0.007321509	0.9941583
Geracao:ParcNipo1Sim	-16.72370047	2283.4973315	-0.007323722	0.9941566

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-2.85882723	8.2763214	-0.3454225	0.7297768
Idade	0.02780417	0.1289446	0.2156288	0.8292771
Geracao	0.55144239	1.4493964	0.3804635	0.7036014
ParcNipo1Sim	-0.35771768	3.1002108	-0.1153850	0.9081400
Geracao:ParcNipo1Sim	-0.32549422	1.7962017	-0.1812125	0.8562008

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-35.02279879	4567.6939555	-0.007667501	0.9938823
Idade	0.00957916	0.1550225	0.061792059	0.9507284
Geracao	16.90078104	2283.8421963	0.007400153	0.9940956
ParcNipo1Sim	31.29732448	4567.6846922	0.006851901	0.9945330
Geracao:ParcNipo1Sim	-15.92473000	2283.8425344	-0.006972779	0.9944366

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-44.4629547	4405.5310425	-0.010092530	0.9919475

Idade	0.1711088	0.1706629	1.002613014	0.3160476
Geracao	16.8458803	2202.7588667	0.007647628	0.9938981
ParcNipo1Sim	32.3745800	4405.5176498	0.007348644	0.9941367
Geracao:ParcNipo1Sim	-16.0989444	2202.7590472	-0.007308536	0.9941687

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	9.7508686	9.1412279	1.0666913	0.2861112
Idade	-0.1729620	0.1463882	-1.1815296	0.2373924
Geracao	-0.4830671	1.5138638	-0.3190955	0.7496541
ParcNipo1Sim	-2.6284791	3.5168218	-0.7474018	0.4548210
Geracao:ParcNipo1Sim	0.9713575	1.9942915	0.4870690	0.6262094

Questão 14. Sinto-me excluído(a) das coisas.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-50.436134	7073.3030107	-0.007130492	0.9943107
Idade	0.233708	0.1838011	1.271526363	0.2035415
Geracao	18.071343	3536.6465242	0.005109740	0.9959230
ParcNipo1Sim	34.419422	7073.2929450	0.004866110	0.9961174
Geracao:ParcNipo1Sim	-17.079990	3536.6466123	-0.004829431	0.9961467

Questão 15. Não sou valorizado(a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-46.5929218	2.017810e+04	-0.002309084	0.9981576
Idade	0.1225177	2.471606e-01	0.495700750	0.6201056
Geracao	18.8484280	1.008905e+04	0.001868207	0.9985094
ParcNipo1Sim	55.2058718	2.101601e+04	0.002626848	0.9979041
Geracao:ParcNipo1Sim	-36.7812529	1.167503e+04	-0.003150421	0.9974863

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-45.9061322	7315.8611857	-0.006274877	0.9949934
Idade	0.1620248	0.1965811	0.824213748	0.4098181
Geracao	17.8222290	3657.9252818	0.004872223	0.9961125
ParcNipo1Sim	33.5643291	7315.8506380	0.004587892	0.9963394
Geracao:ParcNipo1Sim	-17.1209696	3657.9255020	-0.004680513	0.9962655

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-36.41998800	4563.6871755	-0.007980387	0.9936326
Idade	0.02475709	0.1358716	0.182209431	0.8554184
Geracao	17.41603640	2281.8398775	0.007632453	0.9939102
ParcNipo1Sim	32.82981700	4563.6798542	0.007193716	0.9942603
Geracao:ParcNipo1Sim	-16.64037519	2281.8400835	-0.007292525	0.9941815

Apêndice D. Avaliação do efeito de interação entre sexo e parceiro nipo-descendente na chance de pertença

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	6.9831213	6.7194653	1.0392376	0.2986942
Idade	-0.1206356	0.1188285	-1.0152076	0.3100069
Sexo	-0.3596223	1.2898996	-0.2787986	0.7803994
ParcNipo1Sim	2.1206086	3.1110568	0.6816361	0.4954691
Sexo:ParcNipo1Sim	-1.3282806	1.7827216	-0.7450858	0.4562198

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-42.00503957	1.057822e+04	-3.970898e-03	0.9968317
Idade	0.08720917	1.823527e-01	4.782445e-01	0.6324762
Sexo	17.56830570	5.289109e+03	3.321600e-03	0.9973498
ParcNipo1Sim	-1.13504452	1.426712e+04	-7.955668e-05	0.9999365
Sexo:ParcNipo1Sim	0.92643931	7.133559e+03	1.298706e-04	0.9998964

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-42.00503957	1.057822e+04	-3.970898e-03	0.9968317
Idade	0.08720917	1.823527e-01	4.782445e-01	0.6324762
Sexo	17.56830570	5.289109e+03	3.321600e-03	0.9973498
ParcNipo1Sim	-1.13504452	1.426712e+04	-7.955668e-05	0.9999365
Sexo:ParcNipo1Sim	0.92643931	7.133559e+03	1.298706e-04	0.9998964

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	1.45886636	7.6948249	0.189590587	0.8496300
Idade	-0.04809195	0.1385899	-0.347009090	0.7285845
Sexo	0.07212996	1.4403818	0.050076976	0.9600610
ParcNipo1Sim	-34.37938217	5821.5852030	-0.005905502	0.9952881
Sexo:ParcNipo1Sim	17.06599263	2910.7927564	0.005863005	0.9953220

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-0.856191697	8.1688108	-0.104812281	0.9165248
Idade	-0.004514618	0.1452714	-0.031077128	0.9752080
Sexo	0.005748191	1.4267527	0.004028863	0.9967854
ParcNipo1Sim	-34.210430102	5833.9262608	-0.005864049	0.9953212
Sexo:ParcNipo1Sim	16.756601306	2916.9633034	0.005744536	0.9954165

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	2.13093900	8.0751414	0.263888755	0.7918656

Idade	-0.07224495	0.1481847	-0.487533093	0.6258806
Sexo	0.70903307	1.4135660	0.501591762	0.6159547
ParcNipo1Sim	-33.09742621	5808.2943717	-0.005698304	0.9954534
Sexo:ParcNipo1Sim	15.86780800	2904.1473531	0.005463844	0.9956405

Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-35.63558059	1.071617e+04	-0.0033254017	0.9973467
Idade	-0.04525229	2.309278e-01	-0.1959585558	0.8446426
Sexo	18.53968449	5.358083e+03	0.0034601337	0.9972392
ParcNipo1Sim	1.80953769	1.439199e+04	0.0001257322	0.9998997
Sexo:ParcNipo1Sim	-1.66141317	7.195997e+03	-0.0002308802	0.9998158

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	2.23688031	8.8058586	0.254021829	0.7994787
Idade	-0.08425597	0.1642001	-0.513129957	0.6078604
Sexo	1.25115984	1.4246700	0.878210288	0.3798296
ParcNipo1Sim	-31.70210635	5803.2105763	-0.005462856	0.9956413
Sexo:ParcNipo1Sim	14.51451938	2901.6055292	0.005002237	0.9960088

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-38.15075699	6498.8435947	-5.870392e-03	0.9953161
Idade	0.03893069	0.1509558	2.578946e-01	0.7964882
Sexo	17.43002627	3249.4191451	5.364044e-03	0.9957201
ParcNipo1Sim	-0.76013573	8728.9844057	-8.708181e-05	0.9999305
Sexo:ParcNipo1Sim	0.65279657	4364.4922938	1.495699e-04	0.9998807

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-0.39305039	6.7675310	-0.05807885	0.9536858
Idade	0.01682137	0.1195832	0.14066668	0.8881333
Sexo	-0.53209308	1.2485445	-0.42617070	0.6699835
ParcNipo1Sim	-2.10089187	3.2659944	-0.64326255	0.5200538
Sexo:ParcNipo1Sim	0.66338881	1.8515310	0.35829203	0.7201248

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	0.45610662	7.6729049	0.059443799	0.9525986
Idade	-0.02911175	0.1370163	-0.212469318	0.8317409
Sexo	0.04077911	1.4322086	0.028472882	0.9772850
ParcNipo1Sim	-34.52496171	5829.4392028	-0.005922519	0.9952745
Sexo:ParcNipo1Sim	17.14845441	2914.7197543	0.005883397	0.9953058

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-48.5457741	1.000194e+04	-4.853635e-03	0.9961274

Idade	0.1841342	1.693006e-01	1.087617e+00	0.2767643
Sexo	18.5208081	5.000968e+03	3.703445e-03	0.9970451
ParcNipo1Sim	-0.9338980	1.374070e+04	-6.796582e-05	0.9999458
Sexo:ParcNipo1Sim	0.6252811	6.870350e+03	9.101153e-05	0.9999274

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	11.1073859	8.6848188	1.278942728	0.2009172
Idade	-0.1252576	0.1443027	-0.868019824	0.3853835
Sexo	-3.0208497	1.6189831	-1.865893288	0.0620563
ParcNipo1Sim	-39.3791694	5754.1269124	-0.006843639	0.9945396
Sexo:ParcNipo1Sim	19.9497779	2877.0636683	0.006934076	0.9944675

Questão 14. Sinto-me excluído(a) das coisas.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-52.2469310	9.577947e+03	-5.454919e-03	0.9956476
Idade	0.2443609	1.782888e-01	1.370590e+00	0.1705027
Sexo	18.6605036	4.788970e+03	3.896559e-03	0.9968910
ParcNipo1Sim	-0.9564960	1.334944e+04	-7.165067e-05	0.9999428
Sexo:ParcNipo1Sim	0.6517289	6.674718e+03	9.764142e-05	0.9999221

Questão 15. Não sou valorizado(a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-50.86254798	9.814679e+03	-5.182293e-03	0.9958651
Idade	0.23531795	2.824581e-01	8.331076e-01	0.4047841
Sexo	17.77903536	4.907331e+03	3.622954e-03	0.9971093
ParcNipo1Sim	-0.03879612	1.357847e+04	-2.857179e-06	0.9999977
Sexo:ParcNipo1Sim	-0.24753786	6.789234e+03	-3.646035e-05	0.9999709

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-38.46444234	6495.9791144	-0.005921269	0.9952755
Idade	0.04456811	0.1983447	0.224700268	0.8222125
Sexo	17.42796963	3247.9848674	0.005365779	0.9957187
ParcNipo1Sim	35.55338500	6495.9701122	0.005473145	0.9956331
Sexo:ParcNipo1Sim	-18.49314542	3247.9852667	-0.005693728	0.9954571

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-32.435434	6398.6425427	-0.005069112	0.9959555
Idade	-0.089475	0.1435868	-0.623142004	0.5331912
Sexo	18.734083	3199.3193669	0.005855646	0.9953279
ParcNipo1Sim	35.983695	6398.6391447	0.005623648	0.9955130
Sexo:ParcNipo1Sim	-18.499160	3199.3196965	-0.005782217	0.9953865

Apêndice E. Avaliação do efeito de interação entre sexo e geração na chance de pertença

Questão 1. Muitas vezes pergunto-me se existe algum lugar neste mundo onde eu realmente me adapte.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	2.81347937	8.5875387	0.3276235	0.7431964
Idade	-0.04024137	0.1329077	-0.3027769	0.7620599
Sexo	-0.82163585	1.3020171	-0.6310484	0.5280089
Geracao1Sansei	2.02451066	3.4703570	0.5833724	0.5596426
Sexo:Geracao1Sansei	-0.78113836	1.9069953	-0.4096173	0.6820867

Questão 2. Não tenho certeza se me integro bem com meus amigos.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-43.9760615	9.557448e+03	-4.601235e-03	0.9963288
Idade	0.1082705	2.000623e-01	5.411837e-01	0.5883809
Sexo	17.9312023	4.778720e+03	3.752302e-03	0.9970061
Geracao1Sansei	0.5882692	1.430859e+04	4.111301e-05	0.9999672
Sexo:Geracao1Sansei	0.1121491	7.154295e+03	1.567577e-05	0.9999875

Questão 3. Eu diria que sou uma pessoa que não se adapta à maioria das situações sociais.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-43.9760615	9.557448e+03	-4.601235e-03	0.9963288
Idade	0.1082705	2.000623e-01	5.411837e-01	0.5883809
Sexo	17.9312023	4.778720e+03	3.752302e-03	0.9970061
Geracao1Sansei	0.5882692	1.430859e+04	4.111301e-05	0.9999672
Sexo:Geracao1Sansei	0.1121491	7.154295e+03	1.567577e-05	0.9999875

Questão 4. Sinto-me como uma peça de quebra-cabeças que não encaixa.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-36.24488732	5832.9099876	-0.006213860	0.9950421
Idade	0.01688699	0.1621925	0.104116956	0.9170765
Sexo	16.67179305	2916.4507401	0.005716467	0.9954389
Geracao1Sansei	34.10542333	5832.9019074	0.005847076	0.9953347
Sexo:Geracao1Sansei	-16.52662647	2916.4511108	-0.005666691	0.9954787

Questão 5. Gostaria de fazer diferença junto às pessoas ou coisas à minha volta, mas não sinto que o que tenho para dar seja valorizado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-40.44046422	5808.2127868	-0.006962635	0.9944447
Idade	0.08382957	0.1732765	0.483790646	0.6285345
Sexo	16.86378400	2904.1014431	0.005806885	0.9953668
Geracao1Sansei	35.26680765	5808.2033661	0.006071896	0.9951554
Sexo:Geracao1Sansei	-17.24803795	2904.1018396	-0.005939199	0.9952612

Questão 6. Sinto-me deslocado(a) na maioria das situações.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-23.55166168	10317.508406	-2.282689e-03	0.9981787

Idade	0.06352727	0.181483	3.500453e-01	0.7263047
Sexo	0.19046447	6113.185748	3.115634e-05	0.9999751
Geracao1Sansei	18.70112722	10317.502595	1.812563e-03	0.9985538
Sexo:Geracao1Sansei	0.18507613	6113.185925	3.027491e-05	0.9999758

Questão 7. Sinto-me perturbado(a) por sentir que não tenho lugar neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-25.58735954	1.699799e+04	-0.0015053171	0.9987989
Idade	0.08001497	2.433763e-01	0.3287705796	0.7423291
Sexo	0.23707531	1.007044e+04	0.0000235417	0.9999812
Geracao1Sansei	-18.34244059	2.450496e+04	-0.0007485196	0.9994028
Sexo:Geracao1Sansei	18.86268412	1.339045e+04	0.0014086669	0.9988760

Questão 8. Geralmente não me sinto como parte integrante da sociedade.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-25.63086385	1.028485e+04	-2.492098e-03	0.9980116
Idade	0.09662445	1.825257e-01	5.293746e-01	0.5965456
Sexo	0.28543716	6.090897e+03	4.686291e-05	0.9999626
Geracao1Sansei	19.08032358	1.028485e+04	1.855188e-03	0.9985198
Sexo:Geracao1Sansei	0.02378756	6.090897e+03	3.905429e-06	0.9999969

Questão 9. Sinto que observo mais a vida do que participo nela.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-37.56101079	5833.0664492	-6.439325e-03	0.9948622
Idade	0.01497949	0.1527937	9.803736e-02	0.9219026
Sexo	18.10175104	2916.5293802	6.206607e-03	0.9950479
Geracao1Sansei	0.58356282	8749.2333185	6.669874e-05	0.9999468
Sexo:Geracao1Sansei	-0.48488542	4374.6167158	-1.108407e-04	0.9999116

Questão 10. Se eu morresse amanhã, muito pouca gente viria ao meu funeral.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	2.13012058	9.2504696	0.2302716	0.8178807
Idade	-0.01585866	0.1433912	-0.1105972	0.9119358
Sexo	-1.59057661	1.4800099	-1.0747068	0.2825060
Geracao1Sansei	-2.93510477	3.6266127	-0.8093240	0.4183288
Sexo:Geracao1Sansei	2.13685849	2.0590018	1.0378128	0.2993572

Questão 11. Sinto-me como uma peça quadrada que tenta encaixar-se num buraco redondo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-37.90015142	5826.6806461	-0.006504587	0.9948101
Idade	0.04329887	0.1629301	0.265751195	0.7904308
Sexo	16.74977197	2913.3360063	0.005749344	0.9954127
Geracao1Sansei	34.41429944	5826.6724438	0.005906338	0.9952875
Sexo:Geracao1Sansei	-16.66178083	2913.3363758	-0.005719141	0.9954368

Questão 12. Não sinto que haja algum lugar onde eu realmente me encaixe neste mundo.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-50.9280749	9.387239e+03	-0.0054252454	0.9956713

Idade	0.2048717	1.839586e-01	1.1136835467	0.2654150
Sexo	19.0649526	4.693616e+03	0.0040618903	0.9967591
Geracao1Sansei	2.0785553	1.397411e+04	0.0001487433	0.9998813
Sexo:Geracao1Sansei	-0.7845636	6.987057e+03	-0.0001122881	0.9999104

Questão 13. É desconfortável saber que minha história e experiência são muito diferentes das pessoas que estão habitualmente à minha volta.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	9.4004827	10.3758089	0.90599999	0.3649359
Idade	-0.1628404	0.1599974	-1.01776892	0.3087878
Sexo	-1.1338287	1.6954464	-0.66874933	0.5036554
Geracao1Sansei	0.2060702	3.8159570	0.05400222	0.9569334
Sexo:Geracao1Sansei	0.1498946	2.1901098	0.06844158	0.9454341

Questão 14. Sinto-me excluído(a) das coisas.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-55.5816924	9.232834e+03	-0.0060200036	0.9951968
Idade	0.2782836	2.002646e-01	1.3895795199	0.1646566
Sexo	19.2680742	4.616412e+03	0.0041738199	0.9966698
Geracao1Sansei	2.7817213	1.366480e+04	0.0002035684	0.9998376
Sexo:Geracao1Sansei	-1.0625876	6.832400e+03	-0.0001555219	0.9998759

Questão 15. Não sou valorizado(a) por meus amigos nem me sinto importante no meio deles.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	-50.9928673	9.421859e+03	-0.0054121877	0.9956817
Idade	0.2196802	2.847303e-01	0.7715379813	0.4403881
Sexo	18.2202047	4.710921e+03	0.0038676526	0.9969141
Geracao1Sansei	3.0456375	1.402473e+04	0.0002171619	0.9998267
Sexo:Geracao1Sansei	-1.6678143	7.012366e+03	-0.0002378390	0.9998102

Questão 16. Habitualmente as outras pessoas reconhecem as minhas forças, o meu potencial e pontos fortes.

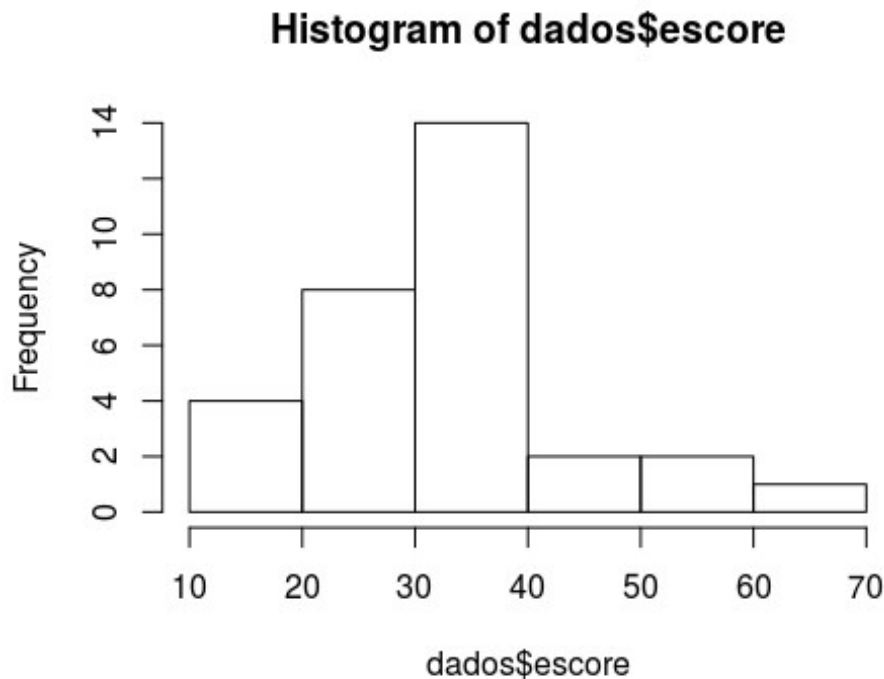
	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	11.84064193	3.781790e+03	0.003130963	0.9975019
Idade	0.07898902	2.126843e-01	0.371391007	0.7103463
Sexo	-17.94708729	3.781766e+03	-0.004745690	0.9962135
Geracao1Sansei	-53.71572008	1.135103e+04	-0.004732232	0.9962242
Sexo:Geracao1Sansei	36.04797437	6.552694e+03	0.005501245	0.9956107

Questão 17. Consigo adaptar-me em qualquer lado.

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)
(Intercept)	3.14026565	10.1063751	0.310721265	0.7560125
Idade	-0.06323115	0.1560473	-0.405204971	0.6853269
Sexo	-0.76593673	1.6404341	-0.466911011	0.6405635
Geracao1Sansei	-37.08140387	6497.1320933	-0.005707350	0.9954462
Sexo:Geracao1Sansei	19.48209881	3248.5661956	0.005997138	0.9952150

Apêndice F. Avaliação do efeito de geração e parceiro(a) nipo-descendente no escore global de pertença

Comportamento do Escore Global:



1. Teste t-Student comparando escores segundo parceiro(a) nipo-descendente

Welch Two Sample t-test

data: dados\$escore by dados\$ParcNipo
 t = -0.45327, df = 21.423, p-value = 0.6549

95 percent confidence interval:

-10.405915 6.677845

sample estimates:

mean in group 1	mean in group 2
33.05263	34.91667

2. Teste t-Student comparando escores segundo geração

Welch Two Sample t-test

data: dados\$escore by dados\$Geracao

t = -0.50256, df = 28.905, p-value = 0.6191

95 percent confidence interval:

-9.447059 5.720563

sample estimates:

mean in group 1 mean in group 2

32.69231 34.55556

3. Teste de interação de 2ª ordem

	Pr(> t)
(Intercept)	0.423
dados\$Idade	0.476
dados\$Geracao	0.339
dados\$ParcNipo	0.621
dados\$Idade:dados\$Geracao	0.344
dados\$Idade:dados\$ParcNipo	0.630
dados\$Geracao:dados\$ParcNipo	0.446
dados\$Idade:dados\$Geracao:dados\$ParcNipo	0.455

Residual standard error: 11.68 on 23 degrees of freedom

Multiple R-squared: 0.08791, Adjusted R-squared: -0.1897

F-statistic: 0.3167 on 7 and 23 DF, p-value: 0.9388

4. Testes de interação de 1ª ordem

	Estimate	Std. Error	t value	Pr(> t)
(Intercept)	41.93963	141.44558	0.297	0.769
dados\$Idade	-0.09947	2.38401	-0.042	0.967
dados\$Geracao	-64.30395	79.22493	-0.812	0.425
dados\$ParcNipo	59.41792	91.19640	0.652	0.521
dados\$Idade:dados\$Geracao	1.11226	1.45878	0.762	0.453
dados\$Idade:dados\$ParcNipo	-1.12437	1.46598	-0.767	0.451
dados\$Geracao:dados\$ParcNipo	2.77333	10.58554	0.262	0.796

Residual standard error: 11.57 on 24 degrees of freedom

Multiple R-squared: 0.06496, Adjusted R-squared: -0.1688

F-statistic: 0.2779 on 6 and 24 DF, p-value: 0.9418

	Estimate	Std. Error	t value	Pr(> t)
(Intercept)	29.916004	131.277596	0.228	0.822
dados\$Idade	0.009645	2.303212	0.004	0.997
dados\$Geracao	-66.208106	77.407382	-0.855	0.400
dados\$ParcNipo	73.834675	71.356461	1.035	0.311
dados\$Idade:dados\$Geracao	1.213266	1.380462	0.879	0.388
dados\$Idade:dados\$ParcNipo	-1.300585	1.278081	-1.018	0.319

Residual standard error: 11.35 on 25 degrees of freedom

Multiple R-squared: 0.06228, Adjusted R-squared: -0.1253

F-statistic: 0.3321 on 5 and 25 DF, p-value: 0.8887

	Estimate	Std. Error	t value	Pr(> t)
(Intercept)	-39.6851	104.2420	-0.381	0.707
dados\$Idade	1.2304	1.8292	0.673	0.507
dados\$Geracao	1.6940	4.7623	0.356	0.725
dados\$ParcNipo	51.4276	66.3542	0.775	0.445
dados\$Idade:dados\$ParcNipo	-0.8948	1.1865	-0.754	0.458

Residual standard error: 11.31 on 26 degrees of freedom
 Multiple R-squared: 0.03331, Adjusted R-squared: -0.1154
 F-statistic: 0.224 on 4 and 26 DF, p-value: 0.9225

5. Modelo aditivo

	Estimate	Std. Error	t value	Pr(> t)
(Intercept)	33.09373	39.08196	0.847	0.405
dados\$Idade	-0.06107	0.63744	-0.096	0.924
dados\$Geracao	1.27876	4.69244	0.273	0.787
dados\$ParcNipo	1.49730	4.31800	0.347	0.731

Residual standard error: 11.21 on 27 degrees of freedom
 Multiple R-squared: 0.01217, Adjusted R-squared: -0.09759
 F-statistic: 0.1109 on 3 and 27 DF, p-value: 0.953